

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

JULIANA MARA ROSADO

NEGOCIAÇÕES CULTURAIS EM *WHITE TEETH* (2000), DE ZADIE SMITH

MARINGÁ - PR
2012

JULIANA MARA ROSADO

NEGOCIAÇÕES CULTURAIS EM *WHITE TEETH* (2000), DE ZADIE SMITH

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. THOMAS BONNICI

MARINGÁ
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

R788n Rosado, Juliana Mara
Negociações culturais em White Teeth (2000), de
Zadie Smith / Juliana Mara Rosado. -- Maringá, 2012.
192 f.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Bonnici.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-Graduação em Letras, 2012.

1. Smith, Zadie, 1975-. White Teeth -
Multiculturalismo. 2. Smith, Zadie, 1975-. White
Teeth - Diversidade ética. 3. Smith, Zadie, 1975-.
White Teeth - Contexto social. 4. Multiculturalismo.
5. Diversidade ética. 6. Contexto social. 7.
Literatura inglesa. 8. Smith, Zadie, 1975-. White
Teeth - Análise interpretativa. I. Bonnici, Thomas,
orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de
Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 21.ed. 823.92

AMMA-00344

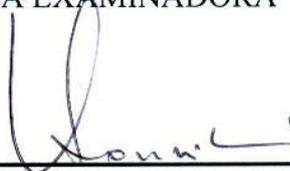
JULIANA MARA ROSADO

NEGOCIAÇÕES CULTURAIS EM *WHITE TEETH* (2000), DE ZADIE SMITH

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em **06 de março de 2012.**

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thomas Bonnici
Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Presidente -



Prof. Dr. Alexandre Villibor Flory
Universidade Estadual de Maringá – UEM



Prof.ª Dr.ª Cleide Antônia Rapucci
Universidade Estadual Paulista – UNESP-FCL/Assis-SP

À minha família, sempre ao meu lado.
Aos professores, exemplos de humanidade.
Aos amigos e todos os que se dedicam a compreender a natureza humana.

AGRADECIMENTOS

À minha família querida pelo apoio constante, e aos amigos pela compreensão da tarefa da pesquisa. Aos professores, em especial ao Professor Thomas Bonnici, pela orientação cuidadosa e ensinamentos partilhados. E a Deus que me guiou e fortificou por este e por outros percursos.

RESUMO

O estudo de produções literárias tomou novos parâmetros com o desenvolvimento dos estudos culturais ao questionar a interação social que espelha a herança de subjugação às quais algumas culturas ainda estão, de alguma forma, submetidas. Considerando o retrato e denúncia que a literatura oferece ao leitor de um preconceito muitas vezes velado, o objetivo aqui é demonstrar a forma como as relações sociais entre culturas variadas se configuram permeadas por desigualdades entre o ambiente 'branco' e os imigrantes que convivem no território inglês na contemporaneidade. A presença contemporânea da variedade étnica é revisitada em teóricos como Hall (2003), bem como seus estudos sobre identidade contemporânea, enquanto a herança colonial sob os aspectos levantados por Gilroy (2001). Conceitos essenciais como os esclarecimentos de Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2000) embasam o desenvolvimento de vários âmbitos do multiculturalismo como define Heckmann (1993), dentre textos de sociologia e artigos que ilustram de forma mais ampla, além da literatura, os efeitos da presença de muitas culturas em um mesmo país. Uma análise do romance em questão se divide em estudos específicos das famílias da narrativa e a partir da identificação de características singulares de cada uma delas e a forma como negociam seus aspectos culturais com os de outras culturas. Resultados indicam a manutenção de relações de desigualdade valorativa no que se refere às culturas exógenas, enquanto a superioridade 'branca' é constantemente reafirmada perante a sociedade que recebe, mas não aceita, e menos ainda valoriza as etnias que também compõe a sociedade inglesa contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: multiculturalismo; diversidade étnica; contexto social.

ABSTRACT

The studies on literary productions have taken new parameters with the development of cultural studies which question the subjugation that the colonial heritage still submit some cultures nowadays. With regard to the portrait that literature offers to the reader about this veiled condition, the objective of this dissertation is to show the way in which the social relationship between different cultures are still permeated by inequalities when the 'white' environment and the immigrants living in the English contemporary territory are compared. The presence of ethnic variety is analysed through theories such as Hall's (2003) on contemporary identity, on the colonial heritage studied by Gilroy (2001). Essential concepts from Ashcroft, Griffiths and Tiffin (2000) foreground the development of many areas of multiculturalism as defined by Heckmann (1993), in which sociology texts and essays show, through literature, the effects of the presence of many and different cultures in the same country. The analysis of the novel is divided into specific studies of the three families, ranging from the identification of their singular characteristics and the way that they deal with the cultural aspects of the other cultures. The results indicate the maintenance of inequality relationships between the native 'white' and the exogenous cultures. English superiority is constantly reaffirmed: the society which receives but fails to accept or recognize the value of the different ethnic people who which are also part of the English contemporary scene.

KEYWORDS: multiculturalism; ethnic diversity; social context.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: FATORES HISTÓRICOS E <i>WHITE TEETH</i> (2000)	9
1.1 A problematização.....	9
1.2 Aspectos históricos do imperialismo.....	10
1.3 Imigração.....	15
1.4 Reação.....	16
1.5 <i>White Teeth</i> (2000).....	17
1.6 Zadie Smith (1975-).....	19
1.7 A fortuna de <i>White Teeth</i> (2000).....	21
1.8 Objetivos e Metodologia.....	23
O MULTICULTURALISMO E A SOCIEDADE	27
2.1 O Reino Unido multicultural.....	27
2.2 O que é Multiculturalismo.....	33
2.3 Identidade Individual e Identidade Cultural.....	42
2.4 Identidade cultural exógena no contexto de um ambiente branco hegemônico.....	48
2.5 Possibilidades.....	51
2.6 Efeitos no sujeito diaspórico.....	57
2.7 Efeitos no sujeito ‘branco’ produzidos pela presença diaspórica.....	62
2.8 Conclusão sobre a teoria exposta.....	66
AS FAMÍLIAS EM <i>WHITE TEETH</i> (2000)	68
3 Relações culturais e familiares em <i>White Teeth</i> (2000).....	68
3.1 A família Iqbal, de Bangladesh.....	69

3.1.1	A identidade cultural e as tensões na família bangladeshiana dos Iqbal.....	72
3.1.2	Negociações culturais na família Iqbal: influências étnicas e contexto inglês.....	92
3.1.3	Conclusões sobre a família Iqbal.....	108
3.2	A família Bowden, da Jamaica.....	112
3.2.1	A identidade cultural e as tensões na família jamaicana das Bowden.....	115
3.2.2	Negociações culturais na família Bowden: influências étnicas e contexto inglês.....	136
3.2.3	Conclusões sobre a família Bowden.....	146
3.3	A família Chalfen, da Inglaterra.....	150
3.3.1	A identidade cultural e as tensões na família inglesa dos Chalfen.....	151
3.3.2	Negociações culturais na família Chalfen.....	166
3.3.3	Conclusões sobre a família Chalfen.....	171
	RESULTADOS E CONCLUSÃO.....	173
4.1	Um olhar sobre a trajetória percorrida.....	173
4.2	Resultados da pesquisa.....	175
4.3	Temas futuros.....	184
	REFERÊNCIAS.....	187

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO: FATORES HISTÓRICOS E *WHITE TEETH* (2000)

1.1 - A problematização

A coexistência de variadas culturas em um mesmo ambiente físico, sempre marcou e continua marcando a história da humanidade de maneira característica na atualidade. Londres, na Inglaterra, pode ser considerada essencialmente mantenedora de cidadãos de diferentes etnias convivendo nas formas mais variadas em suas diferenças, fazendo com que seja comparada a um vaso de fundição de metais, dentro do qual, matérias-primas diferentes misturam-se em um só espaço, o famoso *melting pot*.

A comparação em torno da combinação de matérias diferentes pode, entretanto, gerar discussões acerca da respectiva real mistura. A partir de questionamentos como os de Correia (2011), a convivência entre etnias diferentes não significa exatamente que elas se misturem, denunciando que, mesmo em um espaço comum, as diversas e diferentes culturas e comunidades continuam reservando-se em suas particularidades e, de alguma forma, sendo reservadas de um todo igualitário na convivência social.

Em se tratando de indivíduos que formam a população, pensa-se em cidadãos vindos de terras diferentes ou seus descendentes que assumem uma vida tão completa no novo território, quanto os que nasceram e surgiram de famílias daquele país. Por outro lado, o fato de os primeiros trazerem consigo toda uma bagagem cultural da terra de origem, isso os impossibilita, muitas vezes, de serem reconhecidos como reais cidadãos e com plena igualdade de condições sociais na cultura hegemônica.

Buscando discutir as diferenças entre os cidadãos ingleses nascidos em território nacional e os imigrantes vindos de diferentes lugares do planeta, ou mesmo seus descendentes já nascidos em terra inglesa, os estudos culturais preocupam-se não somente

com a convivência das diferenças em questão, mas, ainda, com as marcas deixadas pelas relações entre indivíduos no exercício do poder. Marcas estas ligadas de maneira profunda e declarada aos períodos coloniais, quando o império britânico dominava e subjugava povos violenta e comercialmente, afirmando com veemência a superioridade da ‘raça branca’ sobre as ‘outras’ que habitavam o planeta.

Se tais marcas continuam a definir o modo como os indivíduos se expressam, delineando suas relações com o mundo, abre-se o espaço para a questão da existência de uma real sublimação do imperialismo hegemônico ‘branco’ na contemporaneidade. Quando observadas as culturas antes dominadas fixando-se em novos territórios, é possível questionar a existência de real voz ativa das mesmas culturas e de seus integrantes ou se há, somente, a simples convivência com as antigas afirmações de conceitos como diferença, raça, inferioridade, escravidão, gênero e domínio, entre outros, de modo mais velado. Pergunta-se, mesmo com tantos avanços e força adquirida ao longo do convívio trágico entre dominador e dominado em tempos coloniais, se as cicatrizes deixadas pelos mesmos não continuariam dolorosas para indivíduos que, atualmente, ainda são vistos de maneira preconceituosa e não são verdadeiramente tratados como iguais, por conta da cor da pele ou do lugar de onde trazem raízes e história. A sociedade hegemônica encara, verdadeiramente, a multiplicidade de origens sem desrespeitar cada qual em sua particularidade, bem como reconhecer a história e a posição coeva de cada um, valorizando a caracterização de uma sociedade marcada pela pluralidade étnica, ao invés de solapar e inferiorizar tais valores da diferença?

1.2 - Aspectos históricos do imperialismo

Acreditando que reflexos oriundos de tempos de domínio e de exploração de uma nação por outra, ainda residem veladamente em atitudes e conceitos, as ações de soberania colonial remetem a um discurso de poder desde a definição do termo ‘imperialismo’. Em *The New Encyclopaedia Britannica* (1993, p. 272-3), o imperialismo é uma política de expansão de poder e dominação resultante, em especial, da aquisição de território e controle político e econômico de outras áreas. Por meio de invasões, guerras, exploração e violência extrema, as nações mais poderosas em armamento e força exploratória e política,

fundaram história e argumentos para sustentarem a subjugação de tantas outras, pautando as ações de conquista imperial e justificando sua existência, através de argumentos de superioridade.

No primeiro grupo dos argumentos, encontram-se os econômicos. Estes auxiliariam a população imperialista, beneficiando um povo pelo trabalho exploratório de outro mais fraco. Ligado ao enganoso benefício de toda uma população, na visão marxista, as práticas imperialistas resultam de um estado de competição entre as economias monopolistas das nações, que necessitam aumentar poder e prestígio perante o enfraquecimento de outras.

Um segundo grupo de justificativas imperiais funda-se na existência do imperialismo, como consequência natural do sentimento de sobrevivência, fazendo com que a superioridade de um prevaleça sobre o outro, dominado e subjugado, com a finalidade de garantir a manutenção da existência da nação, na tentativa de eliminação dos possíveis riscos oferecidos por outras nações.

Um terceiro grupo de argumentos do domínio imperialista exalta o desenvolvimento e a prática de estratégias de segurança da nação, pressupostamente ligadas aos atos imperialistas, oferecendo ainda, progresso de ações focadas na manutenção de fronteiras, bem como a preservação do controle enquanto fortalecimento do império. Tal argumento é combatido pelas justificativas exatamente opostas, afirmando que o domínio imperial resulta em graves consequências, em relação à insegurança gerada na reação hostil dos povos subjugados, ocasionando possíveis ações resistente ao poderio dominador.

Finalmente, o quarto grupo de argumentos justificadores das práticas imperialistas pauta-se nos princípios morais e religiosos, que oferecem o alcance de graças superiores, pela conversão da fé ou como uma forma de libertação de regime interno de tirania da própria conduta nacional. Tal justificativa misturada aos princípios de humanitarismo alegados pelos imperialistas, mantém a dificuldade de eliminação de ações pautadas no domínio de outros povos. Em qualquer circunstância, as consequências dos regimes imperiais são inegáveis, em especial com a emergência de estudos que buscam a reinterpretação, sob o viés pós-colonial, de fatos históricos, antes considerados absolutamente sob um único foco: o do discurso do colonizador.

Por exemplo, na história da colonização da África do Sul pelo império britânico, é perceptível que a situação dos imigrantes ou descendentes sul-africanos na Inglaterra atual continua espelhando, de outras formas, a superioridade imposta pelos colonizadores de

outrora. A força britânica exercida a partir do século XVII, que aumentou e foi fortalecida durante os trezentos anos seguintes, ao redor de todo o mundo dividia espaço com os outros europeus colonizadores, que desde o século XV, dominavam a África do Sul, depois da sua ‘descoberta’ em 1488. Eles subjugarão os habitantes das tribos Xhosa e Zulu, dentre outras, por meio do trabalho escravo, da expulsão de povos para terras mais distantes e do genocídio de tribos.

De acordo com a Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1995, p.100), a partir de 1814, a África do Sul passou a ser dominada pelos britânicos, depois de guerras e lutas com os holandeses pelo poder. Com a alegação de protegerem mais os africanos do que os holandeses, mesmo reprimindo-os, os ingleses promovem que a escravatura na África do Sul seria abolida em 1834. Esse fato abriu espaço para a continuidade da subjugação dos nativos, por conta da compensação aos colonos pela perda de seus escravos. Com a descoberta da abundância de diamante e ouro no final do século, os conflitos entre holandeses, britânicos e nativos voltaram a se intensificar, culminando em uma independência limitada com a criação da União Sul-africana em 1910. No entanto, a política de segregação racial que eliminava a igualdade entre os indivíduos ainda persistia. Com as eleições de 1948, o regime *apartheid* foi tornado oficial, separando os indivíduos em três categorias, limitando seus direitos e atuações enquanto cidadãos.

Até o ano de 1994, a realidade de lutas, violência, repressão, banimento de líderes da oposição, resistência, embargos comerciais de outros países que excluía a África por conta do regime de segregação eram parte intrínseca da história do país. No mesmo ano, com a conquista de eleições livres e a vitória de um dos líderes da oposição, Nelson Mandela, o país declarou sua independência e abandonou a *Commonwealth*, visto que desde 1961, por meio de um turbilhão de ações sociais, vinha empenhando intentos para desprender-se cada vez mais de seu dominador. As marcas de um passado de sofrimento e perdas de cultura e nacionalidade, em função do domínio branco, ainda estruturam muitas questões em relação à igualdade entre indivíduos na atualidade, bem como em espaços diferenciados.

O Caribe, também alvo do domínio branco, primeiramente colonizado pelos espanhóis no século XVI em busca de ouro, passa a ser visto pelo potencial de exploração de açúcar pelos índios, quase dizimando toda a população nativa. A chegada de exploradores franceses, holandeses e ingleses torna a colônia um grande pólo de produção,

em função das nações dominadoras em detrimento de uma nação, sua população, cultura e tudo mais que fora destruído violentamente durante as ações ‘brancas’. Os efeitos das relações no choque cultural do domínio e da subjugação dos povos caribenhos e exploradores perduram no presente, traçando a trajetória de injustiça e dificuldades em reerguer o Caribe.

Parte integrante das ilhas caribenhas, a história da Jamaica é marcada pela mesma exploração e violência imperialista, em princípio pelos espanhóis, desde a ‘descoberta’ por Cristóvão Colombo em 1494 e a utilização da ilha pela própria família, até a invasão e dominação inglesa em 1655. Por duzentos anos, a exploração do cultivo e comércio do açúcar e o intenso trabalho escravo convergiram no aumento do número da população ‘negra’, bem como o crescimento de revoltas e de insatisfação contra os colonizadores, culminando na abolição da escravatura em 1834. A Jamaica ficou independente em 1962, juntamente com outros países na África do Sul e na América Central.

A conquista da independência jamaicana não assegurou, porém, tempos de tranquilidade e riqueza nacional, mesmo diante de conquistas consideráveis na recuperação da nação, uma vez que a economia desestabilizada continuava sendo motivo de revolta para a população. O turismo, encarado como grande riqueza de prosperidade acaba sendo desestimulado em função das rebeliões e violência popular, exigindo ainda mais empenho no desenvolvimento do país.

Também dominado pelos britânicos, o subcontinente indiano, incluindo Paquistão e Bangladesh, sofreu profunda degradação com a conquista europeia, especialmente em função do comércio. No século XVII, os ingleses iniciaram seus contatos em busca de acordos para exploração do comércio com a região asiática. Setenta anos depois, a Companhia das Índias Orientais alcança alguns direitos, como a formação de exército e o de jurisdição sobre as áreas de atuação. Dessa forma, em meio século já havia muitas cidades sob o comando da respectiva Companhia, que exercia considerável poder no subcontinente.

A revolta dos indianos começa a tomar força em repúdio ao sofrimento e às dificuldades devido ao domínio europeu, em contraposição com o crescente poder colonizador. Os britânicos venceram os rebeldes em Bengala, em 1757, tornaram o estado num protetorado inglês e monopolizaram o comércio. De acordo com *The New Encyclopaedia Britannica* (1993, p.86), o ano de 1765 é um marco da dominação territorial

da Índia pelo império britânico. A grande fome entre 1769 e 1773 causou milhões de mortes de indianos, devido aos valores baixíssimos pagos pelos fazendeiros pelo trabalho, ocasionando a falta de subsídio para a sobrevivência do povo.

A Revolta dos Sipaios ou Sipais, em 1857, entre Hindus e Muçulmanos, fora impulsionada pela imensa insatisfação com as condições de colônia. Fato este considerado, por alguns estudiosos, o início dos atos pela independência da Índia. Em 1876, a rainha Vitória foi proclamada imperatriz da Índia, oficializando o poderio britânico (GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1995, p.3130). A partir dessa oficialização, os indianos conseguiram exercer mais ações perante a nação com a criação do *Indian Council Acts* e do Partido do Congresso Nacional Indiano em 1895, com forças para aconselhamento aos governos britânicos. Depois de 1935, a separação de eleitorados, a revisão da constituição e o estabelecimento de maior autonomia das províncias, culminaram com sua independência em 1947 e a soberania da Índia e Paquistão, com destaque para as atividades de Mahatma Gandhi (1869-1948).

Em 1947, a divisão do território indiano resulta na criação do Paquistão Oriental e Ocidental, ambos territorialmente separados pela Índia. A Liga Awami, de 1949, foi criada para a independência do Paquistão Oriental e a independência de Bangladesh finalmente ocorreu em 1971.

A história da colonização conflituosa da África, Índia e do Caribe demonstra que o domínio e a subjugação fizeram parte da realidade de territórios tão distintos, enfraquecendo culturas, povos e nações em função de interesses econômicos e de poder. Relações tais que certamente continuam marcadas na atualidade de algumas maneiras. A partir da obsessão pelo domínio do mundo, os colonizadores destruíram não somente um território, mas toda a gama de características de dignidade de nações inteiras, na busca por fazer valer a ideologia do poder eurocêntrico, pois “o legado do imperialismo foi construir as estruturas científicas sobre crenças existentes e herdadas, com a finalidade de indicar e consolidar os supostos donos do mundo” (BONNICI, 2009, p.258).

1.3 - Imigração

Dentre os resultados da interferência colonial em outros povos, destacam-se a partida e a permanência de indivíduos subjugados em territórios dominados pelas nações colonialistas. Devido à escravidão em plantações do Novo Mundo, após a emancipação e independência política, grupos de sujeitos ex-colonizados começaram a emigrar para o Reino Unido.

A emigração constitui-se, dessa maneira, um fato inegável que influencia o presente na Inglaterra contemporânea, pois a herança do colonialismo britânico é notória, em relação ao quadro da variedade de etnias existentes no país nos dias de hoje:

Milhões de africanos, oriundos de várias tribos e nações, foram escravizados e involuntariamente foram transportados às fazendas do Novo Mundo como solução à escassez de mão-de-obra na produção de mercadorias para as metrópoles [...] Após a abolição da escravatura no Caribe em 1834, milhares de trabalhadores da Índia e do sudeste asiático foram contratados (quase escravos) e levados àquela região para trabalharem em fazendas. Por outro lado, a partir de 1948, no caso dos Caribenhos, e especialmente a partir dos anos 1960s, no caso de árabes, africanos e sul-americanos, começou-se uma migração maciça para os centros metropolitanos à procura de trabalho e estudo. A fome e as guerras civis na África e na Ásia provocaram novas ondas diaspóricas para os centros metropolitanos e formaram um contingente de ‘imigrantes ilegais’ na Europa, nos Estados Unidos e no Canadá [...] (BONNICI, 2009, p. 278).

A presença de indivíduos originários de outras colônias dominadas pelos ingleses leva, assim, à manutenção da ordem capitalista vigente no Ocidente. Enquanto o estigma de inferioridade perdura, mantido pelas condições mínimas de vida social aos imigrantes e seus descendentes, as bases do trabalho braçal se perpetuam em tais condições, como demonstra Hall (2003), a respeito dos chamados ‘filhos do Império’ e suas relações e reações, a partir dos anos de 1960, referindo-se ao contexto encontrado no Ocidente, que mantinha a diferença entre subjugados do pós-colonialismo e dominadores hegemônicos.

1.4 – Reação

O atual contexto social londrino configura a coexistência entre indivíduos brancos, nascidos no próprio país e descendentes de outras etnias não-brancas, que convivem entre si. O estudo de como as relações entre tais indivíduos são recriadas na literatura contribui para o descortinamento de relações e comportamentos pós-guerra e contemporâneo, quando populações, antes sob o domínio inglês, sofriam pelo não-reconhecimento de sua humanidade.

Nesse contexto, a arte e a literatura passam a ser instrumentos de revide às condições hostis sofridas pelos povos imigrantes ou descendentes, garantindo uma forma de superação da ideologia hegemônica, de maneira a manter a individualidade e força dos ex-subjugados, em sua busca pela afirmação enquanto sujeitos. Tal postura diante da criação artística pontua uma atitude à vista da literatura, que vai além da criação por si só, onde técnicas como a re-escrita e a releitura de obras canônicas, antes consideradas apenas em sua afirmação de valores eurocêntricos, passam a ser reconsideradas exatamente por esse viés oposto, uma vez que são formadas sobre um discurso de poder, diferença, inferioridade e controle destrutivo do outro, relegando as novas obras o mesmo poder de discussão, mas agora contestando as bases imperiais com o poder questionador do inferiorizado (BONNICI, 2009).

Conquistas significativas acontecem, no campo das artes, com a emergência dos estudos culturais na Inglaterra a partir de 1950, como demonstra Cevasco (2009), ou como resultado de um novo contexto em que valores hegemônicos passam a ser invertidos, com a ascensão das culturas subordinadas a um patamar de igualdade, cada vez mais conquistado por meio da resistência aos padrões imperialistas. Em sua afirmação sobre a acomodação da sociedade acolhedora dos que ajudaram a ganhar guerras, a autora demonstra sua crença na superação da forte tendência à desigualdade, pois “a consciência de que uma sociedade injusta é indigna do conceito de sociedade começa a ganhar adeptos mesmo entre os que se beneficiam das desigualdades” (CEVASCO, 2009, p. 319).

Esse enfoque induz à crença numa época marcada pela recompensa e pelo passado de injustiças. Todavia, o preconceito das nações europeias impede as reais conquistas dos povos na diáspora e sua precária condição. De acordo com Hall (2003) e corroborado pelo romance analisado, abre-se uma ampla discussão em termos de real convívio igualitário

entre variadas culturas no espaço ocidental e as formas que tais indivíduos adotam para reagir ou não às diferenças, que continuam rotuladas em razão de suas origens e etnias, além da forma como os mesmos mantêm suas características de ligação com a terra natal, no caso dos imigrantes, por exemplo, ou a ambiguidade dos descendentes divididos entre a terra natal e as raízes étnicas. O ponto de aceitação de uma unicidade individual, em contraste com a fragmentação do sujeito inserido num contexto, torna-o multifacetado.

1.5 - *White Teeth* (2000)

Com profunda visão a respeito do contexto diaspórico na Inglaterra, a inglesa Zadie Smith estreia no âmbito literário com *White Teeth* em 2000, traduzido por José Antonio Arantes e publicado em 2003 no Brasil, com o título *Dentes Brancos*. Traduzido em outras 20 línguas, o livro retrata facetas de uma Londres multicultural aos olhos de três famílias e, conseqüentemente, as relações vividas entre elas em suas características étnicas.

O convívio entre as famílias do inglês Archibald Jones, depois de seu segundo casamento, agora com uma jamaicana e não fadado ao insucesso como o primeiro, a família bangladeshiana de Samad Iqbal, cujos filhos gêmeos levam a narrativa a uma das maiores ironias da obra, retratando como as diferentes culturas do inglês e do muçulmano se encontraram durante a Segunda Guerra Mundial, dando continuidade a um pacto de amizade quase silencioso por muitos anos, agora em Londres. O britânico Archibald Jones reencontra o bangladeshiano Samad Iqbal e ambos compartilham pontos-de-vista e experiências diferentes ao longo de décadas, metaforizando o emaranhado de influências variadas e relacionadas às origens culturais de, em especial, descendentes de jamaicanos, bengalis e ingleses nativos em Londres.

Ao conhecer Archibald Jones, logo depois de ser salvo de uma tentativa de suicídio, Clara Bowden, descendente de jamaicanos imigrantes, encontra no inglês, a estabilidade e a segurança acolhedoras, afastando-a do cerceamento da mãe, Hortense Bowden, bem como de sua extremada dedicação religiosa como Testemunha de Jeová e do desapontamento com a mudança de comportamento do namorado Ryan Topps. Não arrebatada por grande paixão, porém conquistada pelo homem que lhe oferece a união estável desejada com o casamento, Clara dá à luz Irie Jones, fruto da interação de uma

descendente com um inglês, retratando uma nova geração de ingleses descendentes de ex-colonizados, ao lado dos filhos de Samad e Alsana.

As famílias Jones e Iqbal tornam-se um núcleo onde o patriarcalismo ainda persiste no contraste entre os maridos e as esposas, ambas mais jovens. Alsana Iqbal, a qual dá a luz aos gêmeos Magid e Millat, sofre um grande golpe, quando o marido Samad envia um dos filhos a Bangladesh, em busca das raízes muçulmanas que o pai julga perdidas com a vida no Ocidente. O embate entre o contexto londrino e a etnia das origens continua entre as gerações dos pais, mais profundamente, quando a família Chalfen, de origem judaica, aproxima-se de Irie e Millat, nascidos em solo inglês, alvos de heranças hegemônicas de desigualdade pautada nas suas etnias.

O tratamento conferido a Millat e Irie, por conta de suas ascendências, é claramente marcado pela excentricidade, pois aos olhos dos Chalfen, os jovens carregam a alteração característica dos indivíduos sem a ‘pureza racial’ dos ingleses. Em muitos e variados momentos, a família de Joyce e Marcus Chalfen reitera as diferenças étnicas das famílias Iqbal e Bowden, retratando a continuidade do discurso diferenciador dos indivíduos de acordo com suas origens culturais.

Os conflitos dos filhos retratados, desde a infância até tornarem-se jovens adultos, perpassam variadas experiências sociais, levando Magid Iqbal a aproximar-se, ironicamente, da postura inglesa enquanto vive em Bangladesh. Por outro lado, seu irmão, Millat Iqbal, opta pelo fundamentalismo islâmico, afiliando-se ao mesmo em tempos escolares. A paixão reprimida de Irie por Millat, que a renega como mulher, marca mais um conflito da personagem em confluência com seu apego às origens jamaicanas, em um contexto ‘branco’ que a exclui como indivíduo e como mulher fora dos padrões de beleza do ambiente. Em um arrebatamento em defesa do amado, Irie Jones entrega-se primeiramente ao que ama e, depois, a Magid. Uma vez estando grávida, mantém consigo o segredo sobre a paternidade biológica de sua filha, decide abandonar o Reino Unido, optando pelo companheirismo do filho dos Chalfen, juntamente com a avó, Hortense, de volta a uma ilha do Caribe, reunindo-se em família com personagens-símbolos da ambiguidade de sua origem.

Em seus aspectos literários, *White Teeth* (2000) é um romance extradiegético e heterodiegético, onde o narrador onisciente narra, a partir do primeiro dia de 1975 até 1999, as vicissitudes de três famílias diaspóricas num contexto convival em Londres. De

modo geral, a narrativa é linear, mas apresenta vários episódios analépticos (*flashbacks*), que remetem ao passado remoto (eventos na Segunda Guerra Mundial; o casamento de Archie com a italiana Ophelia) e ao passado mais que remoto (a revolta de Mangal Pande na Índia colonial; os ancestrais da família britânica Chalfens). O narrador, não está identificado quanto ao sexo e sua condição étnica, focaliza as famílias Iqbal, Bowden e Chalfen e constrói a densidade de suas personagens através dos contatos entre os membros. O narrador demonstra uma ideologia otimista diante da situação multicultural britânica e proporciona uma narrativa com simbologia, em que a convivência entre os povos é um fato com a conclusão dos radicais e fundamentalistas. Mais tarde, após os eventos de onze de setembro de 2001, o respectivo narrador é criticado diante da falência da convivialidade dos imigrantes.

Somente adquirem uma identidade mais aprofundada, as personagens que mais interferem na vida das demais. Archie, por exemplo, é uma personagem considerada plana, justamente por apresentar uma interação extremamente limitada. Por outro lado, os gêmeos Millat e Magid são personagens redondas, porque interagem com os Bowdens e com os Chalfens em todos os níveis de geração. A ausência e a intensidade psicológica das personagens, contudo, têm conotações pós-coloniais muito profundas. Embora Archie, de modo geral, não interage ou interage com pouca gente, representa o colonizador branco, fútil e sem finalidades, qual Cruso em *Foe*, de Coetzee, ou os protagonistas masculinos inertes em *Indigo*, de Marina Warner. No entanto, a densidade psicológica apresentada pelas personagens Alsana, Clara, Irie e Joyce se destaca devido à ideologia do narrador conferir voz às mulheres diaspóricas, normalmente marginalizadas e excluídas. As ironias e os paradoxos ensejados por Smith conferem um tipo de romance pós-moderno em que, no palco do Reino Unido, agem sujeitos oriundos de várias partes do mundo colonial, dando uma conotação dinâmica e inovadora do multiculturalismo britânico.

1.6 - Zadie Smith (1975-)

O caráter biográfico que influencia *White Teeth* (2000) é um tanto inegável quando atenta-se para as raízes de Zadie Smith. Esta é filha do segundo casamento do pai inglês Harvey Smith e da mãe Yvonne Bailey, que vai à Inglaterra seis anos antes do nascimento

de Zadie Smith, em 1975. A escritora aproxima alguns detalhes de sua história pessoal à da personagem Irie Jones. Aquela é nascida em Londres e crescida entre os bairros de Willesden e Kilburn. A referida autora retrata os mesmos espaços em seu romance de estreia, inserindo seus personagens em um ambiente pessoalmente conhecido.

Zadie Smith estuda Literatura Inglesa na Universidade de Cambridge, onde começa a produzir alguns contos, destacando-a, a ponto de ser convidada a publicar um romance. No ano 2000, ao aceitar a proposta, a autora tem *White Teeth* publicado na Inglaterra, tornando-se um sucesso imediato, em virtude da linguagem irônica que permeia o texto, ao longo do panorama de um bairro londrino marcado pela diferença de culturas, dados recorrentes em quase todas as críticas sobre o volume.

O romance é publicado no mesmo ano em que a autora termina sua graduação, aos vinte e quatro anos de idade. O respectivo romance é ganhador de prêmios importantes, tais como: *Betty Trask Prize and Award*, *James Tait Black Memorial Prize* (2000), *Commonwealth Writer`s First Book Prize*, *Whitbread Book Award* (2000), *EMMA British Ethnic and Multicultural Award* (2000), como melhor romance e como novo talento feminino, o *Orange Prize of Fiction*, celebrando a acessibilidade, inovação e excelência na escrita de uma mulher britânica (*online* -2011).

Com tantas aclamações para o primeiro trabalho, o romance seguinte, *The Autograph Man* (2002), torna-se um sucesso comercial acima de que o de crítica, de acordo com a maioria das críticas do blog www.reviewsofbooks.com (*online* – 2011). Em seu terceiro romance, *On Beauty* (2005), a autora recebe melhores avaliações, inclusive outro *Orange Prize of Fiction* (2006). Além de produções ficcionais, Zadie Smith também escreve ensaios sobre literatura, contos e atua como professora de Escrita Criativa e Ficção em universidades (*ONLINE*- 2011). A autora é casada com o escritor e também poeta Nick Laird. A ligação dela com literatura não se restringe apenas ao âmbito profissional da vida da autora, pois a mesma conseguiu ver seu talento e renome no meio literário internacional, alcançando o patamar digno de estudos variados como a coletânea de Tracey Walters, *Zadie Smith: Critical Essays* (2008).

1.7 - A fortuna de *White Teeth* (2000)

Além das respostas de estudiosos de literatura e críticos de arte, os leitores desempenham importantes papéis no entendimento da recepção de *White Teeth* (2000), na Inglaterra. As opiniões do ‘grande público’, formado por leitores não-especializados em crítica literária, mostram avaliações do romance condizentes com as especializadas, porém algumas declarações desmistificam a unanimidade do brilhantismo destacado, trazendo a um plano mais realista, o olhar sobre o primeiro e aclamado romance de Smith (ONLINE – 2011). Todavia, ao considerar um resultado final de todas as avaliações, *White Teeth* (2000) continua sendo grandemente admirado, a ponto de ser incluído na lista dos cem melhores romances em língua inglesa, desde 1923 até o momento, listados por Grossman e Lacayo para a *Time Magazine* (ONLINE – 2011).

Em outras críticas de *White Teeth* (2000) como a de *Publishers Weekly* no site www.amazon.com (ONLINE – 2011), a autora do romance é apreciada como capaz de trafegar pela sociedade contemporânea em Londres, com perfeita sensibilidade ao tratar das diferenças culturais e de classe social, além de trazer à tona assuntos polêmicos que enriquecem a narrativa, como religião e ciência, com o teor promocional do romance.

Outras opiniões publicadas, com muita autoridade, no *Los Angeles Time*, *The New York Time*, *Washington Post* e *Newsweek*, bem como no site anteriormente citado, revelam a aclamação pública do romance, levando a crer que a narrativa realmente alcançou lugar de destaque na lista dos romances mais importantes dos últimos tempos em língua inglesa, ao discutir a realidade de modo particularmente brilhante.

Stuhr (2000), no mesmo site, também reflete sobre o emaranhado de temas em *White Teeth*, com base no questionamento da posição crítica de uma sociedade formada por diferentes indivíduos, culturas e realidades que se encontram e coexistem no presente, em contraponto com a questão latente sobre as escolhas e domínios que o ser humano tem sobre seu destino, uma vez que atos são tomados ao jogo de uma moeda e o destino conduz as personagens a fatos imprevisíveis e surpreendentes (ONLINE – 2011).

No Brasil, a recepção de *Dentes Brancos* (2003) não é muito diferente do que acontece no exterior. Maria Pacheco Fiorillo (2003) demonstra sua apreciação do volume em uma crítica para a Revista *Veja* (ONLINE -2003), destacando o caráter multicultural, otimista e inocente, além do humor da autora. A inocência destacada por Fiorillo (2003)

torna-se, porém discutível quando pensado sob o prisma de algumas teorias pós-coloniais, que buscam resgatar os efeitos da convivência entre as diferenças culturais no momento atual.

O colunista Sérgio Rodrigues (ONLINE-2007) revela na coluna Todoprosa, da Revista Veja, primeiramente desacreditar na autora tão aclamada em seu primeiro livro. Para ele, em função dos muitos elogios recebidos da crítica, a grandiosidade de Smith confirmou-se a partir do ensaio publicado por ela, que o fez olhar para a produção literária da autora, não somente discutível em âmbito comercial, mas sim no artístico, ao recriar uma sociedade plural em seus grupos sociais e a convivência entre eles sob um determinado viés.

Mais otimista e positiva e sem nenhuma ressalva, outras críticas favoráveis ao trabalho da autora podem ser encontradas, como a de Adriana Morelli (ONLINE – 2003) para a Revista Isto É. Partindo-se dessas opiniões, Zadie Smith é retratada como uma talentosa escritora contemporânea, ao discutir diferenças sociais e culturais, garantindo o gosto brasileiro, não somente a partir do foco temático de *Dentes Brancos* (2003), mas ainda, por sua linguagem altamente irônica e ao mesmo tempo sincera, atraindo consideráveis elogios também no Brasil.

Não apenas as indicações do romance, com aspecto comercial, são importantes para a percepção do alcance crítico que a obra *Dentes Brancos* (2003) tem acumulado desde seu lançamento. A visão positiva da convivalidade dos imigrantes e o hibridismo que permeia as gerações das famílias, durante a narrativa, garantiram seu espaço em estudos e textos acadêmicos, como os de Head (2003) que reiteram os resultados do romance com relação à visão de integração étnica, que é oferecida pela narrativa em questão, ao lembrar ainda, a crítica sobre manipulação genética simbolizando o hibridismo étnico.

O cotidiano da hibridização, também tema central do texto de Moss (2003), enquanto uma realidade britânica, inegavelmente é o fator mais explorado em um texto ao lembrar que a convivência não deve ser considerada simplesmente na forma positiva, mas também considerar os embates resultantes dela, que podem atingir o leitor do romance.

Críticas positivas a *Dentes Brancos* (2003), portanto, foram comuns a partir de seu lançamento, especialmente no primeiro ano, como “um romance britânico profundo, não apenas em seu primeiro ano de aparecimento, mas completamente canonizado na Grã-

Bretanha e alocado ao topo da árvore literária por críticos proeminentes” (LOWE, 2001, p.1) (tradução minha). O olhar social de construção histórica de relações entre indivíduos de etnias diferentes e o retrato da realidade britânica contemporânea guiam comentários sobre o romance de âmbitos acadêmicos bem como em contextos comerciais.

Com tantos prêmios e estudos críticos a respeito de Zadie Smith e seu *Dentes Brancos* (2003), as declarações da própria autora tornam-se surpreendentes. Nas entrevistas, em especial uma cedida a *Masterpiece Theatre* (ONLINE -2011), as declarações de Smith, a respeito de *White Teeth* (2000), assombram em relação aos objetivos de retratar a Londres atual e rica em diversidade cultural. Smith parece não se importar profundamente com a mistura de etnias e seus conflitos. Importa a ela o retrato de uma realidade contemporânea, marcada pela diferença entre indivíduos que convivem entre si, mas notadamente como uma realidade. Ao citar Samad Iqbal, por exemplo, Smith reconhece que a ambiguidade de um sujeito imigrante vivendo no maior centro ocidental é importante para sua atuação na narrativa, porém, o panorama procurado para refletir a verdadeira Londres de agora, é mais pontuado pela autora, que confessa perceber os imigrantes como detentores de uma realidade fragmentada, de alguma forma. Reforçando sua ideia otimista a respeito da convivência entre diferentes culturas, a autora reitera que as novas gerações não conseguem profundamente entender ou viver em si as disparidades entre etnias como a ‘harmonia’ ou coexistência entre elas, ficção retratada exatamente, nas relações entre a geração dos filhos em Irie Jones, os gêmeos Iqbal e Joshua Chalfen.

1.8 - Objetivos e Metodologia

Tendo em vista todo esse panorama de relações sociais na contemporaneidade, o objetivo principal do presente trabalho é buscar entender como as relações entre imigrantes, descendentes de imigrantes e indivíduos nascidos na Inglaterra se delineiam, tendo em vista as diferenças marcadas por suas origens étnicas.

Ligados a esse objetivo principal, destaca-se o resgate das consequências advindas do imperialismo britânico que, em sua jornada colonizadora no Caribe e na Índia, ainda espelha comportamentos e ideologia de inferioridade sobre culturas não originalmente inglesas, retratados na construção das personagens do romance em questão.

Salienta-se ainda, enquanto objetivo do presente trabalho, a apresentação do estudo sobre como personagens fragmentados, pelo contexto ocidental e distante de sua cultura original, sofrem com perturbações de ordem étnica ao perceberem-se inseridos em um ambiente tão diverso do de suas origens, causando-lhes dúvidas e levando-os a procedimentos, resultantes em luta interna entre as raízes e o presente conflituoso que cercam os sujeitos diaspóricos. A maneira com que lidam com suas origens e com o contexto diferente delas, em território estrangeiro, gerando conflitos ou assimilações de comportamentos, que os integrem ou façam resistir ao que lhes é inaceitável.

A própria narrativa representa e concretiza, na sua forma fracionada, a fragmentação da identidade das personagens produzidas pela diáspora sofrida e pelo ambiente hegemônico britânico em que os personagens vivem. O foco está voltado à diferenciação das personagens de gerações diferentes, na medida em que os pais, construídos sobre o estigma da fragmentação cultural, mostram-se mais ambíguos do que seus filhos, que lidam divergentemente com as diferenças entre culturas, pois estão mais habituados por conta de ser esta uma realidade já integrante de seu contexto inglês de cidade multicultural. Por terem nascidos em um ambiente marcado pelas diferenças, a tolerância em relação a elas configura-se, de maneira mais natural do que com os pais.

Relações entre figuras femininas e masculinas e as implicações do discurso de superioridade do homem, aparentes nas relações entre as personagens, também refletem nos objetivos de nosso trabalho, uma vez que a força do discurso patriarcal, ao longo da narrativa, parece tão aparente quanto o do discurso hegemônico branco, velado na mesma medida que há uma suposta igualdade entre etnias.

A força da literatura ao desnudar ações marcadas pelo discurso colonial, dando margem a novas interpretações sob o viés do outro, antes obscurecidas pela ideologia eurocêntrica que reforça a superioridade ‘branca’, é outro ponto a ser apresentado nesse trabalho, buscando na reinterpretação de atitudes, a caracterização da sociedade no momento presente.

A forma com que tal leitura pode ser transportada para o Brasil, onde a diversidade de culturas e origens é um fato inegável, perceber relações em nosso contexto que se aproximam dos embates relatados em *Dentes Brancos* (2003), é outro tema importante nessa reflexão. Acredita-se que relações sociais entre etnias e descendências variadas podem existir em países diferentes que, também sofreram com a política colonizadora.

Justifica-se, assim, o presente estudo, a partir das revelações de como relações sociais são praticadas em um contexto, em que uma cultura ainda preserva a ideia de maior valor sobre outras, num país com práticas cotidianas que continuam marcando a diferença racial construída historicamente, na tentativa de revelar a divergência entre o discurso proposto e o que se concretiza nos relacionamentos, em várias esferas sociais e ao longo de um retrato literário que denuncie tais discrepâncias.

A importância do desnudamento das contradições entre a fala igualitária dos indivíduos e suas reais implicações entre eles torna-se tão necessária quanto à busca pela real nivelção das condições ofertadas aos variados sujeitos, o que proporcionaria, partindo da denúncia das desigualdades, uma reflexão cabível para novos moldes mais humanísticos, agregando, cada vez mais, os indivíduos entre si, superando os moldes de dicotomia entre fraco e forte, dominador e dominado, superior e inferior, que ainda hoje jazem sob as relações sociais.

Ao longo do primeiro capítulo, apresenta-se a teoria que embasa esses estudos, a partir de pesquisadores de estudos culturais e da literatura pós-colonial, tais como: Bonnici (2009), Hall (2003) e (2000), Ashcroft et al (2000), Gilroy (2001), Bhabha (1991) e (1998), dentre outros, primando por esclarecer, através das respectivas análises de autores dedicados às relações entre culturas, a significação construída por um texto, a partir de quem fala e de seus conceitos próprios.

O segundo capítulo é dedicado à apresentação dos personagens que, no romance de Zadie Smith *recriam*, de variadas formas, o relacionamento entre si e com o contexto do qual fazem parte, bem como suas aflições e conflitos que os segregam dos outros menos ambíguos por conta do lugar social que ocupam. Além dos conflitos vividos pelos personagens, é importante olhar para as atitudes de aceitação do ambiente e dos moldes oferecidos por este novo contexto, acolhidos por personagens vindos de outras terras que finalmente habitam-se ao novo contexto.

Finalmente, espera-se que a presente conclusão alcance respostas para a identificação dos problemas propostos. Buscar-se-á fatos e atitudes dentro dos limites que o romance oferece, com base em teorias que suportem o respectivo ponto-de-vista, na tentativa de ler a maneira como a referida produção literária denuncia e questiona valores ainda presentes numa sociedade marcada pela variedade de culturas que convivem entre si, de diferentes maneiras e variadas reações diante das mesmas diferenças.

Procura-se o esclarecimento, a partir dessas conclusões, de que as culturas que coexistem e se chocam no presente, em um território ‘branco’, trazem consigo uma história de luta e desigualdade, marcadas desde os fatos históricos de ações controladoras eurocêntricas. Se a mistura de muitas etnias figura um fato no momento presente, a busca pelas relações entre elas no contexto inglês e a forma com que os indivíduos lidam com as diferenças, resistindo a elas, assimilando-as ou integrando-se ao ambiente no qual estão inseridos, aceitando ou não os moldes disponíveis nesse contexto, possivelmente guiarão a busca de respostas para tais questionamentos.

NOTA: O presente estudo se baseia na publicação em inglês de *White Teeth* (2000), remetendo à tradução dos trechos citados com base na versão em português *Dentes Brancos* (2003), tradução de José Antonio Arantes. Quaisquer mudanças de sentido ou alteração linguística ao longo das comparações entre as versões em inglês e português seguirão o modo como se apresentam as edições.

CAPÍTULO II

O MULTICULTURALISMO E A SOCIEDADE

2.1- O Reino Unido multicultural

Um país multicultural caracteriza-se, essencialmente, pela presença de variadas etnias que convivem em um espaço físico. É o caso de países como Inglaterra, Dinamarca, Suécia, França, Alemanha, Austrália, Canadá e Brasil, que lidam com a variedade de culturas presentes, de modos diferenciados. Os efeitos da convivência entre variadas culturas e a maneira com que os indivíduos se relacionam são um fato inegável e ligado a um passado de colonização e consequências, em geral, devastadoras para as nações que sofreram os abusos do império e, ainda hoje, fazem parte do país dominador de outrora.

O espaço físico ou geográfico denominado Reino Unido da Grã-Bretanha e da Irlanda do Norte foi formado pela união das nações Inglaterra, Escócia e País de Gales com a Irlanda em 1801 (ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, 1995, p.4972). Todavia, a reflexão sobre o conceito de país não parece justa e estanque, considerando-se apenas a formação espacial de seu território. Uma das características mais marcantes da formação nacional está na constituição e caracterização de seu povo.

Ao se considerar os nascidos em território britânico, ou em todo o Reino Unido, cidadãos nativos do país ou característicos daquele espaço, percebe-se que as origens de tais indivíduos são as mais variadas. Além dos descendentes de escoceses, britânicos e galeses, encontram-se no Reino Unido, uma grandiosa parcela de descendentes dos imigrantes de antigas colônias da era imperial, que migraram de volta à nação imperialista por variadas razões, como os vindos do Caribe, Paquistão e Bangladesh, Nigéria, entre outros.

O movimento de deslocamento de pessoas em grande quantidade de uma região para outro país ou território é denominado *diáspora* (grego *dia* = longe, distante, e *speirein* = espalhar) e sempre existiu, por motivos, em lugares e épocas variadas (BONNICI, 2009, p. 277).

Bonnici (2009) estuda as modalidades da diáspora forçada, por conta do colonialismo, que levou muitos europeus a migrarem e conquistarem terras fora de suas regiões, buscando domínio territorial, político e econômico. Além do deslocamento de milhões de trabalhadores africanos, em busca de mão de obra para novos territórios em desenvolvimento, com base na exploração do trabalho escravo, tais ações destruíram nações e povos dominados, como resultado da empreitada que objetivava alcançar e manter superioridade hegemônica do europeu, baseada no controle de nações ‘não-brancas’.

A partir do final da Segunda Guerra Mundial, muitos povos como os caribenhos e, com grande intensidade, na década de 1960, os indianos, fizeram o caminho inverso do de seus dominadores, migrando para territórios como o da Inglaterra, em busca de novas condições de vida. Diante do auxílio do antigo império, em busca de mão de obra mais barata para trabalhos pesados e de base, a migração intensificou-se com os árabes, sul-americanos e africanos que também fugiam de guerras e fome, constituindo uma grande massa de estrangeiros legais e ilegais no Reino Unido.

Ainda de acordo com Bonnici (2009), essa nova modalidade de imigração, de indivíduos à procura de melhores condições de vida ou fuga de situações inóspitas, não carrega em si a mesma carga traumática das migrações forçadas pelo colonialismo. Porém, condições de coexistência de estrangeiros de minorias como caribenhos e muçulmanos em território europeu, sonhadas como condição de igualdade social, mostraram-se irreais por conta de hostilidades e discriminação racial, tanto velada quanto aparente, instaurando situações de hostilidade e constrangimento, violentas e conflituosas entre indivíduos de diferentes etnias. A não-aceitação dos que sentem ainda a discriminação latente em vários setores sociais, sofrendo um constante estranhamento e inadaptação naquele contexto, gerou reações contrárias de repúdio às convenções não hospitaleiras, em contraponto com as tentativas de sublimação das hostilidades, em busca de um melhor convívio social.

As reações extremistas de indivíduos que vivem sob a constante inadaptação e sentimento de deslocamento discriminatório, todavia, dividem espaços com ações de busca por maiores conquistas sociais, pois “no passar dos anos, os descendentes dos sujeitos diaspóricos construíram uma nova identidade e subjetividade” (BONNICI, 2009, p. 279), almejando uma posição de sujeitos daquela nação, pertencentes àquele espaço com raízes e tradição não limitadas àquele contexto, ou seja, cidadãos que agregam história e marcas de terras distantes e que, ao mesmo tempo, possuem traços reais no presente país onde se encontram.

A coexistência de muitas etnias no território do Reino Unido não é um fato isolado ou particularizado. A realidade de culturas coexistentes em territórios não mais habitados, por um número limitado de estrangeiros ou nações que migraram até lá, faz parte de outros espaços caracterizadamente marcados pela pluralidade de etnias, como cita Hall (2000, p. 82), a partir de números em que os Estados Unidos demonstram similar realidade:

Em 1980, um em cada cinco americanos tinha origem afro-americana, asiático americana ou indígena. Em 1990, essa estatística era de um em cada quatro. Em muitas cidades grandes (incluindo Los Angeles, San Francisco, Nova York, Chicago e Miami) os brancos são agora uma minoria. Nos anos 80, a população da Califórnia cresceu em 5,6 milhões, 43 por cento dos quais eram pessoas de cor – isto é, incluindo hispânicos e asiáticos, bem como afro-americanos (comparados com 33 por cento em 1980) – e um quinto tinha nascido no estrangeiro. Em 1995, previa-se que um terço dos estudantes de escolas públicas americanas seria constituído de ‘não-brancos’.

Tendo em vista inegáveis contextualizações como a acima descrita, as reações de acolhimento, por parte das nações que recebem imigrantes ou descendentes, levam a atitudes em variados contextos em tentativas de maior harmonia social. Um exemplo é a iniciativa da Lei dos Princípios do Multiculturalismo e Comissão de Relações da Comunidade de *New South Wales*, que insere princípios de leis baseados na variedade cultural (ONLINE - 2010). Buscando “ênfasis o espírito de inclusão, partindo do destaque de cada grupo de pessoas” (tradução minha), a Lei de 2000 procura a identificação das diferentes etnias como partes integrantes de uma realidade comunitária,

que deve ser respeitada em suas diferenças. Ao mesmo tempo em que o discurso da Lei busca o reconhecimento da singularidade de cada etnia, importa a responsabilidade comunitária enquanto cidadãos que cada indivíduo deve operar tal como participante da comunidade e local ao qual está inserido.

O comprometimento como cidadão diante da Austrália, nesse caso, é em grau de igualdade se comparado com o que o discurso da Lei oferece sobre reconhecimento da diversidade, pois

cidadania não se limita à cidadania australiana formal, mas refere-se aos direitos e responsabilidades de todas as pessoas em uma sociedade multicultural na qual há o reconhecimento da importância de se compartilharem valores em meio a uma democracia governada pelas regras da lei e um compromisso unificador para a Austrália, seus interesses e futuro (tradução minha) (ONLINE -2010)

Além de políticas de lei que agregam a diversidade de etnias constituintes de um contexto como a Austrália, Reino Unido, Estados Unidos, todavia, de maneiras diferentes, entre outros países marcados pela grande quantidade e diversidade de imigrantes e descendentes advindos de outras terras, o setor educacional também marca uma forte tendência em relação à abordagem das diferenças étnicas. O foco em uma nova realidade de miscigenação leva educadores a notarem uma grandiosa parcela de representantes de novas gerações, já que “a demografia mostra que a maioria dessas crianças é culturalmente e linguisticamente diferentes da maioria dos professores, candidatos a professores e administradores” (ATTINASI, 1993) (tradução minha), o que requer um ponto-de-vista educacional baseado na igualdade entre as variedades. Buscando um maior reconhecimento da pluralidade étnica componente do contexto em que a chamada segunda geração está inserida e no qual é originada, procura-se desenvolver a identificação das variadas etnias como um fator fundamental da realidade contemporânea do país. Entretanto, a promoção do olhar sobre a variedade não incita a esperada igualdade entre as culturas, levando às políticas que marcam mais as diferenças de maneira ainda negativa do que as integrando socialmente.

Em contraponto a posições e atitudes de reconhecimento e aceitação das muitas etnias presentes, existe a negação da possibilidade dessa convivência de maneira ‘neutra’, no sentido de não afetar o contexto ao qual estão inseridas. Ao pensar-se em relações sociais, onde indivíduos interagem a todo o momento e em situações diversas, a troca de influências étnicas tornou-se, sob algumas perspectivas, uma ‘ameaça’ à identidade local. Notícias como as publicadas na Folha.com, em 23 de fevereiro (ONLINE – 2009), mostram o aumento de requisitos para a habitação legalizada no Reino Unido por estrangeiros à procura de trabalho, em reação aos protestos da população que alega sofrer com a diminuição da oferta de trabalho, em função da grande quantidade de estrangeiros chegando ao país. Também em 20 de fevereiro de 2008, o site Terra.com (ONLINE – 2008) publica que novos requisitos farão parte do processo de aceitação de pedidos da cidadania britânica. O que antes era ofertado para habitantes de ex-colônias tornou-se, na atualidade, um problema a ser enfrentado, não somente por conta do grande número de estrangeiros, mas também pode ser verificado na declaração da própria ministra, com base no comprometimento social, que tais indivíduos oferecem ao Reino Unido como pagamento de impostos e conhecimento da língua inglesa.

A declaração de Nicolas Sarkozy sobre o fracasso das políticas de reconhecimento dos imigrantes, em contraposição com a preocupação dos franceses e suas identidades (GUTERMAN, 2011), demonstra que nos mais variados âmbitos, as posições frente à característica da multiplicidade de etnias nos dias atuais são um tema muito discutido na contemporaneidade. As oposições intensificam-se no que se refere à presença de imigrantes, descendentes e pretendentes a habitar o Reino Unido enquanto um novo território, entrando em choque com pontos-de-vista de indivíduos, que pensam ser sua natividade europeia esquecida, por conta de um posicionamento preocupado com a presença estrangeira.

As reações a tal contexto diversificado e conflituoso, muito mais do que apenas polêmico, aparece também na Literatura produzida em prol do engajamento social em que escritores se posicionam, defendendo a igualdade dos indivíduos e a coexistência das muitas etnias. Denúncia de desigualdades, discriminação, velada aceitação das diferenças étnicas e conflitos do indivíduo que sai de sua nação com objetivo de estabilizar-se em

outra, além dos reflexos históricos no presente de fatos passados, são temas que se repetem em obras baseadas na situação social.

No entanto, ao mesmo tempo em que a arte reflete tal emaranhado de fatos e consequências, a maioria das reivindicações e conquistas foram alcançadas, ao longo dos anos, por uma maior igualdade de posicionamento e direitos dos imigrantes dentro das nações para as quais partiram. Caryl Phillips (2004) toma a década de 1950 como o marco da multiculturalização da Grã-Bretanha, com a explosão demográfica de 15.300 imigrantes caribenhos constantes no censo de 1951 para 171.800, após o período de dez anos, marcando profundamente a caracterização da nação. Pautando-se nos autores e posicionamento da literatura, diante da miscigenação de culturas, cita-se escritores de poesia, peças teatrais e romances não como historiadores ou jornalistas, mas sim escritores que “não poderiam ter ficado alheios ao grande debate acerca da imigração negra. E não poderiam ter ficado alheios às mudanças sociais que vieram com isso.” (PHILLIPS, 2004). (tradução minha). Todavia, a maior parte destes autores ainda retratava as minorias como inferiorizadas e distantes do cidadão branco.

Phillips (2004) reforça que, somente a partir dos anos 1950 e até 1960, houve força suficiente para mudar parâmetros literários com base na mudança social; os vinte anos seguintes ficaram à mercê da estagnação, relegando ainda a autores ‘não-brancos’ a tarefa de retratar este contexto.

Os estudos culturais, que também surgiram e se desenvolveram a partir de meados do século XX, deixam como herança a continuidade de preocupação com desigualdades étnicas e posições excludentes de indivíduos considerados diferentes por causa de sua cor de pele, língua, religião, hábitos, tradições e etc. Procurando sempre olhar de maneira esclarecedora para posicionamentos diversos que revelam discriminação, preconceito, relações de poder e injustiça, outras visões das conquistas dos imigrantes e suas gerações seguintes no território marcadamente heterogêneo em etnias, os estudos culturais garantem seu lugar na manutenção da convivência entre diferenças, em especial, mas não somente no Reino Unido.

2.2- O que é multiculturalismo

Tendo em vista uma realidade de intensa miscigenação na atualidade, bem como a presença de imigrantes e descendentes, o Reino Unido é considerado um país marcado pela variedade de etnias, configurado por políticas e comportamentos sociais, diretamente ligados ao respectivo fato. Em meio a cidadãos nascidos no próprio país e descendentes de britânicos, escoceses, irlandeses e galeses, muitos descendem de imigrantes vindos das ex-colônias dominadas na era imperial, como o Caribe, África do Sul, Paquistão e Bangladesh. Essa característica peculiar e não exclusiva do Reino Unido garante a classificação do país como multicultural.

No entanto, a visão de alguns termos essenciais e suas definições sofre grandes alterações de interpretação se comparadas com fontes de conhecimentos gerais, tais como: enciclopédias e dicionários em contraste com material especializado, que aborda aspectos importantes e esclarecedores, a respeito da política social em questão. A confrontação entre diferentes recursos de definições de vocábulos oferece um posto de vista mais abrangente na forma como o Multiculturalismo ganhou força e expressão, nas últimas décadas. Diante da importância de tal especificidade para os estudos culturais que se ocupam dos retratos que, no caso em específico, a literatura molda de uma sociedade estruturada sobre uma inegável variedade étnica.

Algumas fontes nem sequer se ocupam do termo *multicultural*, como é o caso da Enciclopédia Larousse Cultural (1995), onde uma definição menos abrangente liga a concepção do termo *multiculturalismo* a sua formação etimológica de união das partículas *multi* = variedade, quantidade e *cultura*. Assim, de modo simplista, não há a promoção de todos os fatores que levaram o termo a agregar aspectos históricos do passado e do presente, configurando-se num conceito específico de pensamento.

Com o devido cuidado, entende-se por *multiculturalismo* muito mais do que variedade de culturas coexistindo em um território. Para a Enciclopédia Larousse Cultural (1995, p.1729), o termo *cultura* vem primeiramente como definição de modo de cultivo da terra e produção de plantas, bem como o espaço onde se explora tais produções. Segue-se a

definição de acervo intelectual e espiritual, visto a acepção do termo como conjunto de conhecimentos em uma determinada área. Finalmente na quarta definição é apresentada enquanto “conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação”, sendo um conceito de *cultura* restrito à origem da palavra, do greco-latim *cultura* significando lavoura, cultivo.

De acordo com o dicionário Houaiss (2004, p. 1977), *multiculturalismo* define-se pela “coexistência de várias culturas num mesmo território, espaço, etc”. Encontrado no Longman Contemporary English Dictionary (1995, p.936), *multiculturalismo* é a “crença de que é importante e bom incluir pessoas ou ideias de diferentes países, raças ou religiões”, e *multicultural* é o adjetivo definido por “que inclui pessoas e ideias de diferentes países, raças e religiões: uma sociedade multicultural” (tradução minha).

O uso de um simples vocábulo do Dicionário Longman é responsável por uma definição mais ampla, mas nem sempre democrática dos termos em questão. O uso do conceito de inclusão pode ditar uma ambivalência do cerne do ideal de multiculturalismo e multicultural, determinando positivamente a inclusão como participação igualitária de diferenças, ao mesmo tempo em que incluir pode rechaçar características particulares de certas culturas no processo de adequação das próprias a outras. A imigração de povos estrangeiros para o território britânico, por meio de longas viagens nas quais os indivíduos traziam consigo pertences e bagagem material e cultural, estendendo-se por seus descendentes, certamente são influenciadas pela realidade em solo europeu. A partir do momento em que se incluem naquele território e começam a fazer parte dele, as influências podem ser tão fortes, a ponto de solaparem valores e condutas próprias das culturas, que chegaram por conta de estarem diante de uma nova realidade.

Ponto de partida relevante no conceito de multiculturalismo para o *Post-Colonial Concepts* (ASHCROFT et al 2000, p.60-2), os termos que mais se aproximam de multiculturalismo são as definições de diversidade cultural e diferença cultural explorados pelos conceitos de Bhabha (1994) no respectivo volume.

Em princípio, tais termos são mais comumente utilizados como sinônimos, nos quais o reconhecimento da variedade de culturas sustenta a definição. Entretanto, os estudos de Bhabha (1994) referem-se à oposição entre considerar variedade e diferença.

Para o autor, a concepção de diversidade é insuficiente para determinar a variedade de culturas como a gama de sistemas distintos e separados de comportamento, atitudes e valores, pois seria de certa forma inocente pensar-se em variedade sem refletir sobre o caráter exótico de contrapor uma cultura à outra. Para o autor, a diferença cultural aproxima-se do que Saussure aplica aos vocábulos que se definem em contraposição uns aos outros. Porém, o simples fato de diferir uma cultura da outra, para Bhabha (1994), carrega juízos de valor que foram herdados do pensamento imperialista construtor de conceitos das divergências entre as culturas, pois “a ‘diferença’ enfatizada por Bhabha aqui é claramente ligada à ambivalência que ele afirma estar implícita em todo o discurso colonial” (ASHCROFT et al, 2000, p. 61) (tradução minha).

Além da forma de diferenciação entre culturas para determinar sua variedade, Bhabha (1994) atesta que cultura é passível de contínuo desenvolvimento, já que as significações culturais sempre agregam outras características e significações de variadas identidades. Todavia, em resumo, os autores retomam o uso real dos termos de diferença e diversidade cultural enquanto sinônimos, marcando uma postura que evita diferenciações com o objetivo de resistir a problemas de definição de nomenclatura.

Dessa forma, constitui-se num fato que o multiculturalismo é uma realidade não só contemporânea, mas que desde sempre as sociedades foram formadas por indivíduos de variados contextos, os quais trocaram sua terra natal para migrar a outros lugares e constituir história naqueles espaços. Do mesmo modo, a maioria das nações perde e já perdeu conterrâneos que buscavam uma vida alternativa em outros lugares.

Assim, tratando-se da formação de sociedade, o multiculturalismo não pode apenas ser considerado como a simples aceitação da variedade de etnias, enquanto conviventes em um mesmo espaço. Muitos fatores contribuem para a constituição dessa realidade, tornando-se importantes em variados aspectos, ao mesmo tempo em que diferentes consequências são acarretadas.

Diante dessa conceituação, a variedade cultural, do qual o multiculturalismo se origina, é complexa demais para que dicionários de termos gerais e enciclopédias sejam capazes de suprir com relação a definições. Citado por Wieviorka (1998), os termos

multiculturalismo e *multicultural* são encontrados a partir do final dos anos 1960, e em 1991 são definidos pelo *Harper Collins Dictionary of Sociology* como

o reconhecimento e promoção do pluralismo cultural como uma característica de muitas sociedades (...) o multiculturalismo celebra e busca proteger a variedade cultural, por exemplo, as línguas das minorias. Ao mesmo tempo, foca a frequente desigualdade nas relações entre minorias e cultura da maioria (WIEVIORKA, 1998, p.1)

Ao pensar em fatores e resultados variados que englobam o multiculturalismo e as políticas de convivência entre indivíduos em suas variadas culturas e costumes, os contatos sociais de todos os âmbitos, desde os mais profundos e significativos até os mais superficiais e cotidianos, devem ser levados em conta, na medida em que a interação social tem o poder de não somente ligar indivíduos entre si para a manutenção da esfera coletiva, mas também influir no modo como tais contatos refletem-se, auxiliando na configuração da personalidade individual diante do grupo ao qual se insere.

A amplitude de efeitos da coexistência da variedade cultural, pensada como uma realidade factual no presente de vários países, Wieviorka (1998) detecta a explosão dos estudos acerca do termo *multicultural* a partir dos anos 1980, encontrando apenas quarenta menções à palavra *multicultural* em 1981, número que assustadoramente cresce para duas mil referências até 1992. Tendo em vista a crescente e inegável importância dos estudos culturais, voltaram-se para as relações entre etnias em países que recebem estrangeiros em diversos lugares do mundo, estudos como o de Heckmann (1993) tornam-se cada vez mais relevantes para as reflexões acerca das sociedades caracterizadamente multiculturais, o qual, ao analisar sete definições para o multiculturalismo, caminha por entre concepções capazes de abranger o contexto da diversidade de etnias em diferentes âmbitos.

Com base na realidade do momento presente, a primeira maneira de definir multiculturalismo de Heckmann (1993) é defendendo que o termo, na Europa, é “um indicador de mudança social, referente à mudança de composição étnica da população”, restringindo tal conceito a uma simples descrição característica da sociedade do momento.

Aqui, essa definição claramente liga-se às acepções mais superficiais e encontradas em enciclopédias e dicionários, as quais não podem ser descartadas, na medida em que tais pontos-de-vista são, ao menos, um ponto de partida para reflexões mais profundas.

A segunda definição leva ao entendimento sobre a formação plural da sociedade e o reconhecimento de uma coletividade pautada em unidades culturais diversas, marcando a necessidade da não-negligência da formação social caracterizada pelas influências dos imigrantes, colocando em voga uma questão real com relação a uma característica inegável da sociedade contemporânea, no caso, especificamente a Europa.

No terceiro momento, Heckmann (1993) cita a imprescindível tolerância aos sujeitos diaspóricos e seus descendentes. Porém, ao termo tolerância, o próprio autor acrescenta a existência de atitudes amigáveis e de apoio aos indivíduos considerados “outros”, pois não somente tolerar é o suficiente a uma sociedade que admite e convive com diferentes indivíduos, mas ao oferecer o território a estrangeiros e reconhecer sua existência ali, assumem-se os erros do passado com relação a posturas que antes não consideravam as variedades, tais como: o nacionalismo e a intolerância à pluralidade étnica.

Em quarto lugar, ao multiculturalismo não é permitido um foco sobre a pureza de culturas, na medida em que as influências e contribuições para a formação de uma cultura baseiam-se na interação com as outras, pois “as culturas são o resultado da interação de umas com as outras [...] e que as culturas dos imigrantes são vistas como oportunidades de enriquecimento de uma cultura própria” (HECKMANN, 1993 - ONLINE).

O olhar sobre as variadas culturas e seus aspectos é a estrutura da quinta definição do autor, que confirma o enriquecimento da sociedade por meio da variedade étnica, refletindo acerca das influências de uma cultura sobre a outra. Esse enfoque leva à sexta definição de multiculturalismo baseada na organização social com vistas à variedade e as necessidades de cada cultura, enquanto firmam-se em suas próprias características, reforçando a etnicidade e o pluralismo contra as posições de aculturamento e assimilação das características étnicas hegemônicas.

Finalmente, a sétima definição de multiculturalismo, para Heckmann (1993 - ONLINE), lembra o caráter conflitante das concepções que buscam firmar conceitos de

igualdade entre etnias, ao mesmo tempo em que a aceitação das diferenças pauta-se sobre a reafirmação de cada uma delas enquanto únicas, pensando que a convivência entre diferentes etnias em um determinado espaço, ainda hegemônico, evitará insatisfações e conflitos pela busca da autonomia de cada uma das culturas. Essa posição firma-se numa certa ingenuidade, ao se tratar da coexistência real entre indivíduos sociais, pois em situações práticas, a convivência não está livre de conflitos dos mais variados tipos.

O caráter da tensão descrito por Heckmann (1993 - ONLINE) em sua última definição do termo *multiculturalismo* não apenas se concentra na imaginada relação de igualdade e aceitação nas quais o discurso multicultural se pauta, mas ainda há a ameaça à unidade nacional, como mais um grande impulsor das reflexões críticas acerca do caráter empírico do discurso multicultural. Talvez essa insegurança de solapar características sociais europeias, a partir da convivência com outros costumes, religiões, pontos-de-vista, atitudes e pensamentos singulares aos estrangeiros, que não somente perpetuam sua cultura nos descendentes, mas também influenciam os europeus com sua etnia ao enriquecer o contexto local, seja a maior responsável pela resistência a real aceitação e acolhimento da diversidade. Isso impede que, de fato, as etnias participantes do contexto presente na Europa formando uma nova sociedade - multifacetada ao mesmo tempo em que una - se constituem firmando sob os pilares da variedade simultaneamente a sua igualdade de coexistir.

O possível enfraquecimento da unidade nacional, posta em voga pelas críticas ao discurso multicultural, acaba por constituir, juntamente com toda a configuração do momento presente e características sociais, outra razão para criticar um sistema de políticas multiculturais, que se ocupa em excesso com as etnias imigrantes em detrimento da preocupação com a própria cultura local. Tais críticas, em relação à importância que se relega às culturas estrangeiras, são um ponto que leva a outro, relacionado às consequências do olhar das políticas governamentais preocupadas com indivíduos que oferecem, por um lado, a ameaça da rejeição do contexto em que vieram a participar. A não-submissão não somente às regras sociais de comportamento, mas também a negação de valores morais, por exemplo, do mundo ocidental por parte dos imigrantes, além dos extremos casos de reação violenta e trágica aos moldes ocidentais, como nos casos de

ataques terroristas, por extensão, tornam-se grandes motivos às críticas às visões e políticas multiculturais.

Outro tipo de questionamento que submete o multiculturalismo está ligado aos desgastes da identidade aos quais os cidadãos estão predispostos. Mesmo em se tratando da busca pela igualdade das etnias existentes em um mesmo espaço, com o devido valor de cada uma delas, o fato de um descendente ter de conviver com situações em que determinados costumes ou preceitos de suas origens são afetados pelos parâmetros do contexto europeu e vice-versa, onde o âmbito social também é abalado por diferentes condutas, faz com que a mentalidade e o comportamento dos indivíduos sofram rasuras ao lidarem com os choques de concepções no mundo real.

Um exemplo desse desgaste é o caso dos descendentes islâmicos que crescem a cada ano em quantidade na Inglaterra. Enquanto há a necessidade de lidar com uma cultura mais aberta em relação ao convívio social ou preceitos religiosos mais livres, a inadequação instaura-se por todos os lados, quando entra em choque o contexto familiar, buscando a continuidade dos laços étnicos e manutenção da esfera caracterizadamente islâmica, considerada menos aberta aos interesses individuais do que a cultura europeia. Fato esse que se pauta sob o eixo cultural de que a cultura ocidental apega-se a leis e regras sociais, que passam pelo crivo da aprovação de uma maioria da população, em geral, enquanto diferentemente, o Islã fundamenta-se ainda sob muitos preceitos, de certa forma impostos aos cidadãos, sem muita possibilidade de mudanças no presente.

Todavia, considerando que a conduta islâmica constitui-se de regras mais rígidas e menos compreensiva, relacionadas às condutas sociais europeias, já configura em si um paradigma de pouco esclarecimento. Levados pelos conceitos da diferença, os indivíduos que convivem com o choque étnico e seus respectivos juízos de valor de uma cultura sobre a outra, mantêm uma constante no que se refere a adaptar-se a uma realidade circundante de conflitos de comportamento, religião e concepções de individualidade e comunidade.

A partir desses tipos de questionamento a respeito da visão, da ideologia e das consequências do posicionamento multicultural, as considerações de Wieviorka (1998 - ONLINE) levantam questionamentos de ordem filosófica e social, que são analisados em três perspectivas. Na esfera de discussão *sociológica*, o multiculturalismo é mais percebido

como um problema do que como uma solução, na medida em que é pensado de acordo com as diferenças e tensões da sociedade que o produz. Essa posição trata diretamente das condições que o contexto social embasa para as relações entre etnias constituintes dele, colocando em discussão o aspecto irrefutável da contemporaneidade de pluralismo cultural de forma real.

O autor também se guia pelos questionamentos da esfera *filosófico-político*, que responde, com mais ênfase do que a problemática, acerca das vantagens e desvantagens de posições e atitudes do viés multicultural, com vistas às perspectivas econômicas, morais e étnicas que o multiculturalismo implica.

Em conjunto com as questões filosófica e sociológica, a visão *científico-política* sobre a maneira como os princípios multiculturais são entendidos, embasados e os mesmos funcionam, bem como seus efeitos são pensados pelo autor. Vinculados uns aos outros, as três maneiras de pensar o multiculturalismo abrangem uma gama de detalhes em profundidade, revelam preocupações com a esfera social de maneira a considerar situações atuais, a partir de exemplos de práticas multiculturais no Canadá, Suécia e Austrália.

A partir de políticas formais e incluídas nas leis canadenses em 1982, a tentativa de suprir as necessidades das minorias em contraponto com a bipolarização étnica que focava franceses e ingleses, foram efetivadas no Canadá com o intuito de promover a igualdade social no país, transformando a visão de etnias constituintes do contexto canadense como uma unidade formada pela variedade. As minorias culturais ganharam mais força em relação a línguas, costumes, valores e outros fatores culturais, de modo que a hegemonia de duas nacionalidades ocidentais fosse colocada no mesmo patamar que as de estrangeiros, moldando a pluralidade por meio de valorização igualitária, com a inclusão de princípios legislativos e constitucionais.

A emergência de políticas que agregassem e valorizassem a pluralidade canadense, surge com a própria história do povo aborígine, já multicultural e multilingual, além de 42% da população, que declara outra etnia que não a inglesa ou francesa em 1991, somando 11 milhões de pessoas, de acordo com o site do governo canadense (ONLINE - 2010), refletindo a característica da miscigenação não somente contemporânea.

O caso australiano não fora grandemente marcado pela oficialização da igualdade, pautando-se mais informalmente em ideais de igualdade no início dos anos 1970, partindo de um governo trabalhista, que visava à reforma social, por meio do reconhecimento das desvantagens das minorias étnicas. Buscando imigrantes britânicos e europeus, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, migrações de Nova Zelândia, Grécia, Vietnã, Itália, China e Líbano continuaram a aumentar a população que hoje, em estimativa, é de 22 milhões de indivíduos, dentre os quais apenas 2.4% são ainda descendentes de nativos, como consta no site do governo australiano (ONLINE-s/d). Por conta de uma grandiosa fatia populacional muito forte em relação ao trabalho e desenvolvimento do país, tornou-se, também na Austrália, importante atender às necessidades de tão numerosa força social, a partir de novos conceitos que vislumbrassem os interesses, não só dos nativos ou ingleses e franceses, mas também de todas as outras etnias, que desempenharam e até hoje desempenham papel social importante no país.

Em 1975, a eleição do Partido Conservador mudou esse conceito, dando continuidade à representatividade das minorias, na medida em que a unidade nacional e o estabelecimento social se pautassem na primazia da caracterização social do país, onde a variedade agregasse valor à singularização da sociedade australiana em si. Em 1989, os interesses econômicos, revelados pela nova mudança de posicionamento multicultural na Austrália, focavam as possibilidades de enriquecimento e diálogo com as diversas culturas, por meio da aceitação da variedade, fato que poderia render uma boa imagem aos negócios internacionais, especialmente com a Ásia, estendendo o valor da nacionalidade australiana com a realidade da constituição social, em relação a muitas culturas variadas. Assim, ao mesmo tempo em que a situação australiana era de aceitação da variedade de indivíduos estrangeiros em suas culturas, o retorno era “combinar respeito pelas diferentes culturas, igualdade civil e consideração pelos interesses econômicos nacionais, progresso, desenvolvimento e coesão econômica.” (WIEVIORKA, 1998, p. 885 - ONLINE) (tradução minha). Todavia, em 1996, com a eleição do partido conservador, cortes significativos nas políticas de estímulo às minorias foram implantados, retrocedendo em alguns avanços, antes alcançados, no que diz respeito às medidas multiculturais australianas.

Os exemplos de sucesso da implantação de medidas multiculturais, partindo de razões diferentes, de acordo com cada país, além da maneira como tais medidas foram

recebidas e se desenvolveram, são exemplos particulares de práticas positivas das políticas multiculturais, distinguindo-se de alguns outros casos em que a convivência entre indivíduos não se pauta na igualdade, mas sim no reforço das diferenças, onde grupos se isolam, enfatizando sua distância do contexto em que estão inseridas, ou só são aceitas com o rechaçar de suas singularidades culturais para se adaptarem e adotarem a cultura local, em lugar da maior parte das próprias características étnicas.

A partir de casos singulares, ou seja, realidades típicas em cada país, dentre os muitos que podem ser considerados como constituintes de culturas heterogêneas, tais como os Estados Unidos, Alemanha, França, Brasil, Nigéria e África do Sul, dentre outros e além dos já citados, percebe-se que a concepção geral do multiculturalismo gira em torno de posicionamentos de valorização igualitária das culturas todas. Diante desse contexto, busca-se aplicar o adjetivo *multicultural* de modo plural, de acordo com realidades e contextos específicos por sua história e situação atual, enquanto o ideal de *multiculturalismo* pauta-se na singularidade, carregando o estigma do reconhecimento das variedades enquanto “filosofia específica ou a doutrina que sustenta as estratégias multiculturais” (HALL, 2003, p. 52).

2.3 – Identidade individual e identidade cultural

No pensamento ocidental, em que a figura do indivíduo é singular e tem sua própria carga de valor, cada indivíduo formante do grupo social é detentor de especificidades que, ao mesmo tempo em que o incluem em determinado grupo, garantem-lhe sua própria caracterização enquanto ser. Considerando que relações sociais são necessariamente pautadas na interação entre indivíduos que convivem em comunidade, a reflexão a respeito dos indivíduos em si e suas características pessoais, ao mesmo tempo em que sua atuação no grupo, torna-se essencial na dialética entre a comunidade e o indivíduo. Assim, enquanto o cidadão, com seus traços particulares, cada um age sobre a comunidade da mesma maneira que recebe influências dela.

Nos traços singulares dos indivíduos são encontradas variadas definições para o termo *identidade* (do latim *idem* = o mesmo), como o “conjunto de circunstâncias que determinam precisamente uma pessoa”, ou o “conjunto de caracteres individuais que serve para individualizar as pessoas” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 3063). No Longman Dictionary of Contemporary English (1995, p. 706), trata-se de “quem alguém é, o nome de alguém” ou “as qualidades e atitudes que você tem que te fazem diferente de outras pessoas” (tradução minha). É perceptível que, mesmo em formas variadas de definição, pontos semelhantes são trazidos à tona, em relação ao conceito de identidade, como

o estado que não muda, do que fica sempre igual; a consciência da persistência da própria personalidade; o que faz com que uma coisa seja sempre a mesma (ou da mesma natureza) que outra; o conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa graças às quais é possível individualizá-lo (HOUAISS, 2004, p. 1565)

Assim, os pontos básicos dos quais giram em torno de acepções de *identidade* são relacionados a características próprias de um ser e que o distinguem dos outros. O conjunto dessas particularidades, de acordo com algumas fontes, é estável, podendo ser questionado de acordo com as reflexões a respeito de quais das respectivas especificidades são consideradas realmente estáveis e improváveis de alteração.

Sendo a identidade de cada ser pautada também na diferença dele em relação ao outro, o qual ele não é, torna-se importante pensar essa diferença, a partir do conceito de *alteridade*, que pode ser concebida como “estado, qualidade daquilo que é do outro, distinto, antônimo de identidade” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 220). Para o Dicionário Houaiss (2004), o termo *alteridade* (do latim *alteritas* / *atis* e que origina vocábulos como alternativo, alteração, etc), também se define como o contraponto da identidade, ou seja, como característica do outro, marcando contraste, distinção, diferença.

Heidegger (1999) também esclarece a especificidade de cada ser em sua individualidade, na medida em que cada indivíduo, que carrega semelhanças com outros e tenha traços em comum com certo grupo, define-se essencialmente em sua particularidade,

por conta da impossibilidade de ser completamente igual a outro. É individual, é um si mesmo que por mais semelhante a outro, é sempre único, pois “em toda parte, onde quer que mantenhamos qualquer tipo de relação com qualquer tipo de ente, somos interpelados pela identidade. Se não falasse este apelo, então o ente jamais seria capaz de manifestar-se em seu ser como fenômeno” (HEIDEGGER, 1999, p. 174).

A discussão filosófica sobre a identidade recorre, assim, a duas posições que particularizam o ser em si: uma vertente individualizadora e os contrastes de um indivíduo em relação a outro situando a identidade a partir da oposição à alteridade. Ao tratar-se do multiculturalismo em um contexto hegemônico como fato estritamente ligado à história de dominação de colônias, o olhar sobre as relações sociais volta-se aos conceitos de dominador e dominado.

A ideia de oposição de um ser a outro, contribuindo para a formação da identidade, trata-se de um conceito especialmente funcional no discurso da teoria Pós-Colonial, uma vez que “a construção do sujeito é algo inerente à construção dos outros” (BONNICI, 2005, p. 14). Nesse contexto, o uso dos termos alteridade, diferença e outremização sugere semelhança de significados entre os mesmos. Se o sujeito colonizador só é sujeito enquanto domina o subjugado, sua condição de controle e força só é possível, na medida em que se opõe ao indivíduo objetificado, pois “a própria identidade do sujeito colonizado, a identidade da cultura imperial, é inseparável da alteridade do colonizador do outro, uma alteridade [...] determinada pelo processo de outremização” (ASHCROFT et al, 1998, p.12) (tradução minha).

A identidade discutida no discurso colonial, marcado pelo juízo de valor que diferencia um indivíduo do outro, sinaliza a diferença entre identidade e alteridade, pois são passíveis de questionamento também em relação a um ambiente multicultural, na medida em que sejam notadas discrepâncias entre o discurso igualitário, pregado em teoria e a realidade prática das relações entre os indivíduos em sociedade.

Nota-se, assim, que a identidade individual pode ser considerada, partindo-se de seus aspectos particularizantes, ou seja, traços que definem um indivíduo como único, bem como os oposicionistas que o distinguem de outro ser. No contexto multicultural, tais traços ainda são marcados pela valoração de uma etnia sobre a outra, quando o contexto

hegemônico mantém a diferença negativa entre as várias culturas presentes nele, afetando diretamente a formação da identidade dos indivíduos em comunidade e individualmente.

A chamada identidade individual se pautaria na história pessoal de cada indivíduo, como relações familiares, profissão, gênero, por mais contestável que possa parecer, enquanto considera-se identidade de gênero construída socialmente. Por outro lado, mesmo estando diante da sociedade como um todo, especifica algumas características individuais marcadas pela subjugação do gênero feminino pelo masculino por meio do discurso patriarcal, como: preceitos religiosos, preferências pessoais em todos os âmbitos, posicionamento ideológico, etc., bem como todos estes aspectos vivenciados pelo próprio indivíduo. A posição pessoal que é tomada em relação a todos os traços citados, dentre outros, denotam a cada ser humano sua posição particular diante da sociedade, refletindo a si mesmo quem seja, de modo a diferenciar sua postura da de seus semelhantes, mesmo compartilhando alguns traços em comum.

O partilhar características e ligar-se a outros indivíduos, de maneira a marcar determinadas posições em conjunto com um grupo, o revelar conceitos e pontos-de-vista vividos por uma comunidade inteira, o sustentar determinada ideologia e praticar atos ligados à família, religião, política, sociedade, entre outros, assumindo uma posição agora não mais individual, sempre pensando em comunidade, são ações que marcam a chamada *identidade cultural*. A continuidade de tradições e costumes que reavivam uma memória coletiva, a experiência de aspectos particulares que relembrem raízes, distantes ou não de uma realidade presente e o posicionamento focalizador de um traço ou bem-comum diante de um grupo, também determina a identidade cultural da qual todo indivíduo é provido, em maior ou menor intensidade.

O foco nas sociedades conviventes, em variadas etnias e num mesmo contexto, tem que lidar com uma realidade presente e com reações particulares e comunitárias opostas diante da coexistência de etnias naquele mesmo espaço. Algumas dessas reações são favoráveis à diversidade cultural, enquanto resistência à variedade cultural também se faz presente, como se tal característica do contexto fosse nociva à hegemonia europeia. Reações pautadas na identidade individual em oposição a um contexto inóspito podem ser exemplificadas como ataques individuais a outros, nas relações diárias, na tentativa de infligir dor e sofrimento a pessoas que representem o espaço hegemônico, atitudes tais que

partem de indivíduos que agregam em si maior capacidade de reagir, muitas vezes violentamente, ou mesmo buscam uma posição de maior subjetividade diante de condições e pessoas hostis a sua.

Exemplos de reações culturais ou, em escala menor, comunitárias, opostas ao regime social que agrega variadas etnias, dentre as quais algumas sentem e vivem discriminação, por serem marcadas pela diferença negativa, levam a atos de criação de ambientes específicos para dada comunidade. Sendo assim, a respectiva comunidade isola-se em sua cultura com seus integrantes, exemplificada por bairros inteiros limitados a imigrantes e descendentes de africanos ou chineses de maneira informal.

No entanto, a identidade individual pode gerar ações de aproximação, como a convivência amistosa entre indivíduos, que conseguem manter relacionamentos estáveis pautados na diferença positiva. Os contrastes enriquecem cada um, formando um grupo marcado pelas variedades de indivíduos, que contribuem para a convivência amigável de todos, diminuindo a oposição negativa entre os membros do grupo e aumentando o interesse pela variedade.

Ao mesmo tempo em que individualmente, as reações de identidade particulares pautam-se na predisposição e história pessoal que não permita isolamento e atitudes negativas ao ambiente hostil, a identidade cultural pode ser também promovida nesse sentido. De acordo com o discurso multicultural que busca a igualdade entre as variedades, bem como o reconhecimento e a valorização de cada uma delas, na mesma proporção que determinada minoria percebe-se parte integrante em igualdade com as outras que estão presentes no mesmo espaço, sua identidade cultural será cada vez mais reforçada e o sentimento de abertura à variedade pode levar a uma autoestima maior, promovendo a convivência cada vez mais amistosa entre identidades culturais, passando de rechaçadas a participantes da esfera social, agregando valores positivos a ela.

A iniciativa de reconhecer e valorizar a identidade cultural e individual de membros de minorias é uma proposta apontada pela Wieviorka (1998). Assumindo uma posição otimista em relação ao discurso igualitário do multiculturalismo, importa fazer com que tanto a identidade individual quanto a identidade cultural consigam ser elevadas a um

patamar em que as diferenças possam ser visualizadas somente em aspectos positivos, a partir de iniciativas sociais:

referindo-se à cultura na qual se encontre uma fonte de dignidade e autoestima [...] buscando que as minorias sejam reconhecidas e não desprezadas. Os indivíduos, então, serão capacitados a aprender sobre liberdade e constituírem-se a si mesmos como sujeitos (WIEVIORKA, 1998, p. 897)

Mesmo sobre o crivo crítico da ingenuidade ou impossibilidade real, a igualdade entre etnias para manterem suas particularidades ao mesmo tempo em que convivam pacificamente e enriqueçam umas às outras, a identidade individual, bem como a cultural, deveriam caminhar juntas focando-se na condição que as agregue em um mesmo patamar. A condição última da *cidadania* buscada com o oferecimento nacional de que os indivíduos são iguais ao mesmo tempo em que se influenciam uns aos outros socialmente.

De uma forma dialética, a real cidadania oferece à identidade individual uma fonte de leis, compromissos e segurança, em que a nação provê aos seus membros incumbidos de comprometerem-se com o crescimento e fortificação da mesma. Desse modo, a identidade cultural e minorias são também reforçadas, ao mesmo tempo em que o contexto nacional desenvolve e reforça os traços de variedade étnica. Assim, os âmbitos individuais e comunitários serão cada vez mais aptos a conciliarem-se entre si, progredindo em esferas privadas e públicas.

Essa cidadania imaginada é discutida em três âmbitos, de acordo com Modood (2007 - ONLINE). A primeira de suas características é constituir um formato não-transcendental e pluralista, onde cada indivíduo é detentor de necessidades especiais e particulares, fazendo com que a cidadania se molde a finalidades um tanto específicas de acordo com cada um. Ao se criar uma identidade nesses moldes, ela deveria ser capaz de agregar interesses das minorias, bem como adaptar-se aos interesses do contexto, satisfazendo necessidades individuais e coletivas.

A segunda característica da cidadania é ser multi-lógica, respeitando as diferenças entre os indivíduos, simultaneamente com o reconhecimento de que todos têm seu caráter unificador enquanto cidadãos, garantindo-lhes direitos civis enquanto são respeitados seus traços singulares.

A dispersão da cidadania constitui uma terceira característica e diz respeito aos campos variados em que ela deve operar, agindo sobre leis, política e debates civis, que influenciem o campo social em variados aspectos, contribuindo para a formulação de mudanças (MODOOD, 2007 - ONLINE).

Assim, questões individuais ou coletivas sobre identidade não podem ser consideradas simplesmente em suas esferas, uma vez que o convívio social delinea-as uma à outra, ao mesmo tempo em que uma age sobre a outra. Procurando reformas para o desenvolvimento de identidades culturais e individuais cada vez mais fortificadas, busca-se a convivência entre elas, de maneira mais amistosa, a partir do reconhecimento das diferenças positivas, que fazem parte de um contexto maior dentro da sociedade.

2.4 – Identidade cultural exógena no contexto de um ambiente branco hegemônico

Considerando um ambiente multicultural enquanto um espaço de convivência de variadas etnias entre si, é imprescindível pensar no papel das culturas presentes que migraram de outros espaços. Elas participam do crescimento nacional no novo país, agregando força de trabalho, atuando na produção de bens e aumentando o consumo, diversificando a sociedade no que se refere à variedade étnica que enriquece os parâmetros sociais, aumentando a tolerância às diferenças de maneira positiva ao permitir o contato e o conhecimento de culturas, costumes, religiões, vestimentas, comida, línguas, dentre outros. A proximidade com uma etnia diferente, com a qual os cidadãos podem ter contato em um convívio diário e profundo, com pontos-de-vista e valores diferenciados, permite a aquisição de novas formas de entender o mundo e o papel do ser humano nele, em seus

diferentes contextos, além de como se configuram as identidades em diversificadas culturas.

No entanto, reações contrárias ao entendimento da participação de indivíduos culturalmente diferentes, bem como a sua participação social, também são um fato em contextos onde ainda a pele clara é um fator de superioridade com relação aos ‘outros’. A partir do momento em que imigrantes e descendentes são encarados como indivíduos que se apropriam das benesses do país que os hospedam, vindos de condições mais precárias, fugindo de situações de guerra e perseguição, tornam-se passíveis de serem encarados como não-cidadãos, numa condição de imigrantes que não contribuem para o desenvolvimento da nação, além de representarem uma ameaça à nacionalidade do país ao agregarem características que se chocam com as dos nativos em vários âmbitos. Essa visão negativa da diferença étnica é característica de um ambiente hegemônico, em que os indivíduos pensam, partindo-se de uma superioridade construída histórica e socialmente em relação à história de domínio sobre estas nações.

O ambiente de tensão se instaura quando grupos étnicos convivem em um país, cujos parâmetros de superioridade sobre outras etnias podem gerar reações diversas em relação à presença dos considerados ‘outros’. Políticas de apoio às relações pacíficas e tolerantes, geralmente são desenvolvidas com o intuito de promoverem o convívio amigável entre os cidadãos. No entanto, elas podem ser colocadas em prática ou não no âmbito real da sociedade, o que dificilmente ocorre com contextos marcados pela superioridade branca.

O ambiente hegemônico, que é caracterizado pela crença da superioridade sobre os indivíduos culturalmente diferentes, age necessariamente pautado na diferença negativa em referência aos imigrantes. Ainda hoje, demonstrações de conceitos, previamente pautados somente na ideia de raça, continuam circulando como herança dos regimes de dominação sobre outros povos. Um exemplo corresponde à pesquisa feita por James Watson a respeito de características biológicas encontradas na ‘raça negra’ que, por conta de caracteres genéticos, estaria mais predisposta ao desfavorecimento intelectual em oposição à maior força física na comparação entre as ‘raças negra e branca’ (GATES JR, 2008 – ONLINE). As conclusões do cientista, de grande autoridade em pesquisas pela descoberta do DNA, tornaram-se uma forma de garantir à natureza o papel de criar raças em si inferiores e

superiores, relegando maior devastação a todo um passado de dominação europeu sobre os africanos. Em entrevista cedida a Henry Louis Gates Junior, o “efeito de choque, desânimo, e desgosto” (GATES JR, 2008 – ONLINE) causado por revelações que conduzem à continuidade de inferiorizar uma raça em relação à outra não parece ser o foco de Watson, que procurou descobertas científicas acima dos efeitos que tais revelações poderiam gerar como concepções filosóficas na sociedade. No entanto, um forte impacto nos estudos sociais tendem a diminuir a diferença negativa pautada na cor da pele foi sentido, enfraquecendo a posição de igualdade entre os indivíduos.

O posicionamento ‘racialista’ e não ‘racista’ do cientista, como diz Gates (2008), espelha o lado negativo da sociedade que ainda pensa ser a ‘raça’ um conceito que se pauta em características biológicas imutáveis e naturais. Assim, o preconceito construído em torno da ideia de ‘raça negra’, não apenas oposta, mas inferior à ‘raça branca’ a partir de dados genéticos, demonstra o ultrapassado e injusto viés de pensar o ser humano classificando-o de acordo com características físicas de cor dérmica, valorizando-o em patamares de importância que segregam e inferiorizam, por extensão, uma etnia em relação à outra. Portanto, a presença de uma etnia inferiorizada em um contexto branco continuaria sofrendo o peso da diferença negativa, uma vez que o conceito de etnia é pensado mais adequadamente quando desligado do conceito de ‘raça’.

Esclarecendo ainda mais o chamado racismo moderno, Gilroy (2001) justifica a produção de um importante trabalho sobre os estudos culturais sobre uma questão primordial, pois se trata de “a luta para tornar os negros percebidos enquanto agentes e pessoas de capacidades cognitivas, mesmo com uma história intelectual” (GILROY, 2001, p. 40). Ao exemplificar a condição dos negros ainda convivendo com políticas de preconceito racial, Gilroy (2001) esclarece, mais adiante, que as bases históricas de inferiorização se fazem presentes, de maneira mais velada e em condições diferentes por conta da transposição de limites físicos advindos da globalização, porém o comportamento que segrega e valoriza uma cultura em detrimento de outra, continua ativo e originado de diferenças étnicas.

Exemplificando a condição dos negros considerados diferentes por conta da cor da pele e imigrantes de nações colonizadas considerados os negros britânicos, essa condição estende-se a que imigrantes e descendentes de indianos, chineses ou outros ‘não-brancos’

encontrados em uma ambiente hostil. Obviamente, sendo rechaçados em seus valores e costumes, os indivíduos que sofrem com a superioridade de uma cultura hegemônica que não os reconhece nem e acolhe as diferentes etnias de forma completa, tampouco as valoriza, vêm a sentir o deslocamento e a fragmentação típicas dos sujeitos que migram de outro contexto. Agregado ao sentimento de inferioridade, a distância de uma terra natal, berço da cultura e costumes da própria nação impedem, muitas vezes, o sentimento de nacionalismo em relação ao novo país. Essa distância, entre sujeitos imigrantes e a nacionalidade local, acaba perdendo força com as gerações seguintes, que já nascidas no novo ambiente, tomam-no como sua pátria. Isso não os impede de sofrer com demonstrações de desvalorização étnica de suas origens.

No entanto, a presença de etnias exógenas não pode ser ignorada, levando a políticas e ideologia que procuram permitir a coexistência de variadas culturas. Instauradas em países como Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Suécia, Itália, Austrália, França e Inglaterra, tais políticas sociais podem tanto fornecer subsídios às etnias para que confirmem seu caráter particular, reforçando seu valor diante da sociedade, ao mesmo tempo em que podem rechaçar as singularidades delas com o reforço da união daquela nação, em torno da continuidade do patamar elevado que a cultura branca carrega consigo. Tendo em vista essa condição, o multiculturalismo contemporâneo resulta em efeitos distintos em cada país, abrindo uma gama de possibilidades de tratamento social de sujeitos imigrantes e seus descendentes em um contexto diferente do original, as variadas reações individuais e comunitárias que tal postura social pode fazer surgir.

2.5 – Possibilidades

O comportamento dos indivíduos diaspóricos diante de um espaço diferente de sua terra natal, ou de suas gerações seguintes que, mesmo nascidas no ambiente branco hegemônico e mais habituadas com a miscelânea de etnias componentes de seu contexto, criam algumas formas de interação com esse ambiente, retratando a maneira como as

relações sociais delineiam os comportamentos individuais e espelhando a formação do contexto social, a partir dos respectivos comportamentos individuais.

Em casos como o dos Estados Unidos, uma identidade acima das características que diferenciam as culturas entre si é estimulada a ser escolhida e aceita por todos os cidadãos que chegam de outros países, fazendo com que suas raízes étnicas sejam abandonadas ou, no mínimo, esquecidas em prol de assumirem uma nova vida no espaço americano. Essa realidade de supressão de particularidades étnicas para que uma nova seja assumida, uma vez que, passando a viver em território americano com o pressuposto de assumir a cidadania americana, baseia-se em afastar-se de suas origens, de modo a conviver no contexto superior.

A opção pelo abandono da etnia original ou de raízes para acolher o modo de vida do novo contexto torna-se uma opção em prol da convivência amigável. Além da tentativa de viver de maneira mais harmoniosa em um ambiente que hostiliza a diferença, assumir a cultura local oferece dois motivos propulsores de uma postura de forte distanciamento da etnia original. Uma vez assumindo os valores, comportamentos, língua, ideologia, religião, costumes e tudo o que envolve a cultura local, o sujeito diaspórico e seus descendentes evitam conflitos baseados na diferença étnica e usufruem dos fatores sociais positivos mais semelhantemente aos cidadãos locais. Ainda, a unicidade da nação é fortificada com a criação e fortalecimento da identidade americana, acima das diferenças étnicas dos indivíduos que constituem a nação.

O sistema do *melting pot*, definido por Margareth Thatcher em que “nenhuma outra nação combinou com tanto sucesso pessoas de diferentes nações sob uma cultura única” (SCHLESINGER, 1991 – ONLINE), não é uma realidade somente contemporânea, mas vem de uma tradição já citada por Hector de Crevecour, que define os colonizadores como uma “mistura de ingleses, escoceses, irlandeses, franceses, holandeses, alemães e suecos” (SCHLESINGER, 1991 – ONLINE). Tal mistura intensificou-se ainda mais com as novas imigrações pós-segunda guerra mundial, em que antigos colonizados voltaram às pátrias imperiais e encontraram maior facilidade de transpor limites territoriais com a crescente modernização e tecnologia.

No entanto, esse modelo de aceitação de uma cultura única, na mesma intensidade do renegar a etnia de raízes exógenas, resulta em fatores positivos e negativos. Se por um lado, os conflitos étnicos diminuem na proporção em que se aumentou o reconhecimento de culturas diferentes além da Europa, juntamente com uma maior visão a respeito do mundo ‘não-branco’, o efeito contrário ao que se previa com o olhar sobre a variedade também ocorre quando a valorização da diferença chega ao patamar da segregação, ao invés de compartilhar o mesmo espaço, sob uma cultura única, afastando-se da aceitação das características americanas, em prol de valorizar as raízes variadas.

A consequente receptividade dos padrões locais em detrimento das origens é chamada de *assimilação cultural* ou *aculturação*. Entende-se por *assimilação* “ação ou efeito de assimilar, isto é, fazer com que coisas diferentes se pareçam ou se tornem semelhantes” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 474). Na mesma fonte, a assimilação aplicada à sociologia define-se como “processo de ajustamentos progressivos através dos quais o indivíduo ou o grupo se integram no meio econômico e no ambiente sociocultural que o recebem”. É esse modelo de conduta social em relação às etnias variadas compõem um contexto encontrado nos Estados Unidos onde, de acordo com Schlesinger (1991), há efeitos positivos, como o reconhecimento da existência e de conquistas de grupos minoritários formadores do contexto americano tanto quanto fora dele. Os efeitos negativos são os resultados contrários que levam tais grupos a se oporem mais do que se unirem, sob a definição do que atesta o autor, que “Os Estados Unidos escaparam da divisão de uma sociedade multiétnica com uma solução brilhante: a criação de uma nova identidade nacional. O objetivo dos Estados Unidos era não preservar culturas antigas, mas sim criar uma nova cultura estadunidense” (SCHLESINGER, 1991 - ONLINE).

Em oposição à aculturação que leva indivíduos a assumirem uma cultura local em detrimento de suas características étnicas originais ou ascendentes, os sujeitos diaspóricos e suas próximas gerações podem buscar o distanciamento e a negação da hegemonia branca. Em face desse enfoque, o que finalmente resulta é o fortalecimento das raízes étnicas, na proporção da negação em assumir que a cultura local se torne mais presente na vida dos indivíduos do que suas tradições culturais. Essa posição pode ser denominada *resistência cultural* e tomar proporções drásticas e violentas.

Resistência caracteriza-se por algumas definições como “força que se opõe a outra, que não cede à outra; força que anula os efeitos de uma ação destruidora; oposição, reação, recusa de submissão à vontade de outrem” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 5012), ou “recusa em aceitar ideias novas ou mudanças” (LONGMAN DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH, 1995, p. 1206) e ainda “qualidade de um corpo que reage à ação de outro corpo [...] forçando-o à imobilidade; capacidade de suportar a fadiga, a fome, o esforço; recusa de submissão à vontade de outrem; luta que se mantém como ação de defender-se; defesa contra ataque” (HOUAISS, 2004, p.2348). Resistir, então, é uma maneira de não somente aceitar imposições culturais do local, mas também reforçar características próprias da etnia e, conseqüentemente, marcar uma individualidade mais profundamente quando pautada em traços da cultura original.

A base da resistência cultural torna-se, assim, a procura pelo valor da mesma, ao mesmo tempo em que a hostilidade local é denunciada. As formas com que se apresenta essa atitude podem ser em maior e menor grau, e uma das mais comuns formas é a criação de um espaço próprio, em que tradições culturais podem ser mantidas dentro do contexto ‘branco’ que inferioriza tais tradições. Tais espaços são definidos como *ghetos*, de acordo com o Longman Contemporary English Dictionary, referem-se a “parte de uma cidade, onde pessoas de uma determinada raça ou classe vivem separadas da população principal, comumente em condições precárias” (1995, p. 594). Existem duas possibilidades para a origem da palavra, a partir do vocábulo *aegyptos* (Egito), de onde provém ainda *cigano*, *gitano*, *gipsy*, reportando ao país de onde vieram os principais grupos judaicos, bem como possivelmente ser ligado à evolução do termo hebraico *ghet*, que denomina separação, carta de divórcio (Larousse Cultural, 1995, p. 2866). Fato diretamente relacionado aos bairros habitados por comunidades judaicas ou reservados aos judeus, que se separavam cada vez mais da maioria social, especialmente a partir da expansão cristã no século IV. Tais bairros e comunidades são, fundamentalmente, um forte símbolo de segregação e exclusão, que se desenvolveram com limites físicos visíveis, criando verdadeiras cidades inteiras, a partir do século XVI, por vezes integradas à sociedade e, por outras, totalmente isoladas dela. Com a Revolução Francesa, os judeus foram motivados a retornarem à cena social no século XIX, mas com a perseguição nazista, o cenário segregador voltou a fazer parte da realidade, isolando os judeus novamente.

A partir da história do surgimento de espaços onde uma minoria cultural se isola de uma realidade hostil, outras etnias passam a criar seus próprios espaços para a manutenção das tradições, como os bairros chineses e afro-descendentes dos Estados Unidos, como o Harlem. Essa forma de reclusão impede que influências locais prejudiquem o grupo, criando-se, assim, o que pode ser chamado de ‘estado dentro de outro estado’, pois toda uma gama de características da tradição é impulsionada, mesmo de forma estanque, em meio a um contexto impermeável às influências do âmbito social local hegemônico. Por outro lado, a visão negativa de pobreza, rebeldia, agressividade e desorganização (WACQUANT, 1996 - ONLINE) acompanhando a imagem dos respectivos bairros, talvez com mais força do que a própria denúncia de um contexto excludente e a resistência a ele.

Com vistas à realidade de exclusão sob a qual os guetos se estruturam, a forma com que o contexto leva cidadãos a isolarem-se com os seus semelhantes em busca do aumento da autoestima individual e, em comum com seu grupo, percebe-se que essa reação separatista ocorre em ambientes em que o multiculturalismo não é praticado de forma democrática. Partindo do princípio que a variedade étnica constitui um fato inegável, as políticas multiculturais, que não obtêm sucesso em promover a variedade com igualdade, acabam gerando reações, como de autoexclusão individual ou em grupo, por conta de não reconhecerem e promoverem a diversidade. De acordo com Schlesinger citado por Stratton e Ang (1994 - ONLINE), o multiculturalismo carrega em si o inevitável impulso separatista, além do fato de que países podem ser caracterizados por uma sociedade multicultural, sem ter as devidas políticas multiculturais de convivência entre as etnias variadas.

Casos como o da Austrália retratam uma abordagem diferenciada das políticas dos Estados Unidos de aculturação e da consequente resistência dos bairros e das comunidades, originando unidades nacionais diferentes entre si. Em oposição ao rechaçar características próprias de culturas variadas, em função da criação de um novo leque de traços culturais, na Austrália os

imigrantes são encorajados – e até de uma certa forma, forçados pela lógica do discurso – a preservar sua herança cultural enquanto o governo oferece apoio para que o façam; e como resultado, o lugar deles na nova sociedade é

sancionado pelo reconhecimento de suas identidades étnicas, (STRATTON; ANG, 1994 - ONLINE) (tradução minha)

criando uma alternativa mais democrática de convívio social gerado pelas políticas multiculturais da chamada *integração* social. Sob essa concepção e prática, o multiculturalismo, mais do que marcar que diferenças existam, promove a existência e a interação de etnias variadas consideradas em um mesmo patamar de valor, reconhecendo sua participação na formação de uma nação plural.

Considerando definições de *integração* como “reunião de um território, uma população, uma minoria; concentração numa mesma unidade de produção; unificação social, processo que assegura a inteireza de um grupo social ou de uma instituição” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 3187) ou “incorporação de um elemento num conjunto” (HOUAISS, 2004, p. 1630), a integração parte do princípio único de aproximar as diferenças, de modo a reconhecê-las por seu valor e motivá-las no auxílio do desenvolvimento nacional e em conjunto, ao invés da tensão instaurada com o viés da hegemonia branca. A partir de uma tendência mais igualitária, conflitos tenderiam a ser evitados e as diferenças seriam vistas com um foco comunitário e, não apenas com distanciamento entre si, pois “a aceitação da diversidade cultural (bem como o direito de voto e serviços públicos de não-discriminação e segurança social [...]) tem feito com que pessoas de origens muito diferentes se sentissem em casa” (SEN, 2006, p. 2) (tradução minha). O discurso integracionista pauta-se na promoção da elevação da autoestima individual, bem como do aumento da contribuição para a força nacional, porém tal discurso, por vezes, distancia-se da realidade prática, em que o contexto continua exercendo um poder sobre as minorias, pautando-se no eurocentrismo enquanto herança colonial.

Partindo-se do reconhecimento da pluralidade, Sen (2006 - ONLINE) distingue o multiculturalismo do chamado pluralismo monocultural, que busca manter mais arraigadamente as diferenças e o distanciamento étnico da maioria. Além de um discurso que alimente a proximidade das culturas, o multiculturalismo integracionista requer, ainda, a formação de indivíduos intelectualmente críticos e que consigam optar por qual tendência seguir, se a busca pela manutenção das raízes culturais será mais enfatizada do que as

influências locais na formação de sua personalidade, mas sempre buscando um posicionamento igualitário diante das etnias minoritárias. Assim sendo, o respeito que deve acompanhar o olhar reconhecedor da variedade não se deve pautar somente sobre o reconhecimento de sua existência, uma vez que a exotividade superficial da diferença acaba distanciando o indivíduo que olha para ela com superioridade, além de sentir-se superior, também, em sua tolerância.

Necessário, então, é não apenas focar o estímulo para o olhar sobre as variedades culturais, mas sim conhecê-las de forma respeitosa e valorativa. Sivanandan (2006 - ONLINE) argumenta ainda que se as políticas multiculturais fizeram-se necessárias, isso ocorreu em prol de uma massa de minorias que buscava, em conjunto, maior reconhecimento de sua presença naqueles países, os quais optaram por atitudes que minimizassem conflitos étnicos, levando-se à criação da unidade na diversidade, ao menos em uma proposta discursiva.

Cria-se, assim, no modelo integracionista, a imagem do *mosaico* social, agregando as diferentes etnias em uma unidade nacional, em que cada uma mantém seu valor e participação em contraste com o *melting pot*, ou cadinho, que funde as variedades culturais de maneira que as particularidades se perdem, originando uma nova identidade local, enfraquecendo assim, as tradições de cada integrante.

2.6 – Efeitos no sujeito diaspórico

Sob a condição de que a imagem do indivíduo para si mesmo, ou seja, sua identidade pessoal constrói-se inseparavelmente das relações que o sujeito opera na sociedade, onde “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganha ou perdida” (HALL, 2000, p. 21), tanto a identidade sofre influências do meio como reage a ele de modo variado.

Levando em conta que o ambiente hegemônico branco em questão pode afetar a individualidade de sujeitos oriundos de outras nações ou descendentes que vivem nesse

mesmo contexto, uma das consequências do embate entre meio e indivíduo é que suas características pessoais sejam distorcidas, por conta da tensão entre tradições e heranças étnicas em conflito com o ambiente branco, juntamente com a inferiorização delas em oposição ao reforço valorativo eurocêntrico.

O peso do contexto, que rechaça valores primordiais relacionados à cultura de um indivíduo, é tão sentido como a desvalorização dela naquele ambiente, o que faz com que o sujeito perca-se entre o conjunto ideológico do âmbito social e do privado, na medida em que geralmente a cultura original é mantida em uma esfera mais particularizada como a comunidade ou o ambiente familiar. Fanon (apud Bhabha, 1998) demonstra como a imagem do outro se trata de um *construto*, ou seja, como a influência de indivíduos que percebem o sujeito diaspórico configuram a identidade dele, carregando-o de estigmas sociais, afastando-o de uma condição igualitária junto ao meio, gerando consequências de distanciamento, forçado ou espontâneo, do ambiente do qual faz parte.

Os argumentos de Bhabha (1998) lembrando Fanon sobre os negros colonizados, aos quais “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado” (FANON apud BHABHA, 1998, p. 73), tais argumentos podem ser estendidos enquanto a marcação da diferença que, no presente, afetam a imagem do indivíduo ainda tratado como imigrante e não como cidadão. Em países como França e Dinamarca, que não reconhecem os sujeitos diaspóricos como componentes de uma realidade social, mas sim como indivíduos que chegaram de outras localidades, a identidade dos indivíduos imigrantes e seus descendentes sofrem com a fragmentação de pertencer a uma determinada cultura, ao mesmo tempo em que todo um ambiente hegemônico age em oposição a esse conjunto de valores, rejeitando e inferiorizando hábitos e comportamentos, bem como todo o conjunto filosófico e ideológico que os acompanha ao tentar impor uma nova realidade.

Como resultado, origina-se um indivíduo que não se sente pertencente a um ambiente e também sem raízes em outro contexto. O mesmo sofre com a perda da imagem própria, paralela ao tempo em que uma nova imagem de ser no presente, naquele local, não lhe é familiar e estruturada, a ponto de alicerçar sua posição diante da sociedade, tornando sua identidade rasurada.

Assim, as pressões vividas pelo sujeito diaspórico provêm de um ambiente hostil, eurocêntrico e hegemônico, além da esfera privada da comunidade na qual ele está inserido, fazendo-o oscilar entre a tensão em ambos os setores, pois “como todas as formas de diferença, acaba sendo um resultado de pressões de ‘fora’ do grupo bem como de ‘dentro’ do grupo” (MODOOD, 2007 - ONLINE). A rasura da identidade, dessa forma, firma-se no oscilar entre afirmar sua caracterização em ambos os espaços, o contexto social e a esfera privada.

Sendo um dos efeitos do sujeito diaspórico a rasura de sua identidade, que o faz deslocado e fragmentado em meio a um contexto social, que não apenas renega sua existência como cidadão, mas que ainda inferioriza suas características culturais essenciais, com reações de violência em graus variados também acabam sendo acarretadas como consequência dessa inadaptação.

Os ataques terroristas, por parte de indivíduos ligados ao islamismo, como os eventos de onze de setembro de 2001, são um exemplo dessa conduta. Por mais que embasados em variados tipos de conflitos como o político e o financeiro, o Ocidente e o Oriente se chocaram em um atentado de grandes proporções, que não foi um fato isolado, já com precedentes e efeitos posteriores, muito além da fatídica manhã da destruição das Torres Gêmeas, pois “a primavera tardia daquele ano verificou perturbações urbanas em muitas cidades inglesas em que jovens homens muçulmanos (principalmente de origem paquistanesa) participaram no papel principal” (MODOOD, 2007 - ONLINE).

Em reação a um ambiente branco, muito propenso a condutas sociais mais abertas, além da subjugação da cultura muçulmana e suas tradições, os ataques tornaram-se uma maneira de destruir a superioridade branca, que sufocava a minoria étnica dos indivíduos mais atormentados pela discriminação, marcaram todo um grupo que sofre com a diferença de visão de seu grupo. Assim, alguns indivíduos fundamentalistas e de atos extremamente violentos, configurando-se num temor cada vez maior em relação a toda a comunidade étnica, que acaba sendo ainda mais prejudicada pelo olhar de terror dos cidadãos, ao sentirem-se mais e mais próximos do perigo iminente. Os efeitos de tais atos, então, não passam a ser positivos, pois não auxiliam os integrantes desse grupo cultural para que sejam vistos com mais igualdade ou percebidos enquanto cidadãos participantes da sociedade. Pelo contrário, fazem com que a maior parte da população alimente a fobia

relacionada à ação ao grupo, ao invés de refletir somente sobre a própria conduta discriminatória.

O temor em relação ao grupo islâmico continua a ser reforçado em outras demonstrações de violência, como as bombas em Londres em 07 de julho de 2005. Diferentemente dos eventos de 2001, esses ataques são atribuídos aos “filhos da própria sociedade britânica multicultural” (KEPPEL apud MODOOD, 2007 – ONLINE), no qual sujeitos da segunda geração acabam ligando-se a grupos extremistas, cujo objetivo principal é destruir e prejudicar o eurocentrismo solapador da condição étnica, por meio do preconceito e rejeição social.

Não somente a violência física é acarretada, mas posturas agressivas são percebidas em esferas privadas e relacionadas aos sujeitos diaspóricos. Violência contra a mulher, controle dos filhos e agressividade comunitária em espaços como os guetos, por exemplo, demonstram uma tentativa de suprir, pela força, a lacuna deixada pela falta de aceitação da condição de igualdade entre as etnias. A imposição e regulamento ferrenho da religião, marcando a violência ideológica que fecha os âmbitos de atuação individual, é outro modo de efetivar o controle forçado possível para um grupo excluído, criando uma nova forma de resistência agressiva.

Toda a forma de violência, no entanto, não deve ser cobrada como resultado inevitável da política multicultural. Para Modood (2007 - ONLINE), a promoção da igualdade e o olhar sobre as minorias não se constituem motivos para reações extremistas de uma pequena parcela da comunidade, engajada em fortalecer uma identidade islâmica sem se submeter às opressões do meio. Tal reação deve ser encarada como caso específico, para que toda a gama de indivíduos sofrerá ainda maior preconceito enquanto vistos como perigo eminente.

Por mais complicado que sejam os efeitos da identidade rasurada do indivíduo diaspórico carregue e as consequências terríveis que a violência acarrete, há outra maneira de lidar com o contexto multicultural: a negociação entre culturas. A convivência das etnias diferentes entre si, por mais que os quesitos respeito e valorização das diferenças não estejam tão presentes quanto no discurso do multiculturalismo integracionista, é também

apresentada como uma realidade de alguns países ou locais deles nos quais estão abrigadas variadas culturas.

Um dos fatores mais importantes para uma convivência amigável, entre as culturas em um mesmo espaço, é a ênfase na posição étnica com a mesma intensidade na condição de cidadão local,

pois não há sentido em encorajar uma identidade multicultural ou de minoria e enfraquecer a identidade comum e nacional; as identidades multiculturais fortes são boas – não são intrinsecamente divisivas, reacionárias ou subversivas – mas necessitam de um complemento de uma conjuntura vibrante, dinâmica de narrativas nacionais e cerimônias e rituais que ofereçam expressão à identidade nacional (MODOOD, 2007- ONLINE)

A relação do discurso, que se pauta no modelo mais democrático das políticas multiculturais, pode ser reportada à maneira com que os indivíduos ajustam sua convivência no mesmo ambiente. O conviver negociando as variedades implica exatamente em manter uma união na pluralidade, reconhecendo cada indivíduo em si e em sua própria cultura, valorizando cada etnia de maneira com que elas promovam o bem-estar comum ao contexto, onde possam estar presentes sem afetarem negativamente umas às outras. Assim, se os costumes de uma determinada etnia conseguem espaço suficiente para serem mantidos, mesmo que na comunidade de modo privado, há a devida convivência com os costumes do país local, sem que uma cultura evite a existência da outra, conseguindo seus devidos lugares no mesmo país, a negociação acontece de forma a promover a aproximação das diferenças e a diminuir a tensão étnica.

A negociação baseia-se, assim, no princípio da igualdade entre culturas ao mesmo tempo em que seja respeitada a diferença entre elas, buscando o aprimoramento do convívio social, que sustente a diversidade e promova a pluralidade em sintonia com o bem-estar dos indivíduos em comunidades e no âmbito social nacional. A negociação se dá, então, sob a ótica de que as etnias não precisam conviver em combate, que a presença da variedade possa existir, a partir do momento em que uma cultura não seja afetada pela

outra, por mais que a cordialidade e a convivência profunda não aconteçam, evitando, ao menos, o aumento da tensão entre elas.

2.7 – Efeitos nos sujeitos ‘brancos’ produzidos pela presença diaspórica

Se a interação entre culturas variadas em um contexto hegemônico branco acontece de formas diferentes, causando efeitos variados nos sujeitos diaspóricos e descendentes, os indivíduos nativos locais também acabam sendo afetados pelas relações sociais, configurando resultados diferentes no ambiente.

Um desses resultados é a chamada *convivialidade*, que agrega um sentido mais harmonioso do que convivência. A convivialidade trata-se da “capacidade de uma sociedade de favorecer a tolerância e as mudanças recíprocas das pessoas e dos grupos que as compõem” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 1604). Ela está embasada no pressuposto de que a convivência entre diferenças pauta-se na harmonia e na promoção de seus espaços únicos enquanto variadas culturas. Assim, quanto mais uma nação e seus cidadãos abrem espaço para o entendimento de que a pluralidade de etnias existe e que não se trata de um fato negativo, como cada uma delas carrega seu valor histórico e cultural, a coexistência entre elas favorece, cada vez mais, a presença harmoniosa no contexto social, derrubando padrões de rejeição e preconceito.

Para Gilroy (apud ROBERTS, 2006 – ONLINE), a convivialidade é responsável por uma série de processos de coabitação e interação sociais, que tornaram o multiculturalismo um traço comum, tanto em áreas urbanas da Grã-Bretanha como em outras cidades pós-coloniais, uma vez que a presença de imigrantes e descendentes é inegável e as condições contemporâneas de convívio social levam a sociedade a patamares mais tolerantes que no passado, pois era mais rígido relacionado ao poder e ao eurocentrismo. Mesmo ainda presentes em relações de tolerância, mas muitas vezes distantes de aceitação real das diferenças, percebe-se que a sociedade hegemônica avança em abertura a tais diferenças, todavia, não sem conflitos ainda presos a convicções de

superioridade branca. É notado, com mais frequência, que a pluralidade étnica vem abarcando mais espaço diante do contexto branco, na medida em que as particularidades de cada cultura conseguem valorizar-se, com mais intensidade nas redes sociais, aumentando o contato e modificando a visão da presença delas por todos, pois a convivialidade apodera-se do fato de guiar a atenção individual para diferenças positivas entre culturas, uma vez que elas convivem de modo menos traumático e conflituoso.

É essa conduta mais harmoniosa que Attinasi (1993 - ONLINE) atesta em relação à educação das novas gerações no ambiente de culturas plurais, revertendo o olhar de unicidade e superioridade de uma etnia para todas as outras, cada vez mais presentes e híbridas nos indivíduos descendentes de imigrantes. O entendimento da diversidade e a promoção de suas singularidades fazem com que as novas gerações, já em contato com a variedade étnica, sem o trauma de desligar-se da terra natal e sentir a mesma ruptura geográfica de seus ascendentes, sejam providas de maior habilidade para o convívio social mais aberto, que devidamente estimulado, oferece resultados substanciais à democratização social, diminuindo o preconceito racial.

Esse *enfraquecimento do racismo* torna-se, então, um novo efeito da presença de indivíduos diaspóricos e descendentes, uma vez que a aproximação com as variedades étnicas aumenta e tornam-se mais amigáveis, promovendo o olhar ao indivíduo, outrora distante e diferente, mais próximo e igual. As concepções humanísticas são estimuladas, de modo que os sujeitos assemelham-se mais, diminuindo assim a superioridade de um em relação ao outro por conta de culturas diferentes, aumentando a autoestima dos indivíduos.

Se a aproximação entre as diversas culturas promove o maior entendimento das diferenças entre elas, a partir do olhar positivo, a tolerância da alteridade, ou seja, do diferente, do outro que não si mesmo, também é incentivada. Se a existência de variadas culturas, no contexto branco, é ainda permeada pela tensão entre etnias diferentes e a superioridade eurocêntrica, uma forma de lidar com essa presença é a simples *tolerância*, ou seja, a “disposição de admitir dos outros modos de pensar, de agir e de sentir diferentes dos nossos” (LAROUSSE CULTURAL, 1995, p. 5702).

O substantivo *tolerância*, no entanto, parece diferente do verbo *tolerar* na mesma fonte, sendo “aceitar com indulgência, permitir tacitamente, não impedir, suportar”. Para o

Longman Dictionary of Contemporary English, *tolerância* é “a disposição para permitir que pessoas façam, digam ou acreditem no que desejarem sem criticá-las” (1995, p. 1521). O verbo *tolerar* é definido como “permitir que pessoas façam, digam ou acreditem no que queiram, sem puni-las ou criticá-las; ser capaz de aceitar algo desagradável ou difícil mesmo que não se goste disso”.

Dessa forma, a tolerância dos indivíduos culturalmente diferenciados, em um país centrado em sua superioridade em relação aos outros etnicamente diferentes, está distante da ideia de reconhecimento das divergências apenas como diferenças, ainda mais distante do foco da aceitação de cada cultura enquanto singular e valorosa em si.

Tolerar, então, a presença de imigrantes que passam a viver em um país, que ainda acreditam ser superior e mais poderoso, parte do princípio de acatar a presença de outros mais fracos e inferiores. O olhar de inferiorização acaba segregando indivíduos em sua convivência social, reforçando marcas históricas de domínio que continuam no presente, constituindo-se uma realidade dura e de sofrimento aos que chegaram àquele ambiente hostil. Se tolerar continua, muitas vezes, distante do ato de valorizar, essa posição contrária à igualdade de valor entre as culturas local e exógena, espelha-se no receio de que parâmetros da sociedade local sejam alterados pela influência étnica de fora, abalando conceitos e modificando a realidade do país hegemônico.

No entanto, tolerar é um princípio que leva aos resultados anteriormente citados de convivialidade e diminuição de preconceito racial, pois a aceitação e valorização das diferenças parte da premissa de que elas existem. Ainda mais além, o fato de acolher a existência de diferentes etnias leva os indivíduos em geral, especialmente os configurados pelo eurocentrismo, de admitir, também, que *toda a nação é “mongrel race”*, ou seja, que toda a nação é composta pela mistura de várias etnias e que nenhuma raça é pura. Havendo a existência da variedade e a convivência com ela, o hibridismo torna-se inevitável por adição.

Se hoje as etnias misturam-se socialmente e indivíduos relacionam-se, gerando filhos com características de genótipo e fenótipos variados, não cabe considerar que a mistura de ‘raças’ seja um fato somente contemporâneo. Em todo o tempo, por conta de invasões e conquistas, abriu-se espaço para o contato de tribos e nações diferentes, sempre

resultando em mistura de povos. Mesmo dentre nações e ‘raças’ que se autodenominam ‘puras’, as eras antigas da história das nações mostram que ‘raças’ sempre foram mestiças.

A tentativa de firmar que a pureza de ‘raça’ provém da obstinação em manter a superioridade cultural das nações, fato que leva mesmo a uma nação branca a abastecer a ideia de superioridade cultural sobre outras de mesma cor dérmica e localidade, é exemplificado pelo caso da Inglaterra onde

a ‘cultura britânica’ não consiste de uma parceria igual entre as culturas componentes do Reino Unido, mas da hegemonia efetiva da “cultura inglesa”, localizada no sul, que se representa a si própria como a cultura britânica essencial, por cima das culturas escocesas, galesas e irlandesas e, na verdade, por cima de outras culturas (HALL, 2000, p.60-1)

A partir do reconhecimento de que as ‘raças’ todas são resultado da mestiçagem de muitas delas, as culturas passam a ser, conseqüentemente, mais aceitas em sua variedade. A ambientação inglesa, mesmo tentando manter a superioridade de sua cultura sobre outras, convive com uma realidade de pluralidade cultural ligada diretamente à mestiçagem de ‘raças’, impedindo que tal hegemonia continue sem oposições. Novamente, diante da tensão instaurada pela tentativa de manutenção de uma situação de poder construída socialmente, uma realidade que não permite mais esse esforço sem contestação, a superioridade da ‘raça branca’ vai perdendo sua força, ou seja, seu patamar de valorização aproxima-se cada vez mais das ‘outras raças’ componentes das etnias e representantes das culturas que a rodeiam.

Se a *diminuição da superioridade da ‘raça branca’* é promovida, há o conseqüente *aumento da tolerância das ‘outras raças’* com a percepção de que sempre houve uma convivência, amigável ou não, entre as etnias que sempre se misturaram, não havendo o objetivo em negar as mestiçagens de ‘raças’ e de culturas, senão a afirmação de uma unidade nacional. De modo pessimista, o temor em perder características que unam povos em um grupo, garantindo segurança enquanto nação choca-se com a visão otimista de aceitar a nação como um conjunto formado por diferenças possíveis de serem agregadas e

também trabalhem em prol de uma mesma comunidade, sem perderem suas singularidades pautadas em seus valores próprios.

2.8 – Conclusão sobre a teoria exposta

Estudar os indivíduos, a sociedade e a maneira como as representações literárias encaram os conjuntos sociais, embasados na realidade multiculturalista e os efeitos causados por ela, traz à tona uma realidade contemporânea inevitável. Com a presença diaspórica em países, cuja hegemonia branca ainda descende de uma superioridade construída historicamente sob alicerces colonialistas, as lutas pela igualdade entre minorias diante do respectivo contexto, a busca por uma convivência cada vez melhor entre todos e a promoção dos valores individuais e comunitários de cada etnia em interação umas com as outras, são o principal foco das abordagens multiculturais mais adequadas e otimistas.

Configurando-se a partir da coexistência de muitas e variadas culturas num mesmo espaço, as políticas culturais pautam-se em atitudes que promovam, de maneira mais harmoniosa possível, o relacionamento entre elas não só em teoria, buscando uma real paridade entre as diferenças ao considerá-las positivas, na medida em que “quando uma minoria participa ativamente na vida econômica do país, é menos provável que a diferença cultural seja rejeitada e ignorada do que quando ela é ignorada e marginalizada” (WIEVIORKA, 1998 - ONLINE).

Com duas possíveis abordagens de políticas multiculturais, o exemplo dos Estados Unidos busca a unificação de todo o país sobre uma identidade, que solapa as características étnicas das minorias na busca e fortalecimento da ideia da nação estadunidense, aproximando-se da assimilação cultural em detrimento da promoção da variedade. Esse modelo ideológico impõe à sociedade a caracterização de uma cultura ‘branca’ sobre outras, ainda mantendo certa inferiorização das diferentes etnias presentes.

Ao contrário desse modelo, o que se encontra, por exemplo, na Austrália, é o modelo cultural, onde as variadas étnicas são estimuladas a fortalecerem suas tradições e

fortalecer uma nacionalidade, partindo da pluralidade de culturas. Desse modo, o equilíbrio entre as minorias e o contexto geral, é encorajado na medida em que a autoestima das minorias seja tão focada quanto à unicidade nacional.

Independente da maneira como são expostas as políticas e abordagens multiculturais, a tensão entre o contexto e a presença das minorias continua existindo, os resultados nem sempre são positivos. Muitos problemas lideram ainda as reflexões multiculturais, levando a diferentes maneiras de praticá-lo. No entanto, os conflitos continuam existindo de forma inegável. O que se procura com a política multicultural e com a força da ficção ao retratar realidades de jogos de poder, discurso que destoa de práticas reais e denúncia de desigualdades ainda perpetuadas é, de forma otimista, o caminho para a convivência cada vez mais amigável e promotora dos valores entre as diferenças e a organização de sociedades, estimulando a autoestima de indivíduos e suas comunidades, em prol de um bem comum mais harmonioso e positivo a todos.

CAPÍTULO III

AS FAMÍLIAS EM *WHITE TEETH* (2000)

3 - Relações culturais e familiares em *White Teeth* (2000)

Considerando como uma das forças da literatura a de retratar o contexto no qual foi originada, marcando características sociais que configuram uma produção e denunciando um contexto opressor, as produções literárias evidenciam a situação de inferioridade social construída por um posicionamento de superioridade de alguns indivíduos sobre outros, partindo de um caso específico como representação de um meio mais amplo e das consequências à sociedade.

Em *White Teeth* (2000), o entrelaçamento da história de três famílias, uma bangladeshiana, uma caribenha e uma inglesa, é a ferramenta utilizada para a representação de uma configuração social em Londres e, por extensão, na Inglaterra contemporânea. Naquele contexto, tais etnias convivem entre si e sob constante tensão instaurada pelo fato de manter ou tentar valorizar as características culturais de origem, em contraponto com uma cultura local existente sob o pilar da superioridade em relação às minorias. As famílias no romance em questão, portanto, retratam a maneira como as culturas, tanto a hegemônica, quanto as de minorias, negociam suas coexistências, fundamentando-se em uma perceptível desigualdade de valores que delineiam todo um contexto mais amplo, em que surgem relações em ambientes privados como os exemplos constantes na narrativa.

Após todo o embasamento teórico, visando estudar as características do contexto social agregado a uma diversidade de etnias convivendo entre si, as maneiras como as relações entre elas são demarcadas, a partir de posições valorativas distintas, marcando pólos de superioridade e inferioridade de uma cultura em relação à outra, percebe-se que o retrato da mesma condição é basicamente sobre o que se pauta *White Teeth* (2000). Uma

vez que os conflitos entre personagens de etnias diferentes se baseiam nas relações entre eles e na forma como são concebidos uns pelos outros, o modelo de multiculturalismo integracionista, pressupondo a inserção da diversidade cultural e a valorização de cada uma das etnias como base para uma possível contribuição à nacionalidade, pautada na diversidade cultural, fica claro que muitos conceitos e episódios da narrativa distanciam-se de tais concepções.

Durante a trajetória das famílias, percebe-se que as relações e os conflitos entre os indivíduos de gerações diaspóricas em si e os de segunda geração, já nascidos em território inglês, moldam de maneira diferente as personalidades individuais. Enquanto os sujeitos de primeira geração parecem sentir com mais ênfase os preconceitos referentes à sua condição estrangeira, os de segunda geração transmitem a sensação de lidarem melhor com o contexto em que nasceram. Além de mais habituados com a pluralidade étnica, desenvolvem uma autoestima mais sólida diante do ambiente ao qual estão inseridos, quando comparados aos ascendentes, em relação às atitudes discriminatórias a que são submetidos. Tais relações e posturas são exemplificadas e pontuadas nas famílias de *White Teeth* (2000), que constituem o foco do presente capítulo.

3.1 - A família Iqbal, de Bangladesh

Uma das fundamentais atuações em *White Teeth* (2000) é a da família Iqbal. Representante da cultura bangladeshiana, ilustram os Iqbal as figuras do pai Samad, da mãe Alsana e dos dois filhos gêmeos Magid e Millat.

A trajetória dos Iqbal desenrola-se sobre a história em duas gerações, de costumes muito diferentes. O pai Samad, em especial, tenta manter em sua própria família os costumes e pontos-de-vista, que ligam o núcleo familiar às tradições islâmicas, sendo responsável por episódios singulares de tensão cultural, que delineiam todo o percurso da família de forma particularizada, desde as raízes de um bisavô encarado como uma lenda, até o desfecho irônico da oposição entre os dois irmãos.

A família Iqbal descende diretamente de Bangladesh, de onde Samad Iqbal, o pai, parte em busca de melhores condições de vida na capital londrina, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Frustradamente, Samad trabalha como garçom no restaurante de um primo. Ao aceitar gorjetas ínfimas, ele está consciente da condição de subemprego, resultando-lhe baixa autoestima e brigas constantes com a esposa Alsana, que trabalha como costureira, também com pouco retorno financeiro.

Ao reencontrar o inglês Archibald, seu companheiro na guerra, Samad incentiva que o amigo se case novamente, já revelando o valor indiscutível da esfera familiar para si e seus costumes. A estrutura do casal Samad-Alsana Iqbal, pressupostamente cúmplice e harmoniosa, mas não se baseia nos respectivos fundamentos, por iniciar-se pela diferença de idade entre o marido de meia-idade e a jovem esposa.

A chegada dos filhos gêmeos traz à tona mais conflitos para a convivência dos costumes muçulmanos, que agora lidam com descendentes nascidos no ambiente hegemonicamente branco e naturalmente familiarizados a comportamentos e às influências ocidentais, diferentes aos costumes que, especialmente o pai luta para manter com ênfase no núcleo familiar.

No entanto, comportamentos de Samad como a grande amizade a um inglês e o caso extraconjugal mantido com uma professora de seus filhos, estruturam-no sobre os pilares da inconstância entre a tradição muçulmana e reação segregadora de etnias, demarcando o personagem capaz de agregar, ao mesmo tempo, a reação a um contexto hostil e a tentativa de recuperação de valores culturais diferentes dos de sua cultura. O sofrimento entre não conseguir negociar o que ceder e o que agregar da cultura local com o sacrifício de alguns comportamentos tradicionais, guiando-o em sua conduta é mais uma constante em sua personalidade.

A luta de Samad culmina com o rapto e envio do filho mais velho, Magid, de volta a Bangladesh com o intuito de recuperar, no garoto, os valores muçulmanos depredados pela sociedade ocidental. Acreditando que os limites territoriais levariam Magid a tornar-se um cidadão exemplar aos olhos do pai, Samad passa pela vontade da esposa, Alsana, a qual reage ao fato calando-se diante do marido. Alsana cria, assim, uma barreira contra o patriarcalismo, que a domina durante todo o desenrolar de sua história, mas perde o filho

por anos, enquanto sofre com a possibilidade dos perigos que Bangladesh oferece ao filho, tais como as guerras e os desastres naturais.

Em contraponto com Magid em Bangladesh, Millat, o filho que continua em Londres com os pais, acaba por sofrer influências que também ameaçam e intensificam a tensão entre as tradições familiares e os costumes locais. Com relações estreitadas com a família Chalfen, ingleses considerados ‘modelos de conduta’, que instruíam os adolescentes a um comportamento mais aceitável socialmente, especialmente a mãe Alsana Iqbal sente a grande ameaça a que o filho rebelde estava sujeito, pois os ingleses direcionariam os adolescentes aos moldes ocidentais tão rejeitados pelos pais muçulmanos.

Integrante da família como sobrinha de Alsana, Neena, uma jovem adulta cuja opção homossexual escandaliza Alsana e leva Samad a duras críticas. Neena representa os conflitos entre a negação de padrões culturais rígidos intransigentes à homossexualidade, influenciada pelo contexto ocidental, que é mais tolerante às opções sexuais dos indivíduos. Todavia, a maneira como os Chalfen recebem as namoradas, as quais são requisitadas a buscar informações sobre os gêmeos, demonstram que o exotismo e a transfiguração da diferença em relação às respectivas preferências sexuais construídas entre os Chalfen, quanto às variedades étnicas, delimitando ainda mais o espaço de superioridade forçada no contexto hegemônico, recriando características diferentes, a partir do olhar ‘branco’, que interpreta a variedade de uma maneira propriamente construída pelo olhar que exotiza a condição diferente.

Assim, instaura-se a grande ironia da narrativa, pois ao mesmo tempo em que Alsana e Samad se afastam como casal, os filhos gêmeos são afastados como irmãos, pois Magid, enviado a Bangladesh, retorna como um verdadeiro inglês em costumes e comportamentos, admirador do cientista Marcus Chalfen, renegando tradições islâmicas, enquanto Millat, ficando na Inglaterra, aproxima-se de um grupo de fundamentalistas islâmicos e se torna um rebelde fundamentalista, distante das influências ocidentais de toda uma vida.

Se os conflitos entre as tradições culturais que a família Iqbal enfrenta estão diretamente ligados às relações sociais em *White Teeth* (2000), tais relações não somente se pautam sobre o contato com a família Chalfen, mas com a cidade e a postura adotada por

todo um conjunto de atitudes sociais mais amplas inerentes ao ambiente londrino em questão. Buscando ilustrar episódios que retratem tais questões e posicionamentos, destacam-se momentos da narrativa a seguir, que demarcam as posições polarizadas entre os indivíduos inferiorizados e os representantes da superioridade branca.

3.1.1 – A identidade cultural e as tensões na família bangladeshiana dos Iqbal

Tendo em vista que a família Iqbal, em especial o pai Samad, garante um posicionamento social, cuja manutenção da esfera cultural é um importante aspecto no convívio social e familiar, demonstrações das tentativas desse viés mantenedor de tradições são percebidas ao longo de toda a narrativa, em episódios e personagens diferentes.

Casamento, sexualidade

Uma forma de perpetuar costumes é a posição diante da sociedade. No caso da cultura muçulmana, visivelmente mais pautada em costumes que levem em conta a comunidade, distante do individualismo contemporâneo cada vez mais acentuado no Ocidente, o comportamento em relação à sexualidade é um fator relevante nas atitudes de Samad e dos Iqbal como um todo.

Casado com Alsana, Samad revela a vantagem de uma esposa mais jovem ao aconselhar o amigo a casar-se novamente: “Veja o meu caso. O casamento com Alsana me deu uma nova vida, entende? Ela me abre novas possibilidades. Ela é tão jovem, tão cheia de vivacidade... como um sopro de ar fresco” (SMITH, 2003, p. 23). Percebe-se que, na visão de Samad muçulmano, uma mulher mais nova traz consigo as qualidades da jovialidade e submissão, atraindo o marido pela conveniência do casamento. A relação em que o homem pode mostrar a juventude e beleza da mulher, como um adorno à força e virilidade de si mesmo, além de agregar a ele o domínio em uma relação onde não somente

a masculinidade, bem como a experiência da idade, pressupondo o controle da esposa, também agrada Samad por motivos diversos.

Porém, com o decorrer dos anos, Alsana passa de esposa jovem e submissa a um comportamento reativo em relação ao esposo Samad. Especialmente depois do envio do filho de volta a Bangladesh, Alsana pune o marido com o silêncio, o que fere seu posicionamento masculino, tanto como muçulmano enquanto como homem, na posição de subjugar a mulher. Enfaticamente, a esposa de Samad relembra os perigos que a terra natal oferece aos habitantes, limitando a aura de encantamento que Samad reforça somente para si mesmo, ou seja, Alsana assume o contraponto com Samad, refletindo uma posição contrária à do marido, que busca em todo momento, reiterar o valor da cultura muçulmana, que é vista de modo diferenciado pela esposa no ocidente:

[...] estou chorando pelos meus *amigos* [...] sangue vai ser derramado nas ruas, na Índia e em Bangladesh. Vai haver tumulto... facas, armas de fogo. Morte pública, foi o que vi. [...] gente vai morrer nas ruas. Vai ser como o *Mahshar*, o Dia do Juízo Final... gente vai morrer nas ruas Samad. Eu sei e você sabe. E vai ser pior em Nova Délhi, lá é sempre pior... (SMITH, 2003. p. 196) (grifo da autora)

[...] I am crying for my *friends*. There will be blood on the streets back home because of this, India and Bangladesh. There will be riots – knives, guns. Public death, I have seen it. It will be like *Mahshar*, Judgement Day – people will die in the streets, Samad. You know and I know. And Delhi will be the worst of it (SMITH, 2000, p.198)

O casamento de Alsana e Samad, portanto, passa de uma imagem inicial de relação positiva, ao menos pelos olhos do marido, para a constante tensão entre marido e mulher, que só se agrava ao longo da narrativa. O modelo, assim, de casamento islâmico pautado na submissão feminina ao marido se altera visivelmente com o passar do tempo, pois a esposa reage à postura de Samad desde a visão idealizadora dele a respeito da terra natal, ferindo-o em seu posicionamento como muçulmano, até as relações privadas.

A partir da descoberta do caso extraconjugal de Samad, tipicamente ocidental, e culminando com o fato de enviar sorrateiramente Magid de volta à tão temida terra, a esposa afasta-se cada vez mais do marido e ele dela, como casal e com respeito às convicções islâmicas sustentadas por ele, as quais ela gradativamente ataca e demonstra, de certa forma, idealizadas.

Assim, o casamento nos moldes islâmicos, sustentadores da comunidade onde a mulher é submissa e o homem rege, partindo dos preceitos patriarcais, se distancia mais e mais da relação entre Samad e Alsana. Da mesma forma que Samad se entrega a um relacionamento com uma professora dos filhos, causando danos em sua conduta enquanto homem muçulmano, especialmente por ser Poppy Burt-Jones uma ocidental.

Partindo da condição de que o marido sustente mais de uma mulher, o islamismo permite que a poligamia seja praticada, desde que ofereça às esposas e filhos a posição de igualdade de constituição familiar. Diante dessa condição de igualdade, a coexistência de mais de uma esposa não fere os fundamentos do islamismo, porém não admite o adultério. Por outro lado, o caso extraconjugal que Samad mantém com Poppy Burt-Jones, choca-se com os princípios religiosos de conduta do muçulmano, especialmente graves sendo ela ocidental. Assim, Samad não somente fere os princípios que o regem dentro de sua cultura, mas entrega-se a uma conduta assimilada do mundo ocidental e com uma figura ocidentalizada, refletindo a dualidade entre ceder ao desejo carnal e a submissão a um comportamento, que se apresenta na busca pelo reforço de suas características étnicas indianas. Duplamente contraditório, o remorso que Samad sente com o adultério é genuíno, pautando-se sobre dois princípios criticados por ele mesmo.

A sexualidade é intensamente reprimida aos olhos da religião enquanto apenas satisfação sexual. Esta, por sua vez, para a religião muçulmana, é um aspecto diretamente ligado à instituição do casamento, por ser o caminho para a concepção dos filhos, bem como a perpetuação da família e da população, em uma escala maior. Concebida como a atração e entrega do marido para a mulher, é nesta relação que a esposa conquista e encanta o marido e ambos proporcionam a continuação da prole e a harmonia entre o casal. O interesse por outra mulher, que não seja a esposa ou esposas oficiais, demonstra um sério desvio de conduta aos olhos do islamismo.

Ceder aos apelos de outra mulher, além da esposa, faz com que Samad sofra intensamente diante do desvio de conduta para muçulmana. Em intensa luta consigo mesmo para reprimir o desejo, Samad concentra-se no princípio de que “para o puro tudo é puro. Não posso ser mais justo que isso” (SMITH, 2003, p. 139), em busca da redenção de si mesmo. No entanto, ele não evita o caso com Poppy Burt-Jones, mesmo procurando as orientações com um religioso, que condena veementemente quaisquer demonstrações de sexualidade, aconselhando-lhe regras da abstinência.

Sugerido como um dos fatores que levam à traição da mulher, os desejos sexuais de Samad acompanham sua trajetória há muito tempo, desde “por volta de 1976, logo após o casamento com a desinteressada Alsana de mãos pequenas e punhos fracos” (SMITH, 2003, p. 139). Mesmo considerado um fator de origem da infidelidade do marido, Alsana mantém o casamento sem cumplicidade com Samad, mas ainda aos moldes da união matrimonial sustentadora da família Iqbal, além de cumprir um ‘destino’ específico para as mulheres muçulmanas de viver como esposa e mãe. Alheia aos sentimentos do marido, Alsana, em oposição a ele, representa seu papel de mulher submissa em certo grau, sem mencionar problemas de ordem sexual, na medida em que não exprime desejos em relação ao mesmo.

Violência

Marcando mais ainda a oposição da esposa ao marido, a violência física entre o casal torna-se, de certa forma, corriqueira, pautando-se na incompatibilidade entre os dois. Juntamente com as relações íntimas deterioradas, o casamento de Samad e Alsana acaba sustentado em preceitos familiares e culturais de parâmetros construídos socialmente, com distanciamento sexual, agressões morais e físicas que marcam a desarmonia do casal:

- Cala essa boca! Cala essa boca! Eu não sou maluca. *Você* está tentando me deixar maluca! Telefonei pro Adashir, Samad. Ele me contou que você anda saindo do trabalho às onze e meia. *São duas da manhã*. Maluca eu não sou. [...] Não, Samad. Ah, não. Ah, não. Não me considero nada. Não pretendo nada. *Você* se considera muçulmano. *Você* faz tratos com Alá. É com *você* que ele vai conversar na hora do *Mahshar*. *Você*, Samad Miah. *Você*, *você*, *vo-cê*.

Segundo assalto. Samad esbofeteou Alsana. Alsana lhe aplicou um gancho direito na boca do estômago, seguido de um soco no osso malar esquerdo. Depois correu para a porta dos fundos, mas Samad a agarrou pela cintura, prendendo-a como a um jogador de rúgbi, arrastou-a e lhe deu uma cotovelada no cóccix. Alsana, mais pesada que Samad, pôs-se de joelhos, erguendo-o; girou-o num zás e o arrastou até o jardim, onde o chutou duas vezes enquanto ele estava atirado no chão – duas estocadas breves e ferozes na frente -, mas a sola de borracha do tênis pouco dano causou e, num instante, ele se pôs de joelhos de novo. Agarraram a cabeleira um do outro, Samad resolvido a puxar até sangrar. Mas com isso os joelhos de Alsana ficaram livres para, velozes, atingir as virilhas de Samad, forçando-o a soltar o cabelo e dar um soco cego destinado à boca de Alsana, mas que lhe acertou a orelha. A essa altura, os gêmeos tinham saído da cama e, semiacordados, estavam parados em frente da comprida janela da cozinha assistindo à luta, enquanto as luzes de segurança dos vizinhos se acendiam, iluminando o jardim dos Iqbal como um estádio (SMITH, 2003, p. 198) (grifo da autora)

‘Shut up! Shut up! I AM not mad. You are trying to drive me mad! I phoned Adashir, Samad. He is telling me you have been leaving work at eleven thirty. *It is two in the morning*. I am not mad!’ [...] No, Samad. Oh, no. Oh, no. I don’t make claims. *You call yourself a Muslim. You make the deals with Allah. You are the one He will be talking to, come Mahshar. You, Samad Miah. You, you, you.*

Second round. Samad slapped Alsana. Alsana right hooked him in the stomach and followed up with a blow to the left cheekbone. She then made a dash to the back door, but Samad caught her by the waist, rugby-tackled her, dragged her down and elbowed her in the coccyx. Alsana, being heavier than Samad, knelt up, lifting him; flipped him over and dragged him out into the garden, where she kicked him twice as he lay on the floor – two short, fierce jabs to the forehead – but the rubber-cushioned sole did little damage and in a moment he was on his knees again. They made a grab for each other’s hair, Samad determined to pull until he saw blood. But this left Alsana’s knee free and it connected swiftly with Samad’s crotch, forcing him to release the hair and swing a blind flier meant for her mouth but catching her ear. Around this time, the twins emerged half awake from their beds and stood at the long glass kitchen window to watch the fight, while the neighbours’ security lights came on, illuminating the Iqbal garden like a stadium (SMITH, 2000, p. 199-200)

O relacionamento entre o casal Samad e Alsana passa, então, a uma condição em que a agressão física não mais surpreende marido e mulher, tampouco os filhos. Diante de uma relação que supostamente seria marcada pela submissão da esposa, frágil, abnegada e submissa, Alsana admira-se com a agilidade que enfrenta o marido, enquanto ele, mais velho, apenas conta com a força física que impõe obediência da mulher.

Embora a esposa devesse, de acordo com os moldes islâmicos, ser caracterizada pela submissão e simbolizar uma propriedade sobre a qual o marido teria o poder de

agredir fisicamente, de modo construído pela sociedade patriarcal islâmica, o que ocorre depois de alguns anos de casamento e vivendo no contexto ocidental é a reação veemente da esposa, que não aceita ser traída ou mesmo ser rechaçada em suas vontades no que tange ao futuro dos filhos. Nesse ambiente, Samad perde o controle garantido pelo patriarcalismo que não impera mais sobre Alsana, de maneira tão arraigada quanto na cultura original islâmica, permitindo à esposa a reação na busca de fazer valer sua força física e familiar enquanto mulher.

Millat e Magid, os exóticos

Sendo as relações diante da sexualidade um tópico abordado no romance de Zadie Smith com representação no casal Samad e Alsana, não somente pai e mãe ilustram essa abordagem, na família Iqbal. O foco na sexualidade encontra-se, também, no filho mais novo, Millat. Diferentemente de Magid, do qual não há muitos detalhes sobre a adolescência, Millat cresce em Londres em meio a muitas garotas, as quais se atraem pelos traços físicos exóticos e sensuais diferentes do padrão europeu. O jovem, então, usufrui de tal influência sobre as mulheres, em conjunto com sua postura rebelde, conquistando-as, bem como as vantagens que elas oferecem a ele, como a própria Joyce Chalfen. A jovem vê no rapaz um encanto baseado na sensualidade e nos traços étnicos que o diferenciavam dos padrões europeus, reforçando a recriação da diferença, que afasta os indivíduos ‘brancos’ dos outros, enxergados não em si e suas particularidades, mas sim na oposição:

-Minha nossa, ele é *deslumbrante*, não é? Como o Omar Sharif há trinta anos. Nariz aquilino esquisito [...] só pelo pouco que vi ele não me parece nem um pouco igual à maioria dos rapazes muçulmanos [...] Em geral são muito quietos, sabe, extremamente submissos... Mas ele é tão cheio de... energia! Mas rapazes como ele preferem as loiras, não preferem? Quero dizer, isso é o essencial, quando são bonitos assim. [...] Quando tinha a sua idade, eu gostava dos encenqueiros, mas a gente acaba aprendendo, acaba mesmo. O perigo não é realmente sensual, escute o que eu digo (SMITH, 2003, p. 312) (grifo da autora)

‘God, he’s *gorgeous*, isn’t he? Like Omar Sharif thirty years ago. Funny Roman nose [...] just from the little I’ve seen, he doesn’t seem at all like the most Muslim children [...] They are usually so silent, you know, terribly meek – but he is so full of... spunk! But boys like that want the tall blondes, don’t they? I

mean, that's the bottom line, when they're that handsome. [...] I used to like the troublemakers when I was your age, but you learn later, you really do. Danger isn't really sexy, take my word for it (SMITH, 2000, p. 320-1)

A representação da visão exotizada dos indivíduos diferentes dos locais, através do olhar admirador e esclarecidamente desejoso por Millat, constrói a figura do homem atraente em si, por conta dos traços que o diferenciam do estereótipo inglês. Altamente ligado ao sensualismo devido à cor da pele, mais uma vez o estigma de objetificação do indivíduo diaspórico, diferente, encarado como exótico e atraente em sua diferença distanciam-no, de certa forma, de sua condição humanizada e racional. A superioridade 'branca' acaba por pautar-se, novamente, na inferioridade do ser que é visto como um objeto de desejo aos olhos de quem o quer possuir e dominar. Millat, por sua vez, tira proveito de sua condição de desejado e utiliza-se de seus encantos, bem como de sua ironia, para inverter os pólos da 'dominação', usufruindo das vantagens que o ambiente propício as suas vontades instaura-se em Joyce Chalfen.

Considerações a respeito da sexualidade em meio aos Iqbal são delineadas diferentemente em Alsana e Magid, onde estão reprimidas, de modo contrário às condições de Samad e Millat, que revelam mais seus íntimos em relação a esse traço específico, que curiosamente é renegado ao longo do tempo, quando a tomada de posição de pai e filho se volta às tradições islâmicas no transcorrer da narrativa, independente da maneira como tais fatos são desencadeados.

Diretamente ligados à cultura, tradições, visão da instituição do matrimônio e posição diante da sexualidade, as concepções e posturas religiosas fazem parte intrínseca da configuração da família Iqbal. Também em conceitos diferentes, a fé, a religião e os desígnios que não dependem da força humana assumem papéis variados nos diferentes membros da família.

Em função de sua ida a Bangladesh, Magid recebe menos atenção relacionada aos detalhes pessoais em todos os seus sentidos. Todavia, enquanto em Londres, ainda criança, destacava-se pelo comportamento próximo aos moldes reservados ingleses, admirador dos traços ocidentais. Quando adulto, ao voltar para Londres, revela-se um completo assimilador dos costumes do Ocidente que o influenciaram, solapando as tradições

reforçadas com a vivência no país do pai. Mesmo tendo frequentado mesquitas e seguido os costumes em Bangladesh, Magid não faz referência à religião muçulmana, pois já de volta, age como se a cultura ocidental estivesse realmente enraizada nele, potencializada pela amizade com Marcus Chalfen, a admiração por seu trabalho e por ficar mais próximo de Irie.

Transformação semelhante à de Magid, mesmo já anunciada desde a infância, mas surpreendente, é a de Millat. O garoto, caracterizadamente esperto, torna-se um jovem rebelde, por vezes agressivo, com uma grande capacidade de liderar grupos ou destacar-se dentre outros. Com uma sensualidade característica, Millat transgride parâmetros familiares e sociais que perturbam e desapontam o pai Samad, ao mesmo tempo em que garantem a liberdade tão valiosa ao jovem.

A partir do contato com um grupo fundamentalista islâmico, Millat altera sua postura social não em relação à transgressão, mas sim sob os parâmetros religiosos. Fragmenta-se entre toda uma realidade que regeira sua vida até então, ídolos e condutas sociais que, no próximo momento, representam a decadência e inadequação que o jovem sente como responsáveis por seu próprio caráter de deslocamento e insatisfação existencial:

Agora ele sabia, *sabia* que quando a gente deseja um exemplo do *estado moribundo, decadente, degenerado, hipersexualizado e violento da cultura capitalista ocidental* e um exemplo de *estágio final lógico de sua obsessão com as liberdades pessoais* (panfleto: *A falência do Ocidente*), a gente não consegue fazer melhor do que o cinema de Hollywood [...] mas a mente de Millat era uma confusão só [...] Pior do que tudo era a raiva dentro dele. Não a raiva justificada de um homem de Deus, mas a raiva fervente e violenta de um gângster [...] e se o jogo era Deus, se o jogo era a luta contra o Ocidente, contra as presunções da ciência ocidental, contra o irmão ou Marcus Chalfen, estava resolvido a vencê-lo. (SMITH, 2003, p. 428-9) (grifo da autora)

Now he knew, he knew that if you wanted an example of the *moribund, decadent, degenerated, over-sexed, violent state of Western capitalist culture and the logical endpoint of its obsession with personal freedoms* (Leaflet: *Way Out West*), you couldn't do much better than the Hollywood cinema [...] but Millat's mind was a mess [...] Worst of all was the anger inside him. Not the righteous anger of a man of God, but the seething, violent anger of a gangster [...] and if the game was God, if the game was presumptions of Western science, against his brother or Marcus Chalfen, he was determined to win it (SMITH, 2000, p. 445-7)

Com influências extremistas de moralidade e comportamento social, encarrega-se de executar um ataque contra o cientista Marcus como rebelião à pesquisa de manipulação genética desenvolvida por ele. A partir de então, o grupo ao qual Millat se liga busca o extremismo religioso, que tolhe desejos sexuais e liberdades individuais como base para um comportamento, reconduzindo aos valores comunitários em exata oposição às condutas brancas e hegemônicas, driblando o destino pré-arranjado da ciência:

Nessa contextualização, a distância instaurada entre os comportamentos dos irmãos, baseia-se nas mudanças irônicas de opções de fé religiosa ou crença intelectual. Enquanto Millat rejeita o irmão que volta, Magid tenta aproximar-se e lamenta, racionalmente, pela separação, reforçando as posições de rebeldia e conformismo polarizadas nos irmãos:

Meu irmão me evita – disse Magid, a mesma expressão de calma e perdão universais inalterada. – Ele me marca igual a Caim porque eu não sou um crente. Pelo menos no deus dele ou em qualquer outro que tenha um nome. Por causa disso, recusa-se a se encontrar comigo, até mesmo a falar comigo ao telefone (SMITH, 2003, p.412)

‘My brother shuns me,’ said Magid, that same expression of universal calm and forgiveness unchanged. ‘He marks me like Cain because I am a non-believer. At least not in his god or any others with a name. Because of this, he refuses to meet me, even to talk to me on the telephone.’ (SMITH, 2000, p. 429)

A separação dos irmãos é um ponto que remete à posição de Samad como pai. Tão ligado aos preceitos patriarcais de sua cultura, com atitudes de domínio sobre a esposa e, mesmo diante dos dois filhos homens, fato importante e de relevância em uma cultura machista, Samad é exatamente desapontado em relação à prole, por conta da fé e das opções religiosas assumidas pelos filhos. Mantenedor das tradições ligadas aos ensinamentos do Alcorão, os moldes islâmicos, que um dos filhos renega enquanto o outro deturpa, fazem de Samad um pai entristecido e desiludido com as convicções familiares e religiosas, representantes de suas bases comunitárias nos moldes muçulmanos

Religião

Se a religião induz o pai Samad a se distanciar dos filhos ou desiludir-se com eles, esse fator continua sendo uma das mais assíduas características de Samad, mantendo-o mais ligado à cultura original. Da mesma maneira que o bisavô Mangal Pande o liga honradamente a um passado de guerra e vitória, a religião o liga à estabilidade e direcionamento de conduta, levando Samad a sentir remorso por trair a esposa, por ser um exemplo imperfeito para os filhos e como homem muçulmano, que tem na fé a motivação comunitária saudável, diferente do caminho trilhado pelos filhos.

Fundamentando-se nos ensinamentos de fé que segue como estrutura de sua identidade muçulmana, Samad percebe que as influências ocidentais atacam exatamente os comportamentos que a religião guia, enquanto fundamental para a postura masculina deslocando o homem do contexto em que está inserido, causando a ira contra um ambiente que desmorona suas convicções e o faz sentir-se alheio a ele:

Não é culpa. É medo. Estou com cinquenta e sete anos, Shiva. Quando a gente chega nessa idade, a gente fica... preocupado com a fé, não quer deixar coisas pra depois. Fui corrompido pela Inglaterra, entendo isso agora. Os meus filhos, a minha mulher, eles também foram corrompidos. Penso que talvez fiz amizades erradas. Talvez fui frívolo. Talvez pensei que o intelecto é mais importante que a fé. E agora parece que essa tentação derradeira me confronta com ela. Para me punir, entende? (SMITH, 2003, p.145)

'It is not guilt. It is fear. I am fifty-seven, Shiva. When you get to my age, you become... concerned about your faith, you don't want to leave things too late. I have been corrupted by England, I see that now – my children, my wife, they too have been corrupted. I think I have made the wrong friends. Maybe I have been frivolous. Maybe I have thought intellect more important than faith. And now it seems this final temptation has been put in front of me. To punish me, you understand? (SMITH, 2000, p. 144)

Em oposição à postura de Samad e dos filhos, Alsana participa como uma reveladora da concepção de fé, pautada em uma força superior, que rege a vida de forma inevitavelmente poderosa. A religião de Alsana permite-lhe compreender e reagir ao comportamento do marido, ao mesmo tempo em que percebe ser a causa de tantos fatos

sem explicação, como guerras e sofrimento na terra natal. Alsana admira e idolatra figuras que pregam a paz e conciliação, independentemente de suas relações com a espiritualidade sobrenatural ou não, fazendo-a crer na bondade humana, que é guiada pela fé na mesma proporção em que as atrocidades ou os desastres naturais que não dependem da ação humana, mas provêm de uma força divina.

O contraponto da visão de Alsana complementa atitudes diferentes de posicionamentos religiosos dos muçulmanos e de sua realidade singular no mundo islâmico, aspecto tal, que instaura mais uma postura reveladora da realidade prática, ou seja, de uma cultura que sofre com desastres naturais e atos humanos, de proporções tão grandiosas, limitando o ser humano à condição de impotência diante do que é regido pelas forças superiores:

É diferente para as pessoas de Bangladesh, ex-Paquistão do Leste, ex-Índia, ex-Bengala. Elas vivem sob o dedo invisível do desastre aleatório, da enchente e do ciclone, do furacão e do deslizamento de terra. A maior parte do tempo, a maior parte do país jaz sob as águas; gerações exterminadas com a mesma regularidade do mecanismo de um relógio; a probabilidade de vida individual uns otimistas cinquenta e dois anos, e elas estão serenamente cientes de que, quando se trata de apocalipse, quando se trata de morte aleatória em massa, bem, elas estão na liderança nesse campo em particular, serão as primeiras a desaparecer [...] é a ideia que Deus faz de *uma trama realmente boa*, é Seu experimento com a comédia e o humor negro (SMITH, 2003, p. 209) (grifo da autora)

It is different for the people of Bangladesh, formerly East Pakistan, formerly India, formerly Bengal. They live under the invisible finger of random disaster, of flood and cyclone, hurricane and mud-slide. Half the time their country lies under water; generations wiped out as regularly as clockwork; individual life expectancy and optimistic fifty-two, and they are coolly aware that when you talk about apocalypse, when you talk about random death en masse, well, they are leading the way in that particular field, they will be the first to go [...] It is God's idea of a *really good wheeze*, his stab at black comedy (SMITH, 2000, p. 211)

Assim, em uma direção também alternativa, Alsana representa uma visão mais prática da religião, baseada em fatos reais e distante do extremismo ou da racionalidade que exclui a fé, diferente, também, de leis escolhidas como regentes de atitudes

individuais. Reconhece a comunidade como instância superior, mas acreditando, de maneira realista, na figura de mulher e mãe, que a fé igualmente se reflete nos desastres, nas calamidades, no sofrimento de humanos insignificantes, fracos e manipulados por forças muito maiores, que definem acontecimentos decisivos no mundo individual e coletivo.

Segunda geração

Tendo em vista alguns aspectos estruturantes da posição de cada um dos integrantes da família Iqbal, de maneira bem profunda, aspectos mais corriqueiros da vida social e familiar, da mesma forma, são bases estruturais para a configuração de identidade dos Iqbal. Tendo em vista as origens bengali, especialmente em Samad e Alsana, sujeitos diaspóricos em si, elas modificam-se na segunda geração com a instensificação dos atributos ingleses dos filhos Magid e Millat, já nascidos na Inglaterra.

A posição diante da educação escolar é um dos aspectos do cotidiano dos filhos, enquanto crianças, revelando a dualidade entre os gêmeos, aproximando-os ou distanciando-os dos pais. Magid, mais concentrado, sereno e sério, optava por opções de asseio pessoal que transmitissem sua personalidade mais séria e ligada à educação inglesa e intelectualidade. A instrução educacional é, assim, mais um aspecto que distancia os filhos dos pais no que se refere à identidade. Sentindo-se naturalmente inglês, Magid liga-se, desde sempre e de modo mais intenso à escolaridade, rebela-se quando o pai tenta forçá-lo a seguir tradições em vez de ocupar-se com a escola. Samad, buscando em Magid a carga de responsabilidade do filho homem e mais velho, leva o menino a reagir a tal conduta, quando quer aproximar-se cada vez mais dos parâmetros do ambiente ‘branco’:

- Droga, você é um muçulmano, não um anão de madeira! Eu já falei, Magid, eu já falei sob qual condição teria permissão para isso. Você vai comigo na peregrinação a Meca. Se eu tiver que tocar naquela pedra preta antes de morrer, vou tocar com o meu filho mais velho do meu lado.

Magid quebrou a ponta do lápis no meio da resposta, rabiscando a segunda metade com a grafita rombuda. NÃO É JUSTO! NÃO POSSO IR NA

PEREGRINAÇÃO. TENHO QUE IR NA ESCOLA. NÃO TENHO TEMPO PRA IR PRA MECA. NÃO É JUSTO! (SMITH, 2003, p. 153)

‘Dammit, you are a Muslim, not a wood sprite! I *told* you, Magid, I told you the condition upon you would be allowed. You come with me on haj. If I am to touch that black stone before I die I will do it with my eldest son by my side.’

Magid broke the pencil halfway through his reply, scrawling the second half with blunt lead. IT’S NOT FAIR! I CAN’T GO ON THE HAJ. I’VE GOT TO GO TO SCHOOL. I DON’T HAVE TIME TO GO TO MECA. IT’S NOT FAIR! (SMITH, 2000, p.152)

Se por um lado Magid é intensamente ligado à escola, o irmão Millat sustenta sua rebeldia, especialmente no ambiente em que se torna um líder entre os jovens, ou seja, a escola. Sem muito foco na instrução, para Millat o ambiente escolar trata-se de um contexto em que pode destacar-se entre os demais, exercendo sua persuasão, através do charme ou da rebeldia, tornando-se admirado por sua ousadia.

Em consonância com o pai Samad também nesse traço, a educação intelectual para Millat não representa um grande objetivo pessoal, especialmente quando se associa ao grupo extremista religioso. Da mesma forma que para o pai, a instrução intelectual parece chocar-se com preceitos religiosos, instaurando uma condição excludente entre elas, percebido em Magid no outro pólo, o qual enfatiza a educação e não se prende com tanto afinco à religiosidade.

Pouca referência à condição educacional da mãe Alsana também é explorada, mas pode ser dito que o filho Magid assemelha-se mais a ela nesse sentido: “(Alsana vinha de uma antiga e respeitada família bengali e estudara a história inglesa; mas veja-a agora; se vissem a que nível inferior...!)” (SMITH, 2003, p. 70). O contraponto, portanto, entre predisposição à religiosidade e à intelectualidade se estruturam sobre as figura de Millat e do pai Samad, por um lado, e por Alsana e Magid, por outro, na medida em que elevam a escolaridade e desmistificam, de certa forma, os ensinamentos religiosos que guiam os comportamentos idealizadores e extremistas do pai e do filho mais jovem. A valorização do distanciamento entre religiosidade e racionalidade será evidente mais adiante quando os filhos, já adultos, partilham dos interesses científicos de Marcus Chalfen, no caso de Magid, ou atacam seus princípios, rebelando-se contra eles, como em Millat.

Se religiosidade e escolaridade desenvolvem-se, em personagens diferentes e em uma relação em que, quando uma é focada, a outra perde intensidade na concepção de cada um dos membros da família, essas posições são ligadas, ainda, ao conjunto de valores e comportamentos mais corriqueiros em cada personagem. Refletidos em uma cultura diária de vocabulário, vestimentas, comidas e participação social, as posturas dos Iqbal também variam de acordo com seu olhar sobre o contexto inglês e as tradições que procuram manter das raízes indianas.

Para os filhos, os apelos da cultura inglesa desde o início são atrativos. Em convivência com outros na escola, os parâmetros da maioria ou o que os garantia a identificação com os grupos eram estilos de roupa, música e comportamentos que os associassem, de alguma forma, a uma comunidade real, a qual eles conseguiam aproximação e pertencimento cultural não só em lembranças ou imaginárias.

Os filhos, ainda crianças, ao passar pelas ruas de Londres, desejavam roupas e calçados que os identificassem com a cultura local, permitindo-lhes tomar parte no grupo, ilustrando a influência que o meio social exerce nos indivíduos. Mesmo nascidos em uma família indiana onde costumes de alimentação, vestuário e comportamentos como o vocabulário são mantidos pelos pais, a segunda geração inevitavelmente assimila o que o meio oferece como traços culturais, até mesmo negando algumas características familiares originais. Na busca pelo pertencimento ao grupo social local e negando características que distanciam o indivíduo da aceitação coletiva, os filhos reproduzem comportamentos que os deixem mais à vontade no contexto branco, ao mesmo tempo em que aumentam a distância de sua descendência indiana:

- Estou indo para o clube de xadrez, mãe.

- Sim, M... M... Mark – disse Alsana, prestes a chorar diante dessa última afronta, trocar ‘amma’ por ‘mãe’. – Mas não volte tarde.[...]

EU LHE DEI UM NOME GLORIOSO COMO MAGID MAHFOOZ MURSHED MUBTASIM IQBAL! – vociferou Samad quando Magid voltou para casa e disparou escada acima feito bala para se esconder no quarto. – E QUER SER CHAMADO DE MARK SMITH!

Isso, porém, fora apenas um sintoma de um mal-estar bem mais profundo. Magid queria, na verdade, pertencer a *uma outra família* (SMITH, 2003, p. 152)

‘Off to the chess club, Mum.’

‘Yes, M - M – Mark,’ said Alsana, close to tears at this final snub, the replacement of ‘Mum’ for ‘Amma’. ‘do not be late, now.’ [...]

‘I GIVE YOU A GLORIOUS NAME LIKE MAGID MAHFOOZ MURSHED MUBSTASIM IQBAL!’ Samad had yelled after Magid when he returned home that evening and whipped up the stairs like a bullet to hide in his room. ‘AND YOU WANT TO BE CALLED MARK SMITH!’

But this was just a symptom of a far deeper malaise. Magid really wanted to be *in some other family* (SMITH, 2000, p. 151)

Se para Magid, quando criança, optar pelo nome inglês é uma forma de optar pela cultura branca, essa tendência se intensifica a ponto de total rejeição da origem muçulmana quando adulto. Fator este mais surpreendente nele por conta dos anos vividos em Bangladesh. Magid assinala sua total opção pela cultura ‘branca’ ao negar os costumes que o pai desejava intensificar nele, causando imenso desapontamento dos pais diante do filho que retorna, enquanto alvo de críticas também do irmão, os quais não aceitam a opção individual do jovem. Magid, por outro lado, insiste em manter sua escolha, ao mesmo tempo em que busca a conciliação e tolerância das opções individuais demonstradas desde menino. Desde as vestimentas, completamente brancas e asseadas, até o discurso intelectual, relações familiares e sociais baseadas no racionalismo e costumes distantes dos indianos, revelam como o filho mais velho dos Iqbal adota uma completa identidade ocidental, mesmo quando está entre os familiares, em ambiente caracterizadamente de minoria:

- Essa tua roupa é muito bonita – murmurou Denzel, acariciando pensativamente o tecido branco. – É o que os ingleses costumavam usar lá na Jamaica, lembra, Clarence?

[...] - Então, Magid, o que é que você quer? [...] Ovos? Cogumelos? Feijão? Frituras?

- Acho – respondeu Magid examinando com vagar o empoeirado quadro-negro com o cardápio na parede, e em seguida virando-se de volta para Mickey, o rosto iluminado – que vou querer um sanduíche de bacon. Sim, é isso. Eu

gostaria de um sanduíche de bacon bem passado, mas suculento, com ketchup. Pão de centeio.

Ah, a batalha que nesse momento se tornou visível na fachada de Mickey! Ah, as contorções gargulantes! Era uma batalha entre a concessão ao mais refinado freguês que ele jamais encontrara e o mais abençoado, o mais sagrado regulamento do O'Connell's Pool House. NADA DE PORCO.

[...] – É muçulmano, não é? Não vai querer partir o coração do teu pai com um sanduíche de bacon.

- O coração do meu pai não se partirá com um sanduíche de bacon. É bem mais provável que o coração do meu pai se parta como o resultado do acúmulo de gordura saturada, que, por sua vez, é o resultado de comer neste seu estabelecimento ao longo de quinze anos. Pergunto-me – disse Magid com serenidade – se não seria possível apresentar uma causa, uma causa legal, entende?, contra indivíduos da indústria de serviço alimentício que não cumprem a obrigação de etiquetar os alimentos com um conteúdo explícito de gordura ou um aviso sanitário geral. É o que me pergunto. (SMITH, 2003, p. 432-3)

'Dat a lovely suit you gat dere,' murmured Denzel, stroking the white linen wistfully. 'Dat's what the Englishmen use to wear back home in Jamaica, remember that, Clarence?'

[...] So: what is it I can get you, Magid? [...] Eggs? Mushrooms? Beans? Fried slice?'

'I think', replied Magid, slowly surveying the dusty chalkboard menus on the wall, and then turning back to Mickey, his face illuminated, 'I should like a bacon sandwich. Yes, that is it. I would love a juicy, yet well-done, tomato ketchup-ed bacon sandwich. On brown.

Oh, the struggle that could be seen on Mickey's kisser at that moment! Oh, the gargoylean contortions! It was a battle between the favour of the most refined customer he had ever had and the most hallowed, sacred rule of O'Connells Pool House. NO PORK.

[...] 'You're a Muslim, int ya? You don't want to break your father's heart with a bacon sandwich.

'My father's heart will not be broken by a bacon sandwich. It is more likely that my father's heart will be broken from the result of a build-up of saturated fat which is in turn a result of eating in your establishment for fifteen years. One wonders,' said Magid evenly, 'if a case could be made, a legal case, you understand, against individuals in the food service industry who fail to label their meals with a clear fat content or general health warning. One wonders.' (SMITH, 2000, p. 450-1)

No entanto, se para Magid, os costumes como a restrição alimentar não são necessários para a manutenção da religiosidade e nem mesmo da harmonia familiar, tal tendência já era revelada desde criança em relação ao irmão Millat e sua propensão aos

aspectos culturais ocidentais. Envolvido num ambiente escolar em que as crianças são conduzidas a se adequarem aos moldes da maioria, o filho mais novo cresce sobre as influências da cultura de massa e adota dos atores de Hollywood o estilo rebelde que mantém com modelo até ser envolvido pelo grupo extremista muçulmano.

Com ídolos de filmes e ostentando sua preferência pelo ambiente corrompido do mundo ocidental, Millat passa de filho rebelde para descendente fundamentalista, alterando por completo suas características pessoais enquanto põe em dúvida a sua condição de sujeito diaspórico de segunda geração, envolvido com mais ênfase em seus questionamentos de identidade. Chegando à maioridade, cada vez mais fragmentado e em dúvidas com relação às suas origens étnicas e características inglesas, Millat transforma-se em um adulto problemático e vulnerável às influências exteriores, menos firme em suas opções quando comparado ao irmão gêmeo:

[...] o problema com o subconsciente de Millat [...] era que estava dividido basicamente em dois níveis. De um lado, fazia um tremendo esforço para viver como Hifan e os demais sugeriam [...] ele achava que Maomé (que a paz esteja com Ele!) era um sujeito justo, um camarada legal, e tinha um grande respeito pelo Criador [...] E sabia (quantas vezes não discutiu isso com Hifan?) que o filme de ‘gângster’, o gênero máfia, era o pior exemplo disso [...] Daria todos os cigarros de maconha que fumara na vida e todas as mulheres que comera na vida para recuperar os filmes que a mãe queimara, ou mesmo os poucos que comprara recentemente e que Hifan confiscara. Rasgara a carteirinha de associado do Rocky Video e jogara fora o videocassete de Iqbal para se distanciar da tentação direta, mas era culpa dele que o Canal 4 tivesse apresentado um festival de filmes do De Niro? (SMITH, 2003, p.426-8)

[...] the problem with Millat’s subconscious [...] was that it was basically split-level. On the one hand he was trying real hard to live as Hifan and the others suggested [...] he thought Muhammad (peace be upon Him!) was a right geezer, a great bloke, and he was in awe of the Creator [...] And he knew (how many times had he been through it with Hifan?) that the ‘gangster’ movie, the Mafia genre, was the worst example of that [...] He would give every spliff he’d ever smoked and every woman he’d ever fucked to retrieve the films his mother had burnt, or even the few he had purchased more recently which Hifan had confiscated. He had torn up his Rocky Video membership and thrown away the Iqbal video recorder to distance himself from direct temptation, but was it his fault if Channel 4 ran a De Niro season? (SMITH, 2000, p. 444-6)

A dualidade de posicionamento diante de características culturais dos dois irmãos também reflete a maneira como a geração ascendente, ou seja, os indivíduos diaspóricos em si, lidam com as influências do meio externo. De modo mais direto, os pais acabam assumindo uma postura mais ligada às origens como consequência do costume com esses comportamentos, fazendo-os continuar a praticar suas atitudes habituadas à cultura de origem e manterem as tradições de forma mais enfática.

Pode-se perceber que o pai, Samad, é a grande figura detentora da atividade de manutenção das características originais indianas, especialmente em seu próprio núcleo familiar. Continuando com os costumes em relação às roupas que usa e mantendo aspectos linguísticos no dia a dia, os traços de Bangladesh são reiteradamente lembrados na figura paterna, que também assume a condição de mais forte resistência às influências eurocêntricas, exatamente sem conseguir desvencilhar-se delas em alguns momentos, como o da consumação do adultério.

Mesmo em um momento como esse, em que o pai Iqbal revela sua intrínseca familiaridade com os costumes indianos, lembrados mesmo em situações que o distanciam da conduta ideal de um muçulmano. O encontro com a amante, tenso por conta da consumação da traição, deixa Samad preocupado em agradar a mulher com algum presente. Diante de uma situação desconfortável, o homem opta por um presente que, em sua concepção muçulmana, é significativo, mas que traz uma ironia ao momento exatamente por estar muito distante dos padrões ocidentais:

- Um coco?

Poppy Burt-Jones segurou o objeto peludo e olhou para Samad com um sorriso de perplexidade.

- É uma coisa meio misturada – Samad começou a explicar, nervoso. – Com um suco igual ao de uma fruta, mas duro como uma noz. Castanho e velho por fora, branco e fresco por dentro. Mas não acho a mistura ruim. A gente às vezes usa – acrescentou, sem saber mais o que dizer – no *curry* (SMITH, 2003, p. 166)

‘A coconut?’

Poppy Burt-Jones took the hairy object into her hands and looked up at Samad with a perplexed smile.

‘It is a mixed-up thing,’ began Samad nervously. ‘With juice like a fruit but hard like a nut. Brown and old on the outside, white and fresh on the inside. But the mix is not, I think, bad. We use it sometimes,’ he added, not knowing what else to say, ‘in curry.’ (SMITH, 2000, p. 166)

Prestes a cometer um ato de conduta deplorável aos olhos da religião islâmica, mas cedendo aos apelos que a sexualidade instiga, Samad decide encontrar-se com a amante, uma ocidental representativa da decadência dos valores morais, que deveriam guiar o homem muçulmano independentemente do local onde se encontra. Samad assume suas influências recebidas do Ocidente de saciar desejos individuais totalmente contrários a sua conduta muçulmana ideal. Ao ceder aos apelos ocidentais, torna-se irônico o fato de Samad decidir presentear a amante com uma fruta, tornando-se um símbolo de sua ligação com a cultura da terra natal, duro, seco, na visão ocidental que enxerga a rigidez do comportamento muçulmano, misturado com o suco, o símbolo da humanização, o doce que a visão ocidental valoriza em sua individualidade. A fruta escolhida, ainda, parece tão estranha quanto o comportamento de Samad, talvez mais sobre seus próprios olhos, deslocado, ambivalente, de atitudes contrárias a seus princípios islâmicos.

Hábitos alimentares ligados à etnia original dos Iqbal são mantidos e propagados por Alsana, como as “delícias do dia: saborosos bolinhos que parecem sonhos, doces indianos farelentos e decorados com as cores do caleidoscópio, pasteizinhos de carne condimentada, salada com cebola” (SMITH, 2003, p. 81), mesmo quando se encontra com Clara e a sobrinha Neena, fora do ambiente familiar e sem os homens. Além do característico *curry* sempre citado em relação a Samad e ao restaurante em que trabalha.

Todavia, a comida não é um aspecto isolado de tentativa de manutenção de traços étnicos nos Iqbal. As vestimentas usadas por Alsana e Samad são um traço singular de como características do Ocidente exercem influência sobre os sujeitos diaspóricos. Mesmo com fortes tentativas de manutenção da cultura indiana, o casal demonstra que o domínio dos apelos e ofertas do novo ambiente torna-se inevitável:

[...] - Veja só como se veste. Tênis com sári? E o que é isso aí?

Era um dos lenços de cabeça africanos de Clara, uma comprida e bela peça de tecido *kenti* laranja com a qual Alsana passara a envolver a densa cabeleira comprida. Samad o arrancou e jogou do outro lado da cozinha, fazendo a cabeleira de Alsana desabar nas costas.

- Você nem sabe quem você é, de onde vem. A gente não vê mais nossas famílias...[...]

- E esse *lungi* que você está usando, Samad Miah, é muito bonito – ela disse com rispidez, apontando a cabeça na direção do conjunto de malha de jogging azul-toalha, complementado por um boné de beisebol LA Raiders de Poppy (SMITH, 2003, p. 197)

‘Look how you dress. Running shoes and a sari? And what is that?’

It was one of Clara’s African headscarfs, a long, beautiful piece of orange Kenti cloth in which Alsana had taken to wrapping her substantial mane. Samad pulled it off and threw it across the room, leaving Alsana’s hair to crash down her back.

‘You do not even know what you are, where you come from. We never see family anymore – I am ashamed to show you to them. [...]

‘And that is a beautiful lungi you have on, Samad Miah,’ she said bitterly, nodding in the direction of his blue-toweling jogging suit topped off with Poppy’s LA Raiders baseball cap.’ SMITH, 2000, p. 198-9)

Tendo em vista o ceder de ambos, marido e mulher, aos costumes ocidentais com relação às roupas, percebe-se nesse que neste fator revelam-se mais influências do meio do que simplesmente as vestimentas. Obviamente encantados pelas opções que o mercado do Ocidente oferece, em produtos como vestuário ou alimentícios, portanto, quase impossíveis de serem assimilados pelos indivíduos, nota-se que características corriqueiras externas representam uma postura de aceitação do predomínio do meio, em escala maior do que somente as visíveis no exterior.

Se não constitui exatamente a aceitação das respectivas influências, ao menos tais atitudes revelam o olhar de certa apreciação da cultura local, como o conforto das roupas ou a admiração pela beleza de um lenço de cabelo da amiga jamaicana. Nota-se, então, que diante de opções diferenciadas, Samad e Alsana demonstram não estarem alheios aos

costumes diferentes dos seus, que ainda buscam manter, ao mesmo tempo em que se entregam a outros.

Diante dessa caracterização, percebe-se que a manutenção dos costumes, mais cotidianos da cultura família, assume tanta importância quanto às opções e atividades mais corriqueiras do dia a dia, marcando as características identitárias dos Iqbal profundamente. Concepções sobre instituições sociais, tais como a educação e o casamento, do mesmo modo que as vestimentas e as comidas típicas revelam uma conduta de posicionamento diante da sociedade e da comunidade, perpetuando ou negando características étnicas, configurando indivíduos que não conseguem viver em torno da fixidez cultural de sua origem, mas sim, abrindo-se de maneiras diferenciadas a costumes e traços de personalidade, que abarcam a cultura local ao mesmo tempo em que há a tentativa mais ferrenha, nos pais, de perpetuação e valorização dos traços étnicos característicos de sua origem.

3.1.2 – Negociações culturais na família Iqbal: influências étnicas e contexto inglês

Ao longo de uma trajetória em que os personagens, de uma família originalmente islâmica, convivem com as tensões entre os costumes da etnia e cultura originais diferentes dos hábitos locais do contexto em que estão inseridas, percebe-se que o contato com uma realidade diferente proporciona necessariamente um abandono de certos conceitos da cultura original, distanciando-se por conta da territorialidade e da assimilação de certas interferências tipicamente locais do contexto com o qual os personagens têm contato.

As negociações culturais partem do princípio do abrir mão de determinados aspectos étnicos que guiavam os indivíduos diaspóricos, ao mesmo tempo em que outros aspectos da cultura local passam a surtir efeito no comportamento deles. Percebe-se, assim, que os personagens passam a viver, por vezes, a tensão entre os costumes originais e os locais que agora fazem parte de sua realidade.

Samad manifesta com intensidade os conflitos vividos por um muçulmano influenciado pelo contexto branco hegemônico criticado por ele mesmo. Em alguns setores de sua vida particular, demonstra lutar para conviver com as diferenças que o contexto impõe sobre os princípios do islamismo a que ele está habituado. A relação mantida com a esposa no casamento torna-se um desses casos.

As expectativas de Samad em relação ao casamento com Alsana era uma convivência entre a jovem esposa submissa, reclusa e que auxiliaria o marido a sustentar e manter, nos filhos, os preceitos que a religião e cultura originais imprimem aos indivíduos. Porém, esse não é exatamente o modelo de relacionamento que se delineia entre Samad e Alsana vivendo na Inglaterra. O modelo islâmico, então, estritamente ligado à cultura como um todo e religião e costumes pautados em interesses comunitários não mais comporta tais direcionamentos, a partir da inserção da família em ambiente ocidental e influências individualistas, presentes no mesmo contexto.

O casamento de Samad e Alsana pressupostamente baseado na posição submissa da mulher mais jovem, estruturando um núcleo familiar representativo da esfera social bem ampla, em que a cultura é perpetuada sob os moldes patriarcais e religiosos, baseados no senso de comunidade, não se baseia nessa solidez. Samad não consegue que Alsana o obedeça cegamente, por isso, luta constantemente com ela, em embates físicos e agressões morais. O homem que domina a mulher e tem a permissão de agredi-la, diante da comunidade, lida com uma esposa altamente reativa, que o agride e revida o posicionamento de inferioridade relegado a ela.

Dessa forma, Samad depara-se com uma condição tipicamente ocidental, devendo lidar com a mesma. Participa do contexto em que a mulher revida, reage e enfrenta a posição inferior diante do marido, fato que ele não consegue evitar no contexto europeu em que a mulher tem mais independência. Samad passa a conviver consigo mesmo, enquanto marido, em uma posição ocidentalizada de esposo, não mais como o superior agente familiar que possuía a esposa como propriedade.

A esposa não somente agride Samad fisicamente, mas também se cala diante dele, torturando-o com o silêncio, desmistificando a imagem que ele ainda procura manter da terra natal. Relega ao marido um posicionamento de engano, tanto na figura masculina

quanto como sujeito diaspórico, que se ilude com as origens, intensificando o sentimento de fragmentação e inadequação em Samad.

No contexto europeu, Samad assume mais o posicionamento individualista ocidental ao ceder aos apelos sexuais da professora dos filhos, traindo a esposa com uma inglesa. No entanto, decide interromper o caso com mesma por conta do comportamento inadequado, que percebe estar contrariando os princípios regentes de sua condição de muçulmano. Entre a satisfação pessoal de possuir uma amante ocidental e manter os laços familiares e matrimoniais que nota dissolverem-se como resultado de sua conduta, Samad opta por reforçar seu aspecto cultural e seu núcleo familiar, privando-se da satisfação sexual que Poppy Burt-Jones lhe oferece, escolhendo a religiosidade e o apego à comunidade:

Alguns minutos mais tarde (porque sempre se agarravam um ao outro depois das lutas, um abraço que ficava entre a afeição e o desfalecimento), Samad voltou do jardim, ainda um tanto abalado, e disse:

-Vão dormir – e então passou a mão no denso cabelo preto de cada filho [...] No fim você vai me agradecer. Este país não é bom. Neste país, a gente acaba um com o outro.

Em seguida subiu a escada e telefonou para Poppy Burt-Jones, acordando-a para dizer que não haveria mais beijos à tarde, não haveria mais passeios de dar remorso, não haveria mais táxis furtivos. Fim de caso (SMITH, 2003, p. 199)

A few minutes later (because they always *held* each other after these fights, a hug somewhere between affection and collapse) Samad came in from the garden, still mildly concussed and said, 'Go to bed,' before brushing a hand through each son's thick black hair. [...] 'You'll thank me in the end. This country's no good. We tear each other apart in this country.'

Then he walked up the stairs and phoned Poppy Burt-Jones, waking her up to tell her there would be no more kisses in the afternoon, no more guilty walks, no more furtive taxis. End of affair (SMITH, 2000, p.200-1)

Dessa forma, um posicionamento mais próximo do ocidental, a manutenção do caso extraconjugal com a professora dos filhos, é interrompido por Samad que se percebe altamente influenciado pelo costume e conduta que ele julga propriamente ocidentais e que

enfraquecem sua condição de homem muçulmano. Distanciar-se da amante, porém, não concretiza um ato simples, Samad sofre intensamente contra seus desejos reprimidos ao final de seu caso extraconjugal, levando-o ao auto-estímulo sexual. Mais uma vez, reprimindo-se e em constante tensão consigo mesmo, por conta dos ensinamentos religiosos, Samad convive com a intensa dualidade entre pertencer a um mundo religioso e cultural, limitando-o em sua individualidade estimulada no ambiente ocidental em que vive. Finalmente, em relação a sua sexualidade e ao seu casamento, opta por manter-se fiel aos preceitos da comunidade familiar e religiosa, ao invés de continuar entregando-se ao prazer individual. Sua atitude, embora árdua, leva-o de volta aos preceitos culturais que tanto valoriza, distanciando-o das influências danosas do contexto ‘branco’.

Samad, mais uma vez, distancia-se de uma atividade que lhe proporciona satisfação individual com vistas às influências ocidentais, permitindo-lhe fazer parte de seu cotidiano em função de manter a sustentabilidade de sua ética cultural muçulmana. Para afinar sua conduta com os preceitos pregados pelo islamismo e aproximar-se de tudo o que aprendera, ele escolhe continuar pondo-os em prática na Inglaterra. Samad priva-se de atos, particularmente prazerosos, que ao mesmo tempo, causam-lhe grande remorso e sofrimento por conta da entrega ao ocidentalismo tanto criticado por ele.

Tendo como um grande herói o bisavô Mangal Pande, símbolo máximo de ligação cultural com Bangladesh, de honra e de coragem por ter lutado na guerra como Samad, este opta em definitivo pela manutenção das raízes étnicas trazidas da terra natal, mas sofre certas influências do ocidente, que são convenientes, desde um caso extraconjugal, até simples atitudes como roupas tipicamente ‘brancas’. Tais conveniências, porém, são desfrutadas por Samad que, posteriormente, julga-se indigno de sua condição de indiano, pelo fato de ceder ao individualismo, ponto chave que o liga ao ocidente, distanciando-se da etnia de origem.

Finalmente, depois da enorme tensão vivida ao longo da trajetória de Samad, o momento em que assume, para si e em confiança para Irie, seu deslocamento diante daquele contexto, sua fragmentação enquanto sujeito de raízes distintas do comportamento eurocêntrico, confessando a indiferença sofrida por estar em um território que não julga seu, que o julga estranho, mantém-se hostil à presença exógena de sua figura, agregando mais um fator à recusa do bangladeshiano em aceitar propriamente os moldes ocidentais:

[...] mas no fundo, a gente quer voltar! Quem ia querer ficar? Frio, úmido, deplorável; comida ruim, jornais horríveis... quem ia querer ficar? Um lugar em que a gente nunca é bem recebido, só tolerado. Não mais que tolerado. Como se a gente fosse um animal finalmente domesticado. Quem ia querer ficar? Mas a gente faz um pacto com o diabo... o pacto arrasta a gente e, de repente, a gente não está mais apto a voltar, os filhos da gente estão irreconhecíveis, a gente não pertence a lugar nenhum. [...]

- Então a gente começa a abandonar a *própria ideia* de fazer parte. De repente, essa coisa, esse *fazer parte*, parece uma mentira suja e comprida... e eu começo a acreditar que nascimentos são acidentes, que tudo é um *acidente*. Mas, se a gente acredita nisso, para onde a gente vai? O que é que a gente faz? Que importância têm as coisas? (SMITH, 2003, p. 393)

[...] but you mean to go back. Who would want to stay? Cold, wet, miserable; terrible food, dreadful newspapers – who would ever want to stay? In a place where you are never welcomed, only tolerated. Just tolerated. Like you are an animal finally house-trained. Who would want to stay? But you have made a devil's pact... it drags you in and suddenly you are unsuitable to return, your children are unrecognizable, you belong nowhere.' [...]

'And then you begin to give up the *very idea* of belonging. Suddenly this thing, this *belonging*, it seems like some long, dirty lie...and I begin to believe that birthplaces are accidents, that everything is an *accident*. But if you believe that, where do you go? What do you do? What does anything matter?' (SMITH, 2000, p. 407)

O senso de deslocamento, então, de Samad Iqbal percebe-se na dualidade típica dele em tentar manter vivas as características culturais e seus traços étnicos em um contexto que o despreza e somente tolera. Samad sente a dificuldade de sua realidade em um território hostil, como os ingleses ainda imperam, sob suas próprias consciências, sobre os 'outros' e como, pelo fato de estar inserido naquele contexto, possivelmente será influenciado por ele e assimilará condutas recriminadas por sua formação cultural pautada na religiosidade.

Samad despreza, então, o ambiente eurocêntrico que julga desconcertado e deteriorado por princípios individualistas e superioridade sobre as diferenças, mas sente-se conflituosamente pertencente e influenciado por ele. Dessa maneira é que Samad lida com seu passado, o qual tenta manter e sustentar cada vez mais sobre os alicerces étnicos trazidos por ele à Inglaterra e tenta perpetuar no casamento e nos filhos.

Problematicamente, causando-lhe um sério deslocamento e fragmentando sua identidade diaspórica, Samad percebe e já não mais consegue negar as interferências que o meio no qual está, como quando escreve seu nome num banco de praça (SMITH, 2003, p.484), arrepende-se, ao perceber que um ato momentâneo impensado, poderia significar um grande reflexo da assimilação cultural tão rejeitada por ele.

Aproximando-se do pai em relação à tensão vivida entre as influências do meio, o filho Millat convive com grande tensão cultural relacionada às raízes bangladeshianas e à criação em território inglês.

Desde criança, altamente influenciado pelo contexto inglês, uma vez que nascido na Inglaterra, Millat assimila intensamente os costumes e comportamentos locais, vestindo-se e falando como os ingleses, misturando-se a eles na vida social em um todo. Mantém em si o aspecto físico e as relações familiares com raízes étnicas indianas. No entanto, vive igual um garoto inglês que tem heranças culturais, mas não é necessariamente indiano:

[...] – vocês têm um aspecto bastante exótico. De onde são, se não se importam de eu perguntar?

- Willesden – Irie e Millat responderam ao mesmo tempo.

- Sim, sim, claro, mas de onde *originalmente*?

- *Ah* – fez Millat, com um sotaque que ele chamava de *camarada-simpatia*. A senhora quer dizer o lugar de onde eu vim *originalmente*.

Joyce pareceu confusa.

- Sim, *originalmente*.

- Whitechapel – disse Millat, pegando um cigarro. – Trajeto do hospital Royal London, ônibus 207 (SMITH, 2003, p. 311)

[...] ‘you look very exotic. Where are you from, if you don’t mind me asking?’

‘Willesden,’ said Irie and Millat simultaneously.

‘Yes, yes, of course, but where *originally*?’

‘*Oh*,’ said Millat, putting on what he called a *bud-bud-ding-ding* accent. ‘You are meaning where from am I *originally*.’

Joyce looked confused. ‘*Yes, originally.*’

‘Whitechapel,’ said Millat, pulling out a fag. ‘Via the Royal London Hospital and the 207 bus.’ (SMITH, 2000, p. 319)

Assim, ainda jovem, Millat reforça sua recusa em ser considerado apenas um descendente. Busca firmar-se em sua condição de inglês e de igualdade com os Chalfen, resistindo à ideia eurocêntrica do exotismo declarado por Joyce e, principalmente de sua condição de inglês da mesma forma que a família ‘branca’. Sendo Millat nascido em Londres e definido o bairro em que sempre viveu, ele não aceita a pressuposição feita por Joyce de que fossem eles, o jovem e sua família, diferentes por conta de suas raízes étnicas. Busca então, diminuir a distância que a mulher instaura entre a nacionalidade inglesa dele e de sua família da nacionalidade que a mãe Chalfen julga ter com mais autoridade.

Millat configura-se como uma personagem altamente influenciada pelo contexto britânico, de modo que mesmo seus ídolos são os famosos artistas representantes da rebeldia no comportamento ocidental. Usufruindo de seu exotismo e sexualidade exacerbada, o jovem aproveita e se satisfaz com as mulheres em todas as ocasiões possíveis, distanciando-se, durante sua adolescência, das características de apego religioso, conduta moralizada e senso comunitário que a cultura de origem dos pais tenta perpetuar, no ambiente hegemônico. A individualidade e busca pela satisfação pessoal, a desvalorização das mulheres, objetificação das meninas para o prazer sexual caracteriza Millat como um jovem ocidental e rebelde, transgressor.

A representação da sexualidade que associa o jovem ao ocidente acaba sendo um grande fator de demonstração da mudança de postura de Millat, que o liga ao fundamentalismo religioso do grupo do qual passa a fazer parte. Disposto a reprimir os desejos de outrora em função de parâmetros de respeito ao comportamento que o grupo religioso agora exige de seus participantes, Millat passa a conter-se em sua individualidade sexual e em suas preferências pessoais, afastando-se de outras influências oferecidas pelo ocidente.

Todavia, percebe-se que a tensão de Millat em afastar-se de toda uma gama de fatores que o constituíram como um ser social é muito difícil para o jovem que, agora, passa a assumir uma postura muito diferente da anterior. Desligar-se do ocidente como

uma necessidade é, ao mesmo tempo, muito conflituoso, levando o jovem a uma postura de fraqueza pessoal em lidar com as regras do grupo que obedece e as regalias que o ambiente lhe proporciona, as quais ele critica como decadentes e impuras, por outro viés.

Ao escolher participar do grupo fundamentalista, Millat, então, assume sua condição de descendente que antes não se importava em afirmar. Segue as regras parafraseadas em folhetos que pregam a dureza da conduta muçulmana. No entanto, a profundidade do pensamento positivo, comunitário, humanista e da fé muçulmana em si é distorcida pelo fundamentalismo reativo que ataca o ambiente ocidental.

Dessa forma, Millat não consegue recuperar a positividade da etnia que o pai Samad e a mãe Alsana representam em seus momentos familiares e comunitários, trilhando um caminho inverso à recuperação cultural almejada pelo pai, que também se desaponta e critica a postura do jovem filho. Distante, assim, do que se espera de características étnicas positivas aos olhos da família, o resultado em Millat é uma personagem fragmentada, a ponto de não conseguir balancear e negociar com as culturas que fazem parte de sua história, moldando o jovem altamente deslocado em relação a ambas as nacionalidades e resultante em um homem agressivo, inquieto e conflituoso.

A tentativa de retomar o islamismo, então, potencializa a rebeldia e agressividade do rapaz, que continua transgressor mesmo voltando-se à religião. Os propósitos de Millat, em sua segunda fase, participante do grupo fundamentalista, passam a ser o ataque violento ao ambiente do qual ele surgira e crescera. Tentativas de resistência violenta rechaçadas pelo pai, pelo irmão cada vez mais distante e polarizado em relação a ele, o que marca a grande ironia da narrativa, diante de Millat que não consegue estabelecer-se como ser social negociador de culturas, valorizando as influências, indiana e inglesa, em suas respectivas particularidades.

A sexualidade intensificada de Millat juntamente com seu apego aos símbolos de transgressão e rebeldia, enquanto jovem, ligam-no aos costumes ocidentais de individualidade e satisfação pessoal da mesma forma que o pai, Samad, cedeu à sexualização na relação com a professora dos filhos. Ao renegar os prazeres advindos da conduta ocidental, Millat volta-se à religiosidade islâmica como pretexto para o endurecimento diante da sociedade eurocêntrica que agora julga decadente, bem como

causadora do isolamento individual enquanto outro resultado dos parâmetros sociais ocidentais.

Porém, a crítica ao individualismo ocidental e distanciamento das culturas de minorias percebidas por Millat em ingleses como os Chalfen, que ainda simbolizam a manipulação social por meio de experiências científicas como as de Marcus, não passam pelo crivo do pensamento comunitário no rebelde. Millat intensifica ainda mais seu caráter violento e busca atingir o cientista enquanto um símbolo da interpretação fundamentalista do conflito entre religião e ciência. O mesmo Millat rebelde e transgressor ocidental não modifica seu comportamento impulsivo quando abandona os parâmetros ingleses ao liga-se a um grupo fundamentalista islâmico, continuando sua trajetória inconsequente, disposto a cometer um crime contra Marcus Chalfen em representação da resistência da suposta superioridade ‘branca’ sobre as minorias e do embate entre religião e ciência.

Assim, se Millat distancia-se da ocidentalidade quando opta pela inserção no grupo fundamentalista. Sua aproximação com a cultura muçulmana acontece no plano das leis de condutas moralizadoras e que rechaçam os valores da cultura ocidental, negando e criticando suas particularidades. Agregando o juízo de valor negativo do contexto ‘branco’, Millat representa, com sua agressividade e revide, a resistência à inferiorização que as minorias étnicas sofrem por parte do comportamento eurocêntrico, desnivelando as culturas entre si e continuam a marcar a diferença e a distância entre as etnias que, inevitavelmente, convivem na contemporaneidade.

Millat resulta em um ser mais do que dividido, mas sim realmente fragmentado. Impossibilitado de apegar-se emocionalmente e sustentar relações de afeto, o jovem homem entrega-se, novamente, aos apelos extremistas e inconsequentes do ambiente ao qual se liga da mesma forma que fora altamente influenciado pelo contexto inglês onde crescera, mesmo reconhecendo sua posição inferiorizada de minoria. Resultante de seu conflito diante do contexto social, Millat finalmente renuncia ao ocidente, mas também cria uma relação negativa com o islamismo e as raízes étnicas, baseando-se na resistência a tudo o que simboliza a cultura ‘branca’ e o tratamento que ela relega às etnias exógenas.

A fragmentação e fraqueza de Millat, diante do ambiente hostil que lembram a tensão e resistência à marcação da diferença cultural, configuram-se de maneira mais

amena na figura da mãe Alsana Iqbal. Curiosamente uma mulher, a única no núcleo Iqbal além da própria sobrinha Neena, lida de modo menos tenso com o ambiente inglês, não necessariamente sem tensões, mas menos agressiva ou resistente a ele.

Percebe-se em Alsana certo desenvolvimento em sua figura de mulher, esposa e mãe ao longo da narrativa. Alsana inicia sua trajetória como uma jovem esposa submissa que estrutura a posição patriarcal no casamento e na sociedade muçulmana. No entanto, com o passar dos anos vivendo na Inglaterra, o casamento nos moldes islâmicos, inclusive o sustento familiar pressuposto pelo casal Iqbal, sofre mudanças significativas.

Com a gravidez de Alsana, o subemprego de Samad já não parece suficiente, o que faz a esposa encontrar um trabalho rentável para contribuir com as despesas familiares, fator este que configura de maneira típica o casamento ocidental. Ao decidir trabalhar como costureira, a esposa Iqbal assume o papel de provedora da família e auxilia no sustento da casa, alterando significativamente o quadro hierárquico de poder patriarcal que se sustenta, também, sob as bases de controle financeiro do homem. Não mais possível de lidar com uma realidade onde o marido é o único a promover a renda da família, Alsana consegue alcançar um passo adiante da independência perante Samad, por conta do auxílio que sua renda proporciona, diminuindo a superioridade diante da família, ação proporcionada pelos fatores que o contexto ocidental apresenta ao mesmo tempo em que oferece como opção.

A iniciativa de trabalhar e ter renda financeira não são a única forma adotada por Alsana para distanciar-se das regras de conduta social islâmicas de posição objetificada da mulher diante do homem. As reações de calar-se ante as ações do marido de traição com uma amante ocidental e o envio do filho de volta a Bangladesh, sem seu consentimento, fazem com que Alsana se vingue do marido por um longo tempo. Diante do silêncio e profundo desprezo da esposa, Samad percebe a condição perturbadoramente reativa da mulher, não somente sem falar com ele, mas que ainda frequentemente reage e o agride fisicamente em resposta aos maus tratos recebidos.

A esposa muçulmana, então, figura um posicionamento muito distante da esposa tradicional no casamento e sociedade islâmica. Uma situação inferiorizada, subalterna, fraca, dominada e objetificada dão lugar à participação, certa independência, força, reação

e agressão de Alsana uma vez vivendo no ambiente ocidental que, ao mesmo tempo em que proporciona fatores que levem o casal ao conflito, como a predisposição da professora ao caso extraconjugal com Samad, a um ambiente propício às reações da mulher enquanto esposa participante da estrutura familiar não somente de maneira figurativa, mas decididamente poderosa nas decisões familiares, pelo menos a partir de sua recusa a curvar-se ao modelo patriarcal tradicional.

Além da diminuição da posição patriarcalmente elevada do marido, o comportamento de Alsana na Inglaterra é mais aberto à diversidade cultural, não se pautando somente sobre o preconceito e desvalorização de outras culturas. Ao longo do tempo, a esposa de Samad passa a ter contato com Clara, estreitando laços de amizade por conta dos maridos e dos filhos, demonstrando maior abertura às diferenças, outro aspecto que se altera durante a narrativa uma vez que, em um primeiro momento, não aceitava ou valorizava outras etnias. A relação que Alsana passa a ter também com a cultura hegemônica consegue tirar mais proveito do mundo ocidental de maneira menos conflituosa do que acontece com o marido.

Alsana começa a usar roupas ocidentais, assistir programas de televisão com interesse, especialmente noticiários, é mais ligada à política e à história, percebe que grande parte da realidade islâmica configurada pelo esposo é fruto da idealização que o homem tenta manter e que não condiz mais com a realidade. Ao mesmo tempo em que a mulher consegue estruturar sua visão crítica da sociedade muçulmana, o olhar observador e reflexivo sobre as influências do ambiente inglês são cada vez mais aguçadas:

- Não aprende nada! – Samad voltou marchando à cozinha numa fúria e bateu a chaleira no fogão. [...] – Cadê a barba dele? Onde está o *khamise* dele? Onde está a humildade dele? Se Alá diz que haverá tempestade, haverá tempestade. [...] É por esse motivo mesmo que mandei o menino pra lá... para entender que somos, essencialmente, fracos, que não temos o controle. [...] Eu me resigno à vontade de Deus. Esta vida não é minha, esta vida é Dele. Esta vida que digo que é minha é Dele para fazer com ela o que bem quiser. [...]

_ Não pregue nesta casa, Samad Miah! Tem lugar pra esse tipo de coisa. Vá para a mesquita mas não pregue na cozinha, as pessoas comem aqui...[...]

- Ah, pois continue, seu velho sensacionalista! – Alsana agarrou os pneus sobressalentes em volta da cintura, como uma lutadora de sumo. - Você diz que

não temos o controle mas está sempre tentando controlar tudo! Solte, Samad Miah. Solte o rapaz. Ele é da segunda geração, nasceu aqui, é claro que vai fazer as coisas de um jeito diferente. E depois, o que é tão terrível assim? Não está treinando para ser um *alim*, mas é instruído, é inocente! [...]

- E não me venha com essa de segunda geração. *Uma* geração. Indivisível. Eterna. [...]

- Você tem que deixar eles cometer os erros deles...- [...] (SMITH, 2003, p. 281-2)

‘He learns nothing!’

Samad marched back into the kitchen in a fury and threw the kettle on the stove. [...] ‘Where is his beard? Where is his khamise? Where is his humility? If Allah says there will be storm, there will be storm. [...] That is the very reason I sent the child there – to understand that essentially we are weak, that we are not in control. [...] I surrender to him. This is not my life, this is his life. This life I call mine is his to do what he will [...]

‘Don’t you preach in this house, Samad Miah! There are places for that sort of thing. Go to mosque, but don’t do it in the kitchen, people have to be eating in here –‘[...]

‘Óh, go on, you old pot-boiler!’ Alsana gathered her spare tyres around her like a sumo wrestler. ‘You say we have no control, yet you always try to control everything! Let go, Samad Miah. Let the boy go. He is second generation – He was born here – naturally he will do things differently. You can’t plan everything. After all, what is so awful – so he’s not training to be an alim, but he’s educated, he’s clean!’ [...]

‘And don’t speak to me of second generation! One generation! Indivisible! Eternal!’ [...]

‘*You have to let them make their own mistakes...*’ (SMITH, 2000, p.288-9)

A postura de Alsana, assim, distancia-se da de Samad e Millat na negociação que ela tem o poder de estabelecer entre as condições estruturantes das culturas islâmica e inglesa. A mãe Iqbal consegue perceber e lutar pelas diferenças entre abrir mão de costumes e condutas que se tornam dificilmente vividas no ambiente branco, ou mesmo na terra natal de Samad onde Magid está, para ceder aos apelos do contexto ocidental que não mais podem ser negados, especialmente à criação dos filhos. Notando que os jovens são diretamente influenciados pelo ambiente no qual nasceram, Alsana não combate necessariamente as interferências ‘brancas’ nos filhos, pois sua tensão baseia-se fundamentalmente na convivência com a rigidez do marido. Talvez por ter conseguido uma posição mais independente enquanto mulher, ao distanciar-se dos limites que a sociedade

muçulmana impõe às mulheres, Alsana defende a posição dos filhos diante da sociedade ocidental, por conta da individualidade libertária da qual também usufruiu.

O fato de viver em tensão com Samad e sua visão de mundo, ainda tão apegada aos preceitos religiosos já não mais aptos à realidade ocidental, fazem com que Alsana instaure sua tensão sobre os extremos. Sua capacidade em tratar com as diferenças não alcança a influência que os Chalfen exercem sobre os filhos gêmeos. Numa esfera pessoal, Alsana não aceita, em sua posição de mãe, que Millat e Magid tornem-se mais próximos dos Chalfen e abandonem a família e as raízes em função da persuasão, especialmente exercida por Joyce.

Dessa forma, o modo como a mãe e esposa Iqbal lida com as vantagens que o contexto social do Ocidente, possibilita um passo adiante na questão da independência feminina e pauta-se sobre a praticidade e racionalismo relacionados às questões sociais que agradam Alsana, a negociação entre as características de mulher diaspórica muçulmana se chocam quanto à manutenção dos traços culturais originais e as influências da cultura local especialmente, no trato com o marido e com a família Chalfen. Alsana percebe que as antigas regras e limites que Samad tenta manter, não são mais possivelmente realizáveis no momento e local onde estão presentes como família, não aceita o cerco de Joyce Chalfen e a aproximação dos gêmeos à família inglesa. O desconforto em relação à opção homossexual da sobrinha, por exemplo, mesmo não aceita por ela não a incomoda tanto, quanto a sensação de distanciamento e manipulação dos filhos, ou do controle forçado e retrógrado de Samad.

Alsana percebe com mais clareza que indivíduos ingleses têm poder suficiente para manipular os gêmeos, ameaçando-os com o distanciamento cada vez mais nocivo às heranças culturais que eles poderiam perpetuar. Ela também entende, na mesma proporção, que influências locais são inevitáveis e não apenas nocivas. Ao abrir mão de certos parâmetros culturais como, por exemplo, ser sustentada exclusivamente pelo marido, ela consegue usufruir da maior independência que o ambiente 'branco' oferece quando ela, em sua figura diaspórica, aceita acolher alguns costumes financeiros ou sociais, ao criar laços de amizade e pensar racionalmente sobre a história e a sociedade, distanciando-se também da idealização da terra natal e apego cego às regras islâmicas, como acontece em Samad.

Se Alsana convive de maneira menos traumática, não menos tensa, mas menos violenta, com o distanciamento da cultura muçulmana e com a aceitação das influências ocidentais, diverso do que acontece com Samad e Millat, o filho Magid também assume uma postura diferente e particular diante dos embates culturais entre as etnias de minorias e o contexto eurocêntrico.

Para o gêmeo mais velho, enviado de volta a Bangladesh, para recuperar em sua figura de primeiro filho homem, as raízes fortalecidas do islamismo, não existe uma grande tensão entre absorver a cultura hegemônica ocidental na Inglaterra ou perpetuar os traços indianos. Magid opta exclusivamente por absorver as influências inglesas, tornando-se um grande exemplo de sujeito de segunda geração assimilado ao contexto local.

Abandonando em absoluto as heranças étnicas indianas, Magid passa de um garoto comportado para um jovem adulto que, mesmo longe de sua terra natal, a Inglaterra, mergulhado no contexto indiano com o objetivo do pai de assimilar as influências islâmicas, ele acaba polarizando o segundo extremo da ironia da narrativa. Enquanto Magid, de volta à terra natal dos pais, fixa profundamente as características inglesas, Millat, na Inglaterra, rende-se aos extremismos de um grupo fundamentalista islâmico.

Magid, no entanto, não sofre a tensão conflituosa que Millat percorre em seu trajeto de transformação de ocidental em rebelde fundamentalista, mesmo porque não se transforma ao longo da narrativa. Sempre habituado ao contexto inglês e representativo de um indivíduo que é completamente de acordo com o estereótipo inglês, racional, intelectualizado, distante de emoções e apegos sentimentais e admirador da ciência, Magid nunca retoma as bases culturais dos pais, desde criança ou mesmo adulto.

Intensamente ligado à educação e intelectualidade, apegado ao raciocínio científico unindo-o especialmente a Chalfen Marcus, cientista admirado pelo jovem quase como um mito, o sentimentalismo é uma característica que Magid não comporta em seus traços pessoais. Avesso a demonstrações emocionais, até mesmo no único instante em que acaba mergulhado num turbilhão emocional, no relacionamento único e impetuoso com Irie, por quem é apaixonado desde menino, Magid racionaliza e percebe, por meio do pensamento lógico, que o momento é resultado de um conjunto de fatores que os levaram àquele instante:

- Me parece – falou Magid por fim, enquanto a Lua se tornava mais nítida do que o Sol – que você tentou amar um homem como se ele fosse uma ilha e você estivesse naufragada e pudesse se apossar da ilha marcando-a com um xis. Me parece que é tarde demais para isso.

Em seguida lhe deu um beijo na testa que lembrava um batismo e ela chorou feito um bebê (SMITH, 2003, p. 445)

‘It seems to me,’ said Magid finally, as the moon became clearer than the Sun, ‘that you have tried to love a man as if he were an island and you were shipwrecked and you could mark the land with an X. It seems to me it is too late in the day for all that.’

Then he gave her a kiss on the forehead that felt like a baptism and she wept like a baby (SMITH, 2000, p. 463)

Teorizando o comportamento de Irie, ao se entregar depois do momento com Millat, Magid calcula e demonstra sua capacidade de analisar o comportamento da mulher que ama de maneira muito racional, distanciando-o de qualquer sentimento em relação a ela ou ao fato de terem se entregado um ao outro. Sabendo da paixão de Irie pelo irmão Millat, Magid não se descobre, não revela seus desejos e sentimentos, solapando novamente a sexualidade, que fica nas entrelinhas e as emoções a um plano mais profundo, sem verbalizar sensações claramente.

Além de grandemente ligado ao racionalismo, a postura de Magid estritamente ocidental e sua condição de jovem adulto distancia o descendente da postura de um muçulmano quanto à relação sexual dele com Irie. O fato consumado sem nenhuma ligação entre os jovens, de matrimônio com enorme impulsividade suficiente para tamanha relação íntima seria inaceitável aos olhos dos islâmicos, especialmente com relação à mulher. A entrega de Irie ao rapaz, na tentativa simples de atacar a posição de inferioridade de Millat, por tantos anos leva a garota a tomar uma atitude repentina que defenda sua paixão. Tal atitude por parte de uma moça não seria aceitável aos olhos islâmicos, considerando que as relações sexuais possuem o devido fim de prover o casal de filhos e estreitar as relações entre marido e mulher. Tais considerações aparentam nem sequer passar pela mente

ocidental do jovem Magid, o qual não se preocupa em recriminar a garota ou arrepender-se em exata oposição da reação do irmão Millat. Pelo contrário, Magid racionalmente compreende e afaga Irie sem nenhuma ressalva quanto à atitude que ela, por si, decide tomar.

Também em relação à família, o jovem não se expressa em sentimentos profundos. Portanto, mesmo quando enviado a Bangladesh, Magid se torna ou sente-se um muçulmano, guardando em si, apenas os traços físicos de suas características étnicas. Não se aproximando com profundidade da religião e continuando a dedicar-se aos estudos e à intelectualidade, o território geográfico onde está não é forte o suficiente para moldar-lhe a personalidade nos padrões muçulmanos.

Diante de uma família na qual o pai é um muçulmano que busca a todo instante reforçar os traços da cultura de origem, em detrimento das características locais que distanciam os indivíduos diaspóricos, de sua conduta exemplar aos moldes islâmicos, e em que a mãe, mesmo compartilhando do sentimento de manutenção dos traços étnicos, consegue perceber que a realidade circundante no ambiente ocidental, não comporta a mesma rigidez da terra natal, idealizando manter limites dentro dos parâmetros islâmicos no presente momento e local, Magid não consegue perpetuar os traços religiosos ou mesmo culturais dos pais e que retornam distorcidos pelo fundamentalismo religioso do irmão. Magid não se adéqua aos mínimos ou aos mais profundos traços culturais do modelo islâmico.

O gêmeo mais velho não se apropria de vestimentas, não usa a linguagem, somente quando criança ao tratar os pais, não age como um muçulmano e distancia-se por completo da religiosidade e comportamentos do mundo islâmico. Adota todo e qualquer traço que o identifique com um jovem ocidentalizado que somente carrega em si a família e os traços físicos da etnia dos pais. Tão distante da cultura islâmica é a posição de Magid, que nem mesmo valoriza alguns princípios básicos do islamismo, como a recusa ao consumo de carne de porco ou apego e obediência a Alá, preferindo desde sempre a capacidade da ciência de criar os rumos do futuro. A opção imutável pelo mundo ocidental acaba por fazer de Magid um jovem que não convive mais com as tensões culturais de outrora, quando criança, quando o pai Samad ainda tinha o controle sobre os filhos, da mesma forma que tenta controlar a esposa a seguir os desígnios da religião e da cultura com

afinco. Já na idade adulta, Magid traça seu próprio caminho como ocidental e se desvincula pessoalmente, mas não da esfera familiar, dos parâmetros ingleses, aos quais é ligado desde menino, o que lhe garante mais segurança em sua conduta pessoal do que o pai e o irmão que vivem sob conflito.

3.1.3 – Conclusões sobre a família Iqbal

A partir das considerações de cada um dos membros da família Iqbal parece claro que há, nesse núcleo, a representação de diferentes facetas de negociações culturais, ou seja, que a família em questão, agrega personagens que lidam de maneiras variadas com a herança cultural muçulmana e o convívio com a cultura inglesa. Parece não gratuita também, a forma como foram configuradas tais negociações em cada um dos personagens, pois enquanto Samad e Alsana, na primeira geração, lidam com as influências que o contexto inglês estrangeiro exerce sobre toda a família e sobre outras minorias, os filhos de segunda geração Millat e Magid lidam com a herança externa a sua cultura. Assim, a contemporaneidade ocidental faz-se familiar, enquanto as heranças islâmicas figuram inadequadas, vindas de fora na visão dos filhos, nascidos na Inglaterra e habituados aos costumes e comportamentos ocidentais e mesmo de outras minorias de maneira muito mais natural do que os pais.

Diante dessa contextualização, percebe-se que há inegavelmente uma relação dialética entre o indivíduo e a sociedade. Uma vez que o ambiente no qual o sujeito está inserido, reúne valores e define condutas pessoais dele, fazendo com que sua personalidade esteja em constante processo de interferência e possível mudança, o indivíduo também consegue, por meio de suas decisões e preferências pessoais, auxiliar na configuração social, uma vez que faz parte do mesmo ambiente. Como já citada por Hall (2000), a identidade pessoal que agregará características vindas do contexto que aproxima ou distancia os indivíduos do grupo social, ao mesmo tempo sofrerá influência da condição individual proporcionada aos sujeitos constituintes de tal grupo social maior.

A força que personagens como Samad e Millat Iqbal conseguem exercer sobre o leitor, impactando-o com sua fragmentação e resistência a um ambiente social hostil que não aceita o valor da diferença étnica, tentando de variadas formas marcar a superioridade branca, desnudam a constante busca por camuflar o preconceito ainda presente em uma sociedade nada igualitária. Os efeitos das negociações culturais frustradas em Samad e Millat demonstram quão são nocivos os resultados da perpetuação das diferenças individuais e étnicas podem ser, deslocando o indivíduo que sofre já pela distância de sua terra natal e ainda pela hostilidade que encontra no novo espaço, além de atitudes que podem ser não justificadas, mas sim desencadeadas por uma gama de atitudes, levando um sujeito diaspórico a sentir-se no dever da defesa de sua cultura por meio da violência.

A alteridade que auxilia no delineamento da identidade, lembradas por autores como Bonnici (2009), configura necessariamente as condições resistentes do pai e do gêmeo mais jovem dos Iqbal. Sem conseguir lidar de maneira harmoniosa com a própria condição de estrangeiro e descendente naquele ambiente, Samad e Millat resistem às influências ocidentais da mesma forma que se recusam considerar o valor das particularidades da cultura ocidental. Sem reconhecer o conjunto de características da cultura branca, o funcionamento das estruturas ocidentais de sociedade por conta do sofrimento em adaptar-se a tais estruturas e sentirem constantemente a inferiorização à qual estão submetidos, o pai e o filho mais jovem sentindo o despedaçar da identidade que, sobre bases islâmicas está mais seguramente sustentada, atacando e renegando diariamente os traços ocidentais dos quais outrora desfrutaram de algum modo, mesmo sobre o sentimento de culpa posterior.

A partir da identidade rasurada de Samad e Millat que Modood (2007) afirma transparecer, tanto dentro da comunidade quanto fora dela, em um âmbito maior a total aculturação do filho mais velho Magid, que representa ironicamente a completa assimilação das influências ‘brancas’ que o afetaram desde criança, sem nunca o fazer viver em tensão com o embate cultural familiar contra o social presente. Magid escolhe e continua firme em sua opção de vida aos moldes ocidentais. Torna-se forte em suas decisões, consegue firmar sua opção, mesmo rejeitada por indivíduos que não aceitam sua preferência, considerada automaticamente uma recusa das raízes, altamente ofensiva aos que mantêm os traços islâmicos.

Os conflitos que Magid vivenciou com o pai no passado, desapareceram na vida adulta, com o distanciamento familiar. As escolhas de Magid continuam irrevogáveis, mesmo quando vai para Bangladesh, provando que o território geográfico não exerce a interferência pressuposta pelo pai Samad, que objetivava a conversão completa e definitiva do filho mais velho à cultura islâmica. Magid comprova que as interferências culturais acontecem por conta do todo cultural e não necessariamente do espaço geográfico, da mesma forma que Millat se converte ao fundamentalismo mesmo ficando na Inglaterra e provando, ao mesmo tempo em que o irmão mais velho continua firme, que o mais jovem, fragmentado, é altamente influenciável e não consegue racionalizar sobre as consequências das atitudes que toma.

Tendo em vista o conjunto das três figuras masculinas na família Iqbal, percebe-se a posição diferenciada que Alsana Iqbal ocupa com relação a eles. Ao firmar sua maior capacidade de negociação entre as culturas indiana, bangladeshiana e inglesa, Alsana marca seu lugar na narrativa com firmeza e determinação, da mesma maneira, a sua compreensão da realidade distinta entre as duas etnias, inglesa e bangladeshiana, vai além dos territórios geográficos de cada país.

Alsana consegue perceber e reagir à condição objetificada que a mulher ocupa, ainda, na sociedade de sua origem e do marido, entendendo que tal condição construída ao longo do tempo não cabe mais da mesma forma limitadora, uma vez que agora vive em um contexto onde a mulher, mesmo sofrendo a inferioridade diante da figura masculina, já galgou outros degraus que a libertam da condição totalmente submissa aos homens.

Aliado ao fato de demonstrar consciência da realidade que no Ocidente oferece alguns aspectos libertários a sua condição de esposa e mãe, Alsana também compreende a realidade do sujeito diaspórico de segunda geração. Os filhos nascidos na Inglaterra, já têm sua particularidade enquanto descendentes e não imigrantes. Essa particularidade demonstra, ainda, que as tensões vividas por sujeitos diaspóricos de primeira geração são um tanto diferentes das vividas pelos descendentes, na segunda geração.

Ao lidarem com aspectos do meio social ao qual são inseridos quando migram para um novo país, Samad e Alsana passam tratar com comportamentos e condutas além do sistema cultural diferente do muçulmano, os quais entram em conflito com a realidade a

que estavam previamente habituados. Adaptar-se ao novo modelo social torna-se tarefa constante e permeada, ainda, pelo agravante inegável da desvalorização de suas condições de imigrantes diante da superioridade da cultura local. A maneira como o sujeito diaspórico é visto e tratado, então, acaba por agregar valor à posição que o imigrante ocupa na respectiva sociedade em que passa a fazer parte, como afirma Bhabha (1998) relembando Fanon.

O trato com os novos parâmetros, então, dos sujeitos diaspóricos sob a visão preconceituosa dos indivíduos locais, torna-se o estopim dos conflitos vividos por um indivíduo culturalmente exógeno, representado aqui por Samad. Em contraponto com a primeira geração, os descendentes têm de lidar com as heranças que os pais trazem e tentam a todo o tempo perpetuar nos filhos muito habituados com a realidade ocidental e a presença da variedade e diferença culturais locais que vivem sob a tensão de conciliar o contexto ao qual estão habituados, o preconceito que ainda é refletido a eles e a tensão dos ascendentes diante deste contexto, como é figurado por Millat.

Alsana consegue manusear as diferenças de comportamento social, como em relação à homossexualidade da sobrinha Neena, recriminando-a, mas ao mesmo tempo mantendo laços com ela, especialmente quando a conveniência do auxílio da moça a atrai, da mesma maneira com que Alsana aprende a conviver e estreita laços com Clara, uma descendente jamaicana, que inicialmente era também estranha à muçulmana e depois torna-se uma amiga e confidente. Ao tratar com a variedade de comportamento e etnias, Alsana também amplia suas observações com relação às diferenças de conduta ocidental e de suas origens, recriminando o marido que não consegue percebê-las. Em sua condição de mulher e mais jovem do que ele, Alsana é a personagem da família Iqbal que mais negocia sua própria cultura com o sistema cultural do ocidente, sabendo aproveitar as benesses que o contexto lhe oferece como mulher, conseguindo ampliar o reconhecimento da variedade cultural que a circunda e, ao mesmo tempo, não abandonando por completo as origens que lhe moldaram a identidade cultural de muçulmana, os parâmetros de aceitação social ao qual estava habituada e o olhar sobre as diferenças étnicas ao seu redor.

Em meio a exemplos dos extremos da aculturação de um dos filhos e da resistência de Samad e Millat fundamentalista, encontra-se a jovem esposa e mãe Alsana. Com sua personalidade forte, a figura feminina consegue atingir um patamar mais independente do

marido, uma vez que necessita buscar renda para a família. Uma esposa que reage às tentativas de submissão extrema da esposa ao marido, que a trai e ignora sua vontade no que tange ao futuro do filho. A esposa que consegue perceber a idealização da terra natal que é, atualmente, um símbolo de perigo e violência. Ela usufrui das vantagens ou condições oferecidas pela cultura ocidental, fazendo da mulher um indivíduo menos submisso ao homem, garantindo, ainda, o acesso à informação que possibilita ampliar a visão de mundo tão importante para a formação da criticidade intelectual.

Representativos de abordagens particulares, das maneiras como uma sociedade multiétnica é encarada por indivíduos e a forma como a hegemonia branca afeta as minorias, ainda à mercê de pensamentos arraigadamente construídos de eurocentrismo e preconceito, os Iqbal retratam, como afirma Bhabha (1994 apud ASHCROFT et al, 2000), que a marcação da diferença étnica baseia-se já em um olhar de superioridade que exotiza e diferencia indivíduos. A construção da variedade cultural, no entanto, mostra que a valorização cultural necessária para o convívio harmonioso e rico entre as culturas ainda não está presente como se pressupõe.

3.2 – A família Bowden, da Jamaica

Com importância característica na narrativa de *White Teeth* (2000), o núcleo familiar Bowden, representa o percurso transcorrido em três gerações de mulheres descendentes da Jamaica. Hortense Bowden, partindo das memórias da mãe Ambrósia, que é mãe da ambivalente Clara e avó de Irie Bowden-Jones, traçando, dessa forma, a trajetória de uma ascendente lembrada até a filha de Irie, a bebê citada no desfecho do romance.

A origem das Bowden é a Jamaica dominada e colonizada. Figurando apenas nas memórias da filha Hortense, Ambrosia Bowden é duplamente subjugada, como mulher e como nativa, por mais de um homem e, posteriormente, por uma senhora que a converte à religião que, mais tarde, guiará a existência da filha Hortense de maneira estanque e cega.

Ambrosia é vítima dos abusos sexuais do capitão Charles Durham, sob o pretexto colonizador da instrução que eleve a condição do nativo selvagem necessitado de educação

formal. Abandonada grávida aos cuidados de outro homem ‘branco’, que também a explora sexualmente, já com uma gravidez avançada, Ambrosia é novamente descartada aos cuidados de uma senhora que a inicia na religião das Testemunhas de Jeová. Novamente abusada pelo homem que a abandona com a senhora Brenton, a filha de Ambrosia, Hortense, nasce em meio a um terremoto, dentro de uma igreja e no momento em que Glenard, explorador da iminente mãe, é morto por escombros do terremoto que destrói grande parte da Jamaica.

Grande mudança na vida de Ambrosia é acarretada por conta da conversão religiosa e do nascimento da filha com o capitão Durham. Depois de abandonar Ambrosia grávida, o capitão volta à ilha ao saber do terremoto e, ao tentar buscar a antiga escrava, é rejeitado por ela, a qual decide cuidar sozinha da filha, longe dos abusos patriarcais e colonizantes do capitão. Com profunda influência da religião, Hortense cresce obcecada pela doutrina que a guia durante toda sua trajetória, buscando inculcar os mesmos preceitos, tanto na filha Clara como em todos os indivíduos, que ela julga impuros e passíveis da salvação por meio da conversão.

Clara Bowden, a filha de Hortense com Darcus, nasce na Jamaica. O pai é o primeiro a ir para a Inglaterra em 1958 à procura de melhores condições de vida. Condições estas que lhe permitissem buscar, mais tarde, esposa e filha na Jamaica. No entanto, acometido por certo distúrbio de saúde, Darcus é levado a um completo estado de letargia, sobrevivendo apenas com os benefícios do seguro social britânico. Somente em 1972, por iniciativa e atitude próprias, Hortense juntamente com a filha Clara, já com dezesseis anos, vão ao encontro do pai em Londres. Deparando-se com o contexto hegemônico branco, Hortense só acolhe, perto de si e de sua família, indivíduos que aceitam as influências religiosas e regentes da vida da jamaicana, como Ryan, o primeiro namorado de Clara.

Hortense, profundamente ligada à religião, condena todos os que não partilham de sua visão de mundo. Em função de um apocalíptico fim do mundo preanunciado por cálculos de religiosos, ela controla a filha Clara, levando-a a participar de sua conduta fundamentalista, bem como disseminar a doutrina religiosa como única fonte de salvação humana. A partir do esforço para convencer os descrentes da condenação dolorosa dos infiéis, Clara é cada vez mais limitada a viver em função da mãe, reprimindo desejos e

atitudes que explodem ao conhecer Ryan Topps. Jovem antes rebelde, que partilha com Clara de certa exclusão social no ambiente da escola. Posteriormente, Ryan liga-se a Hortense, seguindo seus passos religiosos e afastando-se definitivamente Clara, a qual tenta desvencilhar-se por completo das limitações religiosas que agora se agravam com o namorado, além da mãe.

Desiludida com a paixão de Ryan Topps e no limite da convivência com o fanatismo religioso da mãe Hortense e da letargia do pai Darcus, Clara conhece Archibald Jones e considera-o um salvador, que a levará a um futuro estável e longe de todos os padrões que a incomodavam até sua adolescência. Ao aceitar casar-se com ele, a jamaicana inicia seu caminho com a família completa pela chegada de Irie Bowden-Jones, a filha da jamaicana com o inglês, representante da geração hifenizada e da mistura dos indivíduos diaspórico e ‘branco’ em sua condição híbrida.

Seguindo por uma vida não exatamente excitante e aventureira, mas usufruindo das vantagens que a estabilidade do marido mais maduro proporciona à Clara, Irie cresce, juntamente com os filhos gêmeos do casal de muçulmanos Samad e Alsana Iqbal, estreitando ainda mais os laços entre as famílias. Também mais próxima de Alsana, Clara encontra uma amiga que luta contra a persuasão e as influências consideradas nocivas que a família Chalfen, especialmente os pais Marcus e Joyce, exercem sobre os filhos Millat, Magid e Irie, distanciando-os de suas raízes étnicas ao passo em que intensificam a diferença cultural entre os descendentes e os ingleses no espaço eurocêntrico.

Irie Bowden-Jones, por sua vez, tem uma relação de certa forma harmoniosa com os pais, mas sempre marca sua presença por meio da reação racional contra as atitudes preconceituosas. Desde garota ligada aos estudos, Irie consegue uma maior independência intelectual diante das adversidades do meio ao qual está inserida, paralelamente ao mesmo período em que busca uma completude perturbadora, característica de sua condição de descendente.

Depois de algumas tentativas de esclarecimento a respeito de suas origens étnicas com a mãe Clara, a qual nega à filha uma viagem à Jamaica, na tentativa de manter contato com a terra natal materna, Irie acaba ligando-se à família Chalfen, trabalhando para o

cientista Marcus, ao mesmo tempo em que desperta seu interesse por uma profissão como dentista, unindo-a ainda mais em busca de sucesso profissional na Inglaterra.

A garota, desde a adolescência reprimia uma paixão secreta, mas perceptível por Millat, que a considerava como uma irmã. Por outro lado, Irie é correspondida por Magid, o qual não a interessa como homem. Aos se aproximar dos Chafren, ela entra em contato com a afeição de Joshua e finalmente, depois de entregar-se impulsivamente aos irmãos gêmeos Igbal, resultando na gravidez da qual não se tem certeza do pai. Após, Irie decide voltar à Jamaica com a avó Hortense, a filha e o companheiro Joshua, retornando as Bowden, à terra natal da mãe, da avó e da bisavó.

A trajetória das mulheres jamaicanas e da descendente Bowden, dentro da narrativa de *White Teeth* (2000), caracteriza especialmente três gerações, em mulheres, responsáveis por características singulares e discussões importantes das figuras femininas diaspóricas e de uma descendente, cujas raízes étnicas imprimem particularidades às personagens que finalmente reagem de maneiras diferentes às condições que o ambiente hegemônico lhes impõe, com efeitos diferenciados sobre cada uma das personagens.

3.2.1 - A identidade cultural e as tensões na família jamaicana das Bowden

As relações entre as personagens femininas da família Bowden, ao longo de toda a narrativa, se estabelecem sobre o estigma da figura de mulher bem como das raízes étnicas e influências religiosas que contribuem grandemente para a caracterização das relações das personagens entre si. A fim de refletir sobre como as relações das personagens se estruturam com o contexto no qual estão inseridas, percebe-se que tais relações estruturam-se na interação de uma personagem com outra.

Religiosidade

Para Hortense Bowden, o apego à religião conduz completamente os limites da vida social. Delineando seu comportamento com base no que os preceitos religiosos pregam como nobres, Ela ainda impõe sobre outros os parâmetros que acredita serem aceitáveis para a salvação eterna. Ao impor tal religiosidade sobre a filha Clara, o afastamento de mãe e filho torna-se inevitável. Sem perceber que adota uma conduta antissocial, Hortense finalmente interage somente com os que compartilham de suas ideias ou se convertem ao modo de vida, considerado exemplar.

Sem a preocupação com a maneira de ser de indivíduo diaspórico ou da figura da mulher diante da sociedade, nem mesmo com a sua condição de mãe e esposa, Hortense vive completamente à disposição dos preceitos religiosos sem observar outros fatores que poderiam condicioná-la à vida social:

O fim do mundo estava próximo. E não se tratava – garantira-se à filial das Testemunhas de Jeová de Lambeth – do mesmo equívoco de 1914 e 1925. Houvera a promessa de entranhas dos pecadores amarradas em volta de troncos de árvore, mas desta vez as entranhas dos pecadores amarradas em volta de troncos de árvore *apareceriam*. Haviam esperado muito tempo que os rios de sangue transbordassem nas sarjetas da rua do comércio, e agora a sede *seria* saciada. Chegara a hora. Essa era a data correta, essa era a única data, todas as outras apresentadas antes haviam resultado de algum erro de cálculo: alguém se esqueceu de somar, alguém se esqueceu de subtrair, alguém se esqueceu de transpor o número 1. Agora, porém, era a hora. A coisa pra valer. Primeiro de janeiro de 1975 (SMITH, 2003, p. 42) (grifo da autora)

The end of the world was nigh. And this was not – the Lambeth branch of the church of the Jehovah's Witnesses was to be assured – like the mistakes of 1914 and 1925. They had been promised the entrails of sinners wrapped around the trunks of trees, and this time the entrails of sinners wrapped around the trunks of trees *would* appear. They had waited so long for the rivers of blood to overflow the gutters in the high streets, and now their thirst *would* be satiated. The time had come. This was the right date, this was the only date, all other dates that might have been proffered in the past were the result of some bad calculations: someone forgot to add, someone forgot to minus, someone forgot to carry the one. But now was the time. The real thing. 1 January 1975 (SMITH, 2000, p. 32)

O apego aos detalhes fortes da doutrina, seguida por Hortense, reflete-se no discurso punitivo que ela assume na convivência social. Agressiva no tom que adota ao interagir com outros, Hortense está marcada pelo fundamentalismo religioso, que reitera a condenação e o sofrimento ao quais os descrentes serão submetidos como punição para a vida desregrada, de acordo com seus parâmetros de boa conduta. Constantemente reafirmando as características dolorosas do castigo aos que não compartilham das ideias de sua crença, ela reitera o aguçado poder de previsão do fim dos tempos, bem como os efeitos provocados pela vida mundana àqueles que se distanciam da fé e das regras interpretadas pelos crentes de sua instituição religiosa.

Tão característico quanto à dolorosa punição dos descrentes, a exatidão cega do cálculo do dia do Juízo Final consta como traço singular no discurso de Hortense. Mesmo diante de repetidos fracassos quanto à certeza absoluta de suas previsões, a visão limitada fundamentalista de crença cega e irracional da interpretação da fé não permite que Hortense crie laços racionais com sua religião, da mesma forma com que suas relações com a filha Clara são prejudicadas, por suas restrições exageradas ao comportamento da adolescente.

Intimidando também o marido Darcus com a força de seu discurso, Hortense acaba polarizando a relação no matrimônio onde somente ela tem voz ativa, em especial depois que Clara vai embora, pois o esposo em sua condição letárgica, não consegue interagir ou esboçar qualquer tipo de reação ao mundo exterior. Assim, Hortense conquista território cada vez mais propício a sua tendência de dominar o outro por meio do discurso e intimidar pela pressuposta ideia de julgamento e condenação dos infiéis, colocando-a em um patamar que, sob sua perspectiva, é mais elevado que o dos descrentes. Posição esta, baseada no fundamentalismo religioso que segue.

Aliado ao extremo maniqueísmo da fé de Hortense, a conversão da mãe Ambrosia agrega ainda mais valor à religiosidade de Hortense, sob sua própria perspectiva. Acreditando que recebeu a luz da religiosidade ainda no ventre de sua mãe, a mesma ainda acredita que a própria filha Clara é fruto de especial condição humana, com base em sua interpretação de sinais de grandiosidade pautados na religião:

[...] Clara não era igual às outras adolescentes. Era filha de Deus, a criança milagrosa de Hortense. Hortense estava com quarenta e oito anos quando ouviu a voz de Deus enquanto estripava um peixe certa manhã, em Montego Bay, em 1955. Largou imediatamente o marlim, pegou o bonde para ir para casa e se submeteu a sua menos apreciada atividade a fim de conceber o filho que Ele pedira. Por que Deus demorara tanto tempo? Porque Deus queria mostrar um milagre para Hortense. Porque Hortense mesmo fora uma criança milagrosa, nascida no meio do lendário terremoto de Kingston, em 1907, enquanto todo o mundo se ocupava em morrer – milagres estavam no sangue da família (SMITH, 2003, p. 43)

[...] For Clara was not like other teenagers. She was the Lord's child, Hortense's miracle baby. Hortense was all of forty-eight when she heard the Lord's voice while gutting a fish one morning, Montego Bay, 1955. Straight away she threw down the marlin, caught the trolley car home and submitted to her least favourite activity in order to conceive the child He had asked for. Why had the Lord waited so long? Because the Lord wanted to show Hortense a miracle. For Hortense had been a miracle child herself, born in the middle of the legendary Kingston earthquake, 1907, when everybody else was busy dying – miracles ran in the family (SMITH, 2000, p. 33-4)

No extremo oposto da posição dos pecadores, o lugar favorecido de Hortense e da filha Clara, enquanto seres humanos, é grandemente distante dos cidadãos comuns. Reforçando a caracterização de elevadas espiritualmente, Hortense reitera ter sido escolhida dentre muitas mulheres para receber de seu Deus, o grande presente de uma filha santificada, conferindo-lhe, sob sua perspectiva, um estado elevado diante das pessoas comuns e mesmo dos companheiros de fé. Juntamente com uma filha anunciada por seu Deus, Hortense garante a si própria sua quase santidade, por ter sido escolhida para a gestação de uma criança também quase santa, da qual cobrará, mais adiante, o posicionamento religioso tão ferrenho quanto o seu próprio.

Curiosamente, a religiosidade que Hortense cobra por parte da filha Clara não se repete no trato com a neta Irie. Em uma condição ateuísta, a neta de Hortense não se preocupa em enveredar por qualquer visão religiosa e distancia-se do apego religioso da avó, sem nenhuma cobrança por parte da mesma, a qual acolhe a neta que se afasta da mãe Clara, que está em busca de informações sobre suas raízes jamaicanas. Mesmo junto à avó, não lhe é esperada nenhuma participação nos afazeres ou na visão da fé, como Hortense sempre forçava a filha Clara, antes de sua partida.

A repressão a que Clara se submete até a adolescência, fazendo-a recuar do convívio com a mãe, chega a seu ápice quando Hortense convence Ryan, namorado de Clara, a tornar-se membro das Testemunhas de Jeová, aumentando a pressão repressora sobre a moça, que tenta escapar das limitações impostas pela mãe e agora pelo namorado. Ao conhecer Archibald, Clara percebe uma chance de libertar-se das condenações que a religião promete aos que se negam a participar dela. O casamento de Clara com o inglês Archie, porém, revela o posicionamento de Hortense a respeito das relações entre etnias diferentes, especialmente na constituição familiar.

Sendo para Hortense Bowden, a religião o principal traço delineador de sua personalidade, para a filha Clara, a religiosidade passa a ser sinônimo de limitação, levando-a a abandonar por completo os princípios de fé dos quais participara até então. Ilustrando o desabar dos pilares de fé em Clara, o fim do mundo, que não aconteceu em 1975, marca uma mudança radical da conduta da filha de Hortense que passa a viver em função do marido inglês e da filha Irie.

Se a religiosidade não se faz presente na nova vida de Clara, o ateísmo se prolonga em Irie. Ligada efetivamente aos estudos e com tendências claras à intelectualidade, a neta de Hortense surpreenderá por sua aproximação com a avó, ao repetir a atitude de distanciar-se da mãe, que a reprime de outra maneira, na busca pelas raízes da qual fora afastada, que considera essencial para sua completude e satisfação pessoal como descendente da Jamaica. Assim, se fará presente em Irie uma ligação mais profunda com a educação e as raízes étnicas do que com a religiosidade, a exemplo de Hortense.

Sexualidade

Na proporção em que Hortense liga-se à religião, sua caracterização passa pelo distanciamento da sexualidade. Sem citações a respeito da beleza física ou do encantamento de Hortense em sua figura feminina, o que é apresentado na mãe Ambrosia e na filha Clara, Hortense não parece primar por aspectos sexualizados. Relações harmoniosas com homens, ainda, não parecem para ela um foco durante a narrativa.

Diferente de Hortense, em Clara o apelo sexual é o principal fator que encanta Ryan, o primeiro namorado e Archie, com o qual finalmente se casa. A beleza exótica de traços jamaicanos confere a Clara um poder de sedução que a aproxima dos homens e oferece a chance de viver momentos de libertação dos limites impostos pela religião da mãe, de quem se afastará em definitivo. Porém, o apelo sexual de Clara que fascina Ryan Topps em princípio relega à moça certo aspecto objetificado, cedendo ao jovem que acabara de conhecer e aos desejos reprimidos de adolescente. Em um segundo estágio do namoro com Ryan, Clara passa a ser uma companhia com a qual ele pode contar como sua admiradora, aumentando seu ego. Fato este que se altera, quando o jovem é gradualmente persuadido a participar da vida religiosa por Hortense, ela consegue que o namorado da filha torne-se seu aliado na repressão do comportamento de Clara e na tentativa de conduzi-la ao grupo religioso.

A intensa repressão de Clara a distancia de ambos, mãe e namorado, até conhecer Archie, o qual também se encanta pela beleza da jovem mulher. Ao mesmo tempo encantadora e fora dos padrões de beleza, com dentes quebrados, Clara fascina e atrai Archie de maneira avassaladora, no momento em que ele redescobre a vida depois da tentativa de suicídio:

Clara Bowden era bela em todos os sentidos, exceto, talvez, em virtude de ser negra, no sentido clássico. Clara Bowden era magnificamente alta, preta como ébano e sable moído [...] Não precisava de sutiã – era independente, até da gravidade -, [...] Agora, no entender de Archie, nos filmes e coisas assim é comum alguém ser tão admirável, de modo que, quando desce a escada, todo mundo se cala. Na vida real ele nunca vira isso acontecer. Mas aconteceu com Clara Bowden.[...] E, além da coisa mais linda que ele jamais vira, era também a mulher mais confortadora que jamais conhecera.[...] Exibia sua sexualidade com a naturalidade de uma mulher mais velha, não (a exemplo da maioria das garotas com quem Archie saíra no passado) como uma bolsa incômoda, sem saber como carregar (SMITH, 2003, p. 34)

Clara Bowden was beautiful in all senses except, maybe, by virtue of being black, the classical. Clara Bowden was magnificently tall, black as ebony and crushed sable [...] She needed no bra – she was independent, even of gravity – [...] Now, as Archie understood it, in movies and like it is common for someone to be so striking that when they walk down the stairs the crowd goes silent. In life he had never seen it. But it happened with Clara Bowden. [...] And not only was she the most beautiful thing he had ever seen, she was also the most comforting woman he had ever met. [...] She wore her sexuality with an older

woman's ease, and not (as with most of the girls Archie had run with in the past) like an awkward purse, never knowing how to hold it (SMITH, 2000, p. 23-4)

A força da beleza e sensualidade de Clara deixa o inglês desconcertado diante da figura exótica da mulher negra. Clara consegue atrair em vários sentidos e sua sensualidade não se limita aos aspectos físicos. A presença dessa exuberância de mulher, diferente das quais o inglês estava habituado até então, mostra que a descendência de Clara confere a ela um destaque em relação às mulheres comuns. Não somente o corpo escultural, mas ainda a elegância alia-se à figura da mulher confortadora que pode ser entendida como submissa e disponível para satisfazer as necessidades do marido. Confortadora a partir do momento em que não somente acolhe o esposo, mas também personifica uma esposa capaz de compreender e oferecer ao marido a segurança, estabilidade, sendo a fonte de ânimo que Samad um dia se encarregou de citar como adequada. Uma esposa mais jovem.

No entanto, mais adiante, depois de casados, Archie não mais demonstra a mesma submissão aos apelos sexuais da esposa, mesmo em um casamento harmonioso. A escolha pelo amigo Samad e o bar que frequentam juntos, ao mesmo tempo em que cria certo distanciamento entre o casal, aproxima Clara da amiga Alsana. A amizade de Archie com Samad se intensifica e Clara continua em sua posição de esposa dedicada e mãe cuidadosa, mantendo, assim, o casamento em harmonia com o marido, que ainda assegura a seu lado uma bela companheira, além do conforto já notado quando a conheceu.

Sem dúvida, as descrições de Clara Bowden demonstram que sua sensualidade passa pelo crivo do caráter exótico dentre os indivíduos locais. Entretanto, não lhe assegura o patamar de igualdade em alguns episódios da narrativa, reveladores da presença de preconceito em relação à descendência étnica, como a postura adotada pelo superior de Archie em seu trabalho. Ainda presente na geração posterior, Irie Jones por ela mesma revela o poder da influência que o preconceito, os padrões de beleza física e sensualidade podem exercer sobre a imagem pessoal, determinando as ações individuais. Incomodada com a própria imagem e aspectos físicos fora dos padrões de beleza ingleses, além do desejo de despertar o interesse de Millat, Irie tenta alterar sua aparência física levada pelos objetivos de agradar o sexo oposto, especialmente na figura do amigo:

Agora, Irie Jones, aos quinze anos de idade, era volumosa. As dimensões europeias do corpo de Clara haviam saltado uma geração e ela herdara a sólida constituição jamaicana de Hortense, carregada de abacaxis, mangas e goiabas. A moça tinha peso; peitos grandes, nádegas grandes, cadeiras grandes, coxas grandes, dentes grandes [...] sabia muito bem, enquanto caminhava pesadona para a escola, a boca cheia mastigando um sonho, apertando os pneus entre os braços, que o anúncio falava a ela. Falava *com* ela. PERCA PESO (estava dizendo) E GANHE DINHEIRO. Você, você, *você*, senhorita Jones, [...]

Irie Jones estava obcecada (SMITH, 2003, p. 259-0) (grifos da autora)

Now, Irie Jones, aged fifteen, was big. The European proportions of Clara's figure had skipped a generation, and she was landed instead with Hortense's substantial Jamaican frame, loaded with pineapples, mangoes and guavas; the girl had weight; big tits, big butt, big hips, big teeth [...] she knew full well, as she trudged schoolwards, mouth full of doughnut, hugging her spare tyres, that the advert was speaking to her. It was *speaking* to her. LOSE WEIGHT (it was saying) TO EARN MONEY. You, you, *you*, Miss Jones, [...]

Irie Jones was obsessed (SMITH, 2000, p. 265-6)

O excesso de peso e os traços jamaicanos levam Irie às atitudes extremadas, em busca da adequação aos padrões valorizados pelos modelos ocidentais e por Millat. Com o foco na ideia que perder peso é sinônimo de sucesso econômico e entre os homens, a descendente reprime as próprias características que a ligam à etnia em função de ser aceita no ambiente em que se encontra. Muito decepcionada com a própria imagem, Irie é levada a posturas que não geram resultados reais, mas que mascaram, de modo grosseiro, sua condição sem, por vezes, perceber a inutilidade de suas ações e as atitudes que a associa mais aos padrões locais socialmente instaurados do que as suas características étnicas.

Finalmente depois de um resultado desastroso e da recriminação por não assumir sua origem, Irie percebe que estava afastando-se de sua própria personalidade em função de agradar um homem que não a amava e não ofereceria nenhum retorno as suas demonstrações de afeto. Na tentativa de alisar o cabelo que resulta na perda dele, Irie é criticada por tentar adequar-se aos traços que não são naturais, simbolizando a não aceitação de sua origem étnica. O sentimento de recusa liga-se essencialmente à imagem pouco sensual que a moça percebe de si mesma, pois na ânsia de ser reconhecida também

em sua sexualidade e atrair o sexo oposto, decide transformar-se aos padrões mais aceitos socialmente, percebido por ela mesma, nas relações entre homens e mulheres. Assim, o desejo pelo despertar atração nos homens conduz Irie à recusa de suas características físicas que não atraem olhos masculinos. Fato este determinado pela realidade do contexto e que a guia na tomada de atitudes inconsequentes e representativas da força da influência dos padrões físicos valorizados na Inglaterra. Em busca da aceitação local, ela acaba solapando a própria identidade em busca de pertencer a grupos de grande prestígio social, fazendo-a buscar maior apelo sexual, passando, em sua mente adolescente, pelo distanciamento de seus traços étnicos originais, com os quais ela mesma não consegue lidar e tirar proveito para a mesma finalidade, ou seja, despertar a real atração física do sexo oposto que julga importante nessa etapa de sua vida.

Vida matrimonial

Profundamente ligada à religiosidade, Hortense deixa claro que sua postura em relação ao casamento com Darcus está distante de cumplicidade e afeto, pois ao se separar de Darcus, após o mesmo ir sozinho à Inglaterra e afastando-se da esposa e da filha Clara que ficam na Jamaica, mesmo a promessa de trazer a família consigo, assim que possível, parece não aproximar o casal quando Hortense vai à Inglaterra em busca do marido. Ao se deparar com o estado letárgico de Darcus, Hortense passa a figurar a liderança da família, guiando os passos de Clara e tomando as rédeas da manutenção da família, enquanto Darcus continua em um estado quase vegetativo.

Simbolizando a oposição entre a patriarcal perpetuação do destino feminino ao casamento em contradição à liderança da família, Hortense encara o casamento como a união com um homem que não contribui para a vida em família. Demonstrações de carinho para com o esposo e pai não existem por parte de Hortense e Clara, as quais continuam alheias à presença de Darcus. Quando o homem morre, anos depois de Clara deixar a casa da mãe, Irie busca na avó como refúgio e fonte de informação sobre a cultura jamaicana, mesma descobre que a avó continua liderando a casa, no entanto em uma relação incomum:

- Aquele é o senhor Topps – disse Hortense, movimentando-se agitada na cozinha, trajando um vestido marrom-escuro, os colchetes abertos, na mão um chapéu com flores de plástico viradas de lado. – Ele tem me ajudado muito desde que o Darcus morreu. Abranda os meus tormentos e acalma a minha mente. [...]

- E é o único que consegue fazer alguma coisa crescer nesse terreno. Uma colheita de tomate dessas nunca se viu! Irie Ambrosia, pára de fica olhando e vem me fechar esse vestido. Depressa, antes dos seus olhos esbugalhados saltarem das órbitas.

- Ele mora aqui? – sussurrou Irie, estupefata, lutando para juntar os dois lados do vestido de Hortense sobre as ilhargas volumosas. – Quero dizer, com a senhora?

- Não no sentido que *você* pensa – disse Hortense torcendo o nariz. – Ele é só uma grande ajuda pra mim na minha velhice. Tá comigo esses seis anos todos. Deus o abençoe e lhe guarde a alma. Agora me dá esse alfinete (SMITH, 2003, p. 373)

‘Dat is Mr Topps,’ said Hortense, hurrying across the kitchen in a dark maroon dress, the eyes and hooks undone, and a hat in her hand with plastic flowers askew. ‘He has been such a help to me since Darcus died. He soothes away my vexation and calms my mind.’ [...]

‘An’ he de only man who made a solitary ting grow out dere. Such a crop of tomatoes as you never did see! Irie Ambrosia, stop starin’ and come an’ do up dis dress. Quick before you goggle-eye fall out.’

‘Does he live here?’ whispered Irie in amazement, struggling to join the two sides of Hortense’s dress over her substantial flank. ‘I mean, with you?’

‘Not in de sense *you* meaning,’ sniffed Hortense. ‘he is jus’ a great help to me in my ol’ age. He bin wid me deez six years, God bless’im and keep ‘is soul. Now, pass me dat pin.’ (SMITH, 2000, p. 386-7)

A presença de Ryan Topps, antigo namorado da filha Clara, com Hortense revela um quadro em que as figuras da mulher e do homem se completam na convivência, que Hortense reforça não ser exatamente a de um casal, mas sim dos que se auxiliam reciprocamente. Enquanto Ryan parece tão solitário quanto Hortense, uma vez que provavelmente não tenha se casado e continuou a acompanhá-la na religião, Hortense usufrui dos afazeres que o homem pode oferecer para facilitar seu convívio, além da companhia. Sem esclarecimentos sobre a realidade do relacionamento, percebe-se que a convivência entre Ryan e Hortense é provavelmente sem a ‘mistura’ de ‘raças’ a qual ela

se declara oposta. Ao oferecerem companhia um ao outro, conseguem conviver de maneira amigável e com um afeto auxiliador conveniente para ambos.

A reciprocidade de auxílio da convivência entre Hortense e Ryan, não como marido e mulher, diferente da relação de Hortense e Darcus, difere do relacionamento de Clara e Archie. Cansada da repressão religiosa da mãe, Clara decide que casamento seria uma forma de escapar das limitações impostas pela progenitora, extremamente religiosa:

Em fevereiro de 1975, Clara trocara a religião e todo o literalismo bíblico desta por Archibald Jones, mas não era ainda uma ateuista descontraída [...] de modo que agiu por impulso e pediu a Archie que a levasse para tão longe de Lambeth quanto um homem com seus recursos poderia [...] sabendo que o mais longe que um homem com seus recursos poderia ir era o sobrado recém-adquirido, mediante um monstruoso financiamento, em Willesden Green.[...] Não amava Archie, mas decidira, desde aquele primeiro momento na escada, dedicar-se a ele se ele a levasse embora.[...] Ah, sim, ele era carinhoso e às vezes até charmoso, logo cedinho assobiava uma canção clara como cristal, dirigia com calma e responsabilidade, e era um cozinheiro de uma competência surpreendente, mas romance passava longe dele, e paixão nem pensar (SMITH, 2003, p. 55-7)

By February 1975, Clara had deserted the church and all its biblical literalism for Archibald Jones, but she was not yet the kind of carefree atheist [...] so she did it on impulse and begged Archie to take her as far away from Lambeth as a man of his means could manage [...] in the full knowledge that the furthest a man of his means was going was a newly acquired, heavily mortgaged, two-storey house in Willesden Green.[...] She did not love Archie, but had made up her mind, from that moment on the steps, to devote herself to him if he would take her away.[...] Oh, he could be affectionate and sometimes even charming, he could whistle a clear, crystal note first thing in the morning, he drove calmly and responsibly and he was a surprisingly competent cook, but romance was beyond him, passion, unthinkable (SMITH, 2000, p. 46-8)

A conveniência que Clara encontra no casamento com um homem maduro, que lhe oferece segurança e estabilidade agregadas à paixão pela beleza de Clara, bem como a vantagem de uma esposa jovem e sedutora, convencem a jamaicana a distanciar-se da vida limitada sob os parâmetros da mãe, em busca de uma opção da qual ela mesma definiria padrões e poderia guiar por si mesma. A constituição de uma família ao lado de um homem que verdadeiramente a amava e que oferecesse a estabilidade e harmonia, importantes para

a estrutura familiar, aliado ao fato da decepção com as previsões religiosas das quais ela antes vivia em função, fazem com que Clara opte por uma nova vida ao lado do homem que inspira muita confiança em lugar de grandes paixões.

No entanto, as corriqueiras descrições da sedutora beleza da jamaicana, especialmente aos olhos do marido ao conhecê-la e casar-se com ela, demonstram que a relação entre o casal não passa por problemas de entendimento sexual. Possíveis afinidades, depois de anos de casamento, com uma filha adolescente, levam Clara a viver para satisfazer Archie, o qual retorna tanta dedicação ao ser um marido e pai também dedicado e cuidadoso.

Se o companheirismo e a sexualidade acompanham Clara e Archie, fazendo com que o casal representasse a relação de harmonia entre etnias diferentes, mesmo na qual Clara acaba assumindo um papel de certa submissão ao marido mas, por outro lado, liga-se a ele buscando a estabilidade e liberdade desejada, tal fato distingue-se das limitadas relações entre Hortense esposa e Darcus e Hortense companheira e Ryan. Percebe-se, ainda, que a filha de Clara e Archie, Irie Jones, torna-se uma mulher que lida de maneira diferenciada e mais libertária e independente de tradições matrimoniais, no que diz respeito aos relacionamentos entre homem e mulher, marcando uma terceira forma de relacionamento durante a narrativa.

Irie nasce e cresce em uma sociedade ocidental contemporânea, lidando de modo menos traumático com a quebra de parâmetros patriarcais nas relações afetivas entre casais. Em um momento e país onde as mulheres têm mais oportunidades de viver experiências diferentes, Irie acaba cedendo à impulsividade de seus sentimentos de paixão por Millat, os quais são reprimidos durante toda a adolescência. Buscando mesmo alterar sua aparência na tentativa de chamar-lhe a atenção como mulher, Irie finalmente entrega-se ao amado, mesmo sem que ele a deseje realmente, aceitando um único momento sem a menor expectativa de continuidade à relação. Sem remorso, mas sim na ânsia de defender Millat, Irie entrega-se apaixonadamente a ele e em seguida vai à procura do gêmeo Magid, simplesmente para conseguir que o homem que ama ocupe uma posição de primeiro lugar em relação ao irmão Magid, sempre considerado melhor que aquele rebelde que Irie tanto ama.

Grávida, Irie não procura definir o pai biológico de sua filha e nem sente necessidade de esclarecer sua conduta diante da sociedade ou mesmo com cobranças familiares. Vai para a Jamaica com a avó Hortense e o terno amigo que sempre a amou, distanciando-se dos parâmetros patriarcais de domínio, de submissão da mulher e do destino tradicional da esposa e mãe que cuida dos filhos sem poder de decisão.

Percebe-se que, para Irie, a convivência com um homem não precisa ser com o matrimônio oficializado, usufruindo da liberdade da parceria que acontece por conta do real desejo de estarem juntos, sem amarras oficiais ou socialmente pressupostas. Irie busca a satisfação de sua vontade, sem a preocupação de continuar em um país do qual sente a exclusão do padrão de beleza e da submissão intelectual como mulher, mas opta por seguir em busca de satisfazer suas próprias vontades, afastando-se do ambiente e dos homens, com os quais, de alguma forma se magoou. Dessa forma, ela se liberta da necessidade de seguir padrões sociais estabelecidos. Sua atitude diante de independência e quebra dos padrões garante-lhe prosseguir seus próprios parâmetros individuais, afastando-se do patriarcalismo, que define a posição feminina em função da masculina. Assim, ela consegue usufruir dos sentimentos e companhia que a figura de Joshua garante-lhe, longe das decepções com Millat e dos modelos de matrimônio da avó e da mãe.

Convivência multicultural

Para Clara Bowden, sujeito diaspórico que se afasta do convívio familiar, em busca de uma nova vida que a libertasse da intensa repressão imposta pela religiosidade da mãe, o encontro com o inglês Archibald constituiu uma forma de realização da liberdade pessoal, buscada pela jovem Clara. Porém, o fato de Clara ser jamaicana e Archie ser inglês está distante da visão da naturalidade de um relacionamento, em que diferentes ‘raças’ se unem para a constituição familiar:

Mas é mais o princípio que a coisa, sabe? Preto e branco nunca dão certo. Nunca foi vontade do Nosso Senhor Jesus Cristo a gente se misturar. Por isso fez um estardalhaço quando os filhos dos homens construíram a torre de Babel. Eu queria que os homens deixassem as coisas separadas. *E o Senhor confundiu a língua de toda a Terra e dali o Senhor se espalhou sobre a face de toda a*

Terra. Gênese, 11:9. Quando a gente mistura, o resultado nunca é bom. Não era pra ser *assim*. Menos você – acrescentou, depois de refletir. – Você é a única coisa boa que resultou de tudo isso (SMITH, 2003, p. 371-2) (grifo da autora)

But it more de principle of the ting, you know? Black and white never come to no good. De Lord Jesus never meant us to mix it up. Dat's why he made a hol' heap a fuss about the children of men building the tower of Babel. 'Im want everybody to keep tings separate. *And the Lord did confound the language of all the earth and from thence did the Lord scatter them abroad upon the face of all the earth.* Genesis 11:9. When you mix it up, nuttin' good can come. It wasn't *intended*. Except you,' she added as an after-thought. 'you're about de only good thing to come out of dat...' (SMITH, 2000. p. 384-5)

A visão de Hortense, a respeito dos relacionamentos entre indivíduos de etnias diferentes, é notadamente a de uma mulher que não tolera a miscigenação, provavelmente em função da história colonizadora e de abusos contra culturas dominadoras, que inferiorizaram e destruíram toda uma nação e seu povo, nas relações de poder que se estabeleceram entre dominadores e colonizados. Mesmo acreditando que Archie não seria um homem dominador, o relacionamento entre 'raças' diferentes continua sendo uma fonte de interação social em desigualdade, aos olhos de Hortense. A partir da fonte religiosa, a Bíblia, expressão da absoluta verdade, Hortense reitera o purismo 'racial' como fonte de harmonia entre povos e vontade divina, reforçando, ao mesmo tempo, a manutenção da cultura fechada em si e os apelos da religião que segue.

Hortense faz uso de um discurso contrário ao casamento inter-racial, no entanto revela seu certo apreço por Archie, reconhecendo o valor dele como um homem de boa conduta. Casar e miscigenar 'raças', sob o ponto de vista de Hortense, não é aceitável, mas percebe-se que a convivência entre indivíduos 'brancos' e 'negros' não necessariamente é evitada por ela, a qual virá a conviver com Ryan, quando "o senhor Topps é o primeiro homem humano que me estima, tem dó de mim e me cuida" (SMITH, 2003, p. 379). Assim, a junção carnal é condenada por Hortense, a miscigenação 'racial' deve ser evitada, mas a convivência com um homem branco que a proteja e auxilia acaba tornando-se altamente conveniente, na medida em que ambos, Hortense e Ryan conseguem colher as vantagens da companhia um do outro, enquanto partilham os princípios religiosos.

Se Hortense consegue manter uma amigável convivência com Ryan, simbolizando a harmonia entre o sujeito diaspórico e o indivíduo local, Clara consegue aumentar ainda mais a convivência com o ‘branco’, mesmo que não obstante sofra com situações de exclusão social, ainda expande sua atuação social as outras etnias.

Em princípio, quando se relaciona com Ryan Topps, compartilha com ele a condição de exclusão social no ambiente escolar, mas ao encontrar e ligar-se ao garoto, participa de maneira mais interativa do ambiente ao qual é apresentada, mesmo depois que o próprio Ryan afasta-se. Em seguida, ao conhecer Archie, Clara passa a ter contato e estreitar laços de amizade com Alsana Iqbal, em uma demonstração da abertura cultural a que se propõe. Ao conquistar a confiança de Alsana iniciada com a amizade entre os maridos e posteriormente compartilhando experiências familiares, Clara opta por um papel social que não somente a limita ao ambiente familiar, pois vai à procura de estudo e dedica-se às leituras, expandindo sua atuação como mulher, ao menos em teoria, uma vez que continua a exercer seu papel de esposa e mãe.

Em Irie, a convivência entre etnias diferenciadas é ainda mais próxima e amistosa, mesmo em se tratando de ser ela própria o alvo para demonstrações de preconceito velado ou explícito. Justamente o ambiente escolar do qual Irie participa é uma demonstração da variedade a qual os jovens estão habituados, fato este que aumenta a tolerância e até o respeito pela variedade cultural. Aliado a esse dado, crescer com Millat e Magid, de certa forma, faz com que Irie, como representante de uma minoria, agregue-se aos representantes de outra minoria, simbolizando a grande variedade do contexto inglês contemporâneo, além de substanciar sua tendência própria à aceitação de diferenças e variedade étnica.

A caracterização da variedade étnica presente no ambiente inglês, no entanto, não impede que Irie sofra diversas e constantes provas de sua inadequação diante da sociedade, por conta da condição de descendente. Especialmente no que diz respeito à família Chalfen, o pai Marcus e a mãe Joyce, além do filho Oscar, encarregam-se de reforçar, constantemente, a posição inferiorizada de Irie como descendente:

- Ficam para o jantar, não ficam? – convidou Joyce. – O Oscar realmente quer que fiquem. Ele gosta quando há estrangeiros em casa, acha muito estimulante. Principalmente estrangeiros morenos. Não é, Oscar?

- Não, não gosto – confessou Oscar, cuspiendo na orelha de Irie. – Detesto estrangeiros morenos.

- Ele acha os estrangeiros morenos realmente estimulantes – sussurrou Joyce (SMITH, 2003, p. 317)

‘You’ll stay for dinner, won’t you?’ pleaded Joyce. ‘Oscar really wants you to stay. Oscar loves having strangers in the house, he finds it really stimulating. Especially brown strangers! Don’t you, Oscar?’

‘No, I don’t,’ confided Oscar, spitting in Irie’s ear. ‘I hate brown strangers.’

‘He finds brown strangers really stimulating,’ whispered Joyce (SMITH, 2000, p. 326)

Mesmo com uma condição de cidadã inglesa, Irie continua vivenciando situações de exclusão e diferença, por conta da descendência em um ambiente tão inóspito quanto os indivíduos que nele estão. Com o intuito de manter o eurocentrismo que garante superioridade aos ingleses, a demonstração de preconceito é desmascarada na figura do menino Oscar, que em sua condição infantil, representa a atualidade do racismo ainda presente nas relações sociais, ao mesmo tempo em que a espontaneidade da reação à pergunta da mãe, sem cuidar em mascarar seu real posicionamento diante de Irie. Fortemente marcado pelo preconceito, Oscar admite agressivamente seu distanciamento em relação à Irie e todos os que com ela compartilham da condição de descendentes ou imigrantes. Esse fato deixa a mãe envergonhada diante de uma atitude que, mesmo reprovável, não consegue evitar: o desmascaramento por parte do menino, diante da tentativa de mascaramento em busca da manutenção da imagem de mulher esclarecida e de família sociável, intelectualizada e compreensiva.

Ao aproximar-se dos Chalfen, por conta de maior convívio com a exemplar família inglesa, que possivelmente influenciaria Millat e Irie na boa conduta, como pressupõe a diretoria da escola em que estudam, os adolescentes são direcionados aos parâmetros aceitáveis de comportamento inglês, o que se revela é que continua presente a intimidação da família inglesa que inferioriza as etnias exógenas de forma velada e explícita. Ao ser

alvo da inferiorização cultural por parte do menino, Irie se cala e não reage ao insulto agressivo, diante da possibilidade de Joyce em abrandar a atitude do filho, Irie continua sem reação. Posteriormente, Irie continua à mercê de episódios onde o pai Marcus, a mãe Joyce e o filho Oscar, em especial, repetem demonstrações de distanciamento e superioridade ‘branca’ sobre a garota.

No entanto, Irie consegue manter um relacionamento duradouro com a família Chalfen, estendido pela narrativa. Assumindo uma posição calada diante das provocações dos ingleses, por vezes reagindo a Joyce ao se referir à intromissão dela para com Millat, Irie ainda aceita trabalhar com Marcus, de certa forma encanta-se pela ciência e influencia-se pela educação científica, a ponto de escolher seguir a carreira na odontologia por influência do cientista. Os contatos de Irie com os Chalfen, finalmente, mesmo com uma diferenciada objeção a Joyce, continuam sendo amistosos, relegando à Irie uma posição realmente inferiorizada como mulher, atrativo sexual explicitamente admirado por Marcus, e como descendente, nas vozes de Oscar e Joyce.

Da mesma forma que os gêmeos Millat e Magid, Irie Jones mantém um relacionamento mais amistoso e aberto com indivíduos que a cercam de inferiorização por conta de sua cultura. Em choque com a realidade que deve adequar-se no ambiente inglês e com grande curiosidade sobre sua história étnica, muito velada pela própria mãe Clara, Irie finalmente entende, ao lado de Hortense e Joshua, que sua personalidade miscigenada não necessita de escolha entre as raízes jamaicanas e a naturalidade inglesa, uma vez que é composta por ambas, da mesma maneira com que lida com as duas nacionalidades.

Memórias étnicas

A presença dos traços e das memórias culturais constitui um aspecto fortemente perceptível na caracterização das mulheres da família Bowden, primeiramente na figura de Hortense, ao perpetuar em sua casa objetos capazes de resgatar as memórias da terra natal, de modo particular no que diz respeito à Jamaica.

Dentre as Bowden, Hortense é a que mais carrega consigo lembranças da terra natal e faz de sua casa um grande depósito de memórias, ao qual a neta Irie recorre para se

aproximar e entender mais de sua origem, o que a mãe Clara não consegue prover. Interessada em visitar a Jamaica e diante da recusa da mãe Clara em ajudá-la no desvendamento dos ‘segredos’ culturais, Irie encontra na casa de Hortense o necessário para se decidir na visitação à nação de sua ascendência. Mesmo nascida na Inglaterra, ao descobrir que a mãe sempre escondera o fato do uso das próteses dentárias, o que decepciona a garota, que parte para viver com a avó por algum tempo, Irie descobre na casa de Hortense uma grande quantidade de relíquias esclarecedoras a respeito da terra de origem da família de sua mãe e avó:

Aquela casa era uma aventura. Em guarda-louças, gavetas esquecidas e molduras encardidas encontravam-se os segredos guardados havia muito tempo, como se segredos estivessem fora de moda. Ela descobriu fotografias da avó Ambrosia [...] e uma de Charlie “Branquelo” Durham [...] Encontrou instantâneos de Clara vestida com o uniforme escolar, sorrindo como uma demente, o horror genuíno por ter os dentes revelados [...] E, nas manhãs, o que via lá fora não eram vinhais italianos, mas açúcar, açúcar, açúcar e, no terreno vizinho, nada além de tabaco, e imaginou que o aroma da banana-da-terra remetia a algum lugar do passado, a algum lugar quase fictício, porque nunca estivera lá [...] Um xis marca o local, e Irie pôs um xis em cada coisa descoberta, reunindo uma miscelânea de objetos (certidões de nascimento, mapas, relatórios militares, notícias) e guardando-os embaixo do sofá (SMITH, 2003, p. 385-6)

That house was an *adventure*. In cupboards and neglected drawers and in grimy frames were the secrets that had been hoarded for so long, as if secrets were going out of fashion. She found pictures of her great-grandmother Ambrosia [...] and one of Charlie ‘Whitey’ Durham [...] She found photo-booth snaps of Clara in school uniform, grinning maniacally, the true horror of the teeth revealed [...] And in the mornings it wasn’t Italianate vineyards out there any more, it was sugar, sugar, sugar, and the next door was nothing but tobacco and she presumptuously fancied that the smell of plantain sent her back to somewhere, somewhere quite fictional, for she’d never been there [...] X marks the spot, and Irie put an X on everything she found, collecting bits and bobs (birth certificates, maps, army reports, news articles) and storing them under the sofa (SMITH, 2000, p. 399-400) (grifo da autora)

A casa de Hortense finalmente constitui-se numa fonte histórica de informação, buscada pela neta Irie para esclarecer suas curiosidades em relação à etnia de origem da família Bowden. Partindo da própria família na ânsia de que a avó conte-lhe sobre

Ambrosia, ela descobre aos poucos objetos e características na casa que lhe remetem à Jamaica como nação, bem como toda a história de colonização e domínio destruidor. Percebendo que fotografias, dentre outros objetos, têm a força de impactar sua visão sobre o passado das Bowden, Irie nota, em expressões faciais de fotos e detalhes da casa de Hortense, que depois de maiores esclarecimentos sobre a saga das mulheres Bowden e de indícios que a ligam à dominação da Jamaica, que a história particular de sua família tem o poder de unir a moça ao passado histórico da qual, até então, estava distanciada.

Dessa forma, Irie apegase aos resquícios que encontra com a avó e dos quais sempre fora distanciada por conta de Clara, que não alimentava a curiosidade ou sanava as questões que Irie julgava importantes para seu autoconhecimento. Ao revelar seu desejo de viajar à Jamaica, Clara repreende-a, fato este que instiga ainda mais a moça a procurar a avó. Decepcionada por não conhecer o episódio, enquanto resultado do acidente de Clara, que lhe fizera perder os dentes, Irie decide buscar sua história pessoal por conta própria e, como efeito, a história da nação da qual sua avó e mãe migraram revela-se por meio dos objetos que Hortense ainda retém.

Dado que o costume de Hortense em guardar várias lembranças da terra natal com o objetivo de perpetuar as memórias da cultura com objetos, fotografias e itens concretos, Irie sente-se mais próxima de toda a história da qual sempre fora distante e que julga, agora, impregnada nas coisas guardadas pela avó ou que ela somente lhe fazem sentido na casa onde está. Hortense, diferente de Clara, não impede o desejo de Irie em desvendar os mistérios que cercam sua ascendência, oferecendo-lhe os meios pelos quais a garota consiga entender mais sobre sua história pessoal sendo, ao mesmo tempo, guiada à história nacional jamaicana. No entanto, a resistência de Clara em ajudar a filha é o motivo de distanciamento entre mãe e filha e, ao mesmo tempo, a ligação da neta à avó.

Mesmo Clara sendo original da Jamaica, ainda reage contrariamente ao desejo da filha em conhecer a nação da mãe e avó, não oferecendo à Irie respostas que preencham as lacunas da curiosidade da moça. Por outro lado, ela ainda mantém alguns traços jamaicanos dos quais não consegue distanciar-se, como a linguagem que não alcança o inglês padrão ou vestimentas que ainda identificam sua origem étnica, além dos traços físicos esclarecedoramente fortes. Porém, mais intensamente do que a mãe Clara, Irie Jones surpreende pela vontade própria de voltar às raízes que a vinculam, de maneira mais

superficial à Jamaica, por meio do maior contato com a avó e com os pertences ainda guardados por ela. A ligação à ascendência afeta Irie profundamente, como se a maturidade da moça fosse alcançada, a partir do instante em que supriu as necessidades de autoconhecimento, que passavam objetivamente pela curiosidade a respeito da etnia. A partir do contato que Irie promoveu com as raízes étnicas da mãe e avó, depois de distanciar-se da mãe resistente, aproximando-se de Hortense que oferece a fonte de dados e indícios de onde Irie retira as informações e impressões que busca, a configuração da moça torna-se cada vez mais segura e completa como mulher descendente e fruto da ‘miscigenação racial’, que carrega consigo todo um passado particular e histórico.

Depois da trajetória de autoconhecimento que Irie percorre e com a decepcionante relação de entregar-se tanto para Millat, o qual continua a rejeitá-la, como para Magid, que a deseja, mas ela não se interessa, a moça decide voltar-se para as origens culturais e torna-se ainda mais responsável por suas atitudes com relação à vida pessoal:

E são jovens mulheres profissionais entre dezoito e trinta e dois anos de idade as que gostariam de um instantâneo daqui a sete anos de Irie, Joshua e Hortense sentados numa praia do mar do Caribe (porque Irie e Joshua acabaram se tornando amantes; a gente só consegue evitar a sina por pouco tempo), enquanto a filhinha sem pai de Irie escreve cartões-postais carinhosos para o *Mau Tio Millat* e o *Bom Tio Magid* e se sente livre como Pinóquio, um boneco recortado de complicações paternas? (SMITH, 2003, p. 517) (grifo da autora)

And is it young professional women aged eighteen to thirty-two who would like a snapshot seven years hence of Irie, Joshua and Hortense sitting by a Caribbean sea (for Irie and Joshua become lovers in the end; you can only avoid your fate for so long), while Irie’s fatherless little girl writes affectionate postcards to *Bad Uncle Millat* and *Good Uncle Magid* and feels free as Pinocchio, a puppet clipped of paternal strings? (SMITH, 2000, p. 541)

Assim, se Irie sente-se completa e consegue realizar seu intento de ir para a terra natal, tal desejo realiza-se com detalhes importantes no alcance da fase adulta da personagem. Ao assumir a terra natal, satisfazendo-se enquanto descendente, a companhia de Hortense simboliza a força que as raízes exercem sobre o indivíduo, filho de imigrante, uma vez que os contatos e as influências da etnia original são mantidos pelas gerações

anteriores. A avó Hortense, que provê tais contatos, figura de maneira oposta à mãe Clara, evitando a ligação da filha diretamente com a Jamaica, mesmo mantendo alguns costumes cotidianos. A avó torna-se a conexão de Irie às raízes étnicas, com as quais a moça, agora adulta, escolhe estabelecer contato sólido ao ir para a terra natal, marcando um retorno às origens antes desconhecido por ela, pessoalmente, que a completa em sua personalidade étnica e miscigenada, ao levar consigo o parceiro Joshua, representante da Inglaterra, onde nascera.

Se a necessidade de ligar-se à Jamaica constituiria a completude, que satisfaz Irie em sua busca pelos segredos do passado da família Bowden, sua relação com a história da Jamaica se estreita como consequência da junção com as gerações familiares anteriores. Irie agora, de volta à terra natal, se completa como mãe independente do pai de sua filha, juntamente com a avó que a une às origens étnicas importantes para sua autodescoberta, e com um companheiro que representa a Inglaterra, país em que Irie nasceu, marcando a miscigenação intrínseca a sua personalidade. Mais fortemente representativa das várias influências étnicas de cada um, a filha de Irie, sem pai biológico definido, simboliza com ainda mais força a miscigenação entre muçulmanos e jamaicanos, minorias populacionais ainda vinculadas ao ambiente 'branco' do qual Joshua é representante, e continua presente, mesmo fora do ambiente inglês.

Se o conjunto de características que delineiam as personagens diferentes da família Bowden depende do momento ao qual cada uma delas se liga, as relações entre as culturas que influenciam as existências das mulheres, tanto sujeitos diaspóricos quanto descendentes, ou a segunda geração, da mesma forma, serão responsáveis pelos traços característicos de cada uma das personagens, em seu ambiente específico e momento histórico individual.

3.2.2 – Negociações culturais na família Bowden: influências étnicas e contexto inglês

Tendo em vista que a família Bowden é formada de exemplos de gerações de mulheres, três delas, das quais duas são sujeitos diaspóricos, ou seja, migram diretamente da Jamaica para a Inglaterra, onde a terceira, Irie Jones, é nascida, percebe-se que o constante lidar com culturas diferentes afeta diretamente a personalidade dos indivíduos. Pensando nas influências levadas da Jamaica, as lembranças e a perpetuação de alguns costumes trazidos da terra natal, o choque com o contexto inglês gera resultados que passam por resistência a novos modelos e aceitação de novos parâmetros encontrados no local presente.

Se o traço mais característico de Hortense Bowden é a religiosidade fundamentalista que a guia por outros campos da vida social, interessante perceber a que a mesma força a acompanha desde a conversão de sua mãe. O distanciamento da convicção africana também característica da Jamaica, já acontece antes de Hortense nascer, de modo que ela é educada sobre os princípios da religião de conversão da mãe, tornando-a distante das crenças com resquícios africanos, por exemplo, também presente na terra natal.

Mesmo com a forte influência anglicana na religião na Jamaica, os traços de minorias religiosas e outras crenças que não as cristãs estão fortemente presentes na cultura jamaicana, poderiam influenciar, de alguma forma, a conduta de Hortense e Clara, em especial, por se tratarem de sujeitos diaspóricos. Estendendo-se a descendente Irie, ao menos resquícios de convicção africana ou o conhecimento e hábito à presença delas seriam previstos. O que acontece, porém, é o total afastamento das possibilidades de convívio com crenças diferentes das de Hortense convertida às Testemunhas de Jeová. Por conta da influência ‘branca’ na colonização, o caráter monoteísta da religiosidade de Hortense se instaura em lugar das influências variadas que possivelmente fizessem parte do contexto jamaicano. A opção pela crença das Testemunhas é aceita por Hortense desde sempre, por intermédio da conversão da mãe Ambrósia.

O que Hortense adota durante toda a vida, com respeito à fé, é o modelo cristão do monoteísmo e a força completamente dominadora e punitiva de uma entidade superior,

decretando regras fixas a seus discípulos, os quais serão submetidos às duras penas em ocasião de desvio da conduta. Provavelmente, com um baixo grau de instrução, Hortense tem depositado na religião todas as expectativas de condução de suas atitudes, sem buscar caminhos alternativos para satisfação pessoal ou progresso social. Novas formas de pensamento, como os que ofertados por maior contato social com indivíduos diferentes, acabam tolhidas por conta do fundamentalismo religioso, que limita o campo de visão e compreensão das diferenças sociais e individuais, como a recusa do casamento inter-racial.

Hortense não esboça reação em buscar a volta à terra natal sem a interferência de Irie Jones. Curiosamente, depois da neta que busca a terra natal da mãe e da avó para conhecer melhor suas raízes, Hortense aceita voltar à Jamaica da mesma forma com que sempre fora muito mais respeitosa em referência à escolha da neta pelo ateísmo. Ele ainda convive harmoniosamente com o amante inglês da neta, Joshua, revelando seu caráter compreensivo com relação à união inter-racial que criticara com a filha Clara. Notadamente, Hortense altera alguns aspectos de seu comportamento com respeito à filha e ao lidar com a neta, de maneira mais compreensiva. E ainda, por conta da influência de Irie, a avó parece retomar sua relação com a Jamaica, com mais intensidade quando volta ao ambiente nativo em companhia da neta e bisneta.

Ainda em referência à religiosidade fundamentalista, Hortense parece totalmente adaptada ao contexto inglês, uma vez que dele surgira sua influência religiosa ainda na Jamaica. Ou seja, as identificações com a terra natal não se aplicam à estrutura mais profunda do modo de vida, como a abertura à variedade de comportamento da ilha caribenha, apegada aos moldes ocidentais de viver. As formas de lembrar a terra em que imperam sobre as lembranças em fotografias e objetos, lembrando a nação jamaicana, mas não necessariamente reportam à diversidade de influências culturais. Momentos como a refeição com banana-da-terra, quando Irie muda-se para a casa da avó, lembram as influências africanas e os traços físicos das três mulheres de gerações diferentes.

Ao mesmo tempo em que Hortense fecha-se às regras da religião, algumas concessões são feitas em relação à convivência multicultural, bem como ao manter a convivência com Ryan Topps, demonstrando naturalidade ao encarar a divisão da casa com o ex-namorado da filha. No momento em que rejeita o relacionamento de Clara e Archie, Hortense esclarece que julga problemática a união entre indivíduos de ‘raças’ diferentes. O

momento extremo de oposição a tal fato é o abandono da família, por parte de Clara, que deixa a casa da mãe pela recusa dela em aceitar seu casamento com um inglês. No entanto, o que se percebe quanto à visão de convivência entre etnias diferentes é que Hortense passa a aceitar sua própria convivência com Ryan, mesmo que não maritalmente. Vivendo na mesma casa, exercendo o companheirismo característico entre um casal, Hortense e Ryan convivem harmoniosamente, mas sempre esclarecendo que o amparo na religião é o que os guia pela harmonia e companheirismo.

Assim, Hortense traz consigo influências da terra natal, em que se unir a Darcus, com quem teve uma filha, mas que só se aproxima da esposa por conta da vinda dela à Inglaterra em busca do respectivo esposo. Se Hortense já não revela apego no matrimônio e mesmo no campo da sexualidade com seu marido, no intuito de gerar maior satisfação sexual, é completamente esquecido quando se relaciona com Ryan, o qual a acompanha não como amante, ou em um novo casamento, fato este que não seria um problema diante da sociedade inglesa, mas apenas como um companheiro que partilha, com grande profundidade, da visão religiosa reguladora de comportamento.

Se todo o conjunto de regras que a fé de Hortense limita em sua atuação para a satisfação individual, especialmente no que se refere ao matrimônio e à sexualidade, uma irônica forma de abertura para prazer individual é a emoção em andar na motocicleta de Ryan e que, agora, tornou-se um hábito. O símbolo de aventura e rebeldia do jovem Ryan ironicamente transporta a senhora Hortense, a qual revela certo gosto aventureiro com o automóvel, sendo, também, fonte de satisfação pessoal para ela, ao quebrar parâmetros habituais de passividade dos indivíduos mais maduros, especialmente em se tratando de membros da Testemunha de Jeová, dos quais espera-se um comportamento mais limitado em relação às aventuras. Em mais um momento, percebe-se, portanto, que a conduta de Hortense adapta-se ao molde ocidental de individualidade, mesmo disfarçado pela rigidez da religião, o que não a impede de usufruir de momentos de contentamento, marcando mais um momento de abertura correspondente à convivência entre diversidades étnicas que antes era mais restrita, no passado, com a filha Clara, e no momento presente é mais compreensiva, na vida da própria Hortense e, por extensão, com relação à neta Irie.

Em muitas relações com o contexto caribenho não são reveladas nenhuma estrutura profunda do comportamento de Hortense, bem como as influências africanas se limitam à

aparência física dela e de suas descendentes. Todavia, um grande apego à nação caribenha é característico da personagem e o sonho de voltar à terra natal é revelado em Hortense como Samad revelara sua vontade de visitar Bangladesh:

[...] E você, Irie Ambrosia, é testemunha do que vou dizer: eu vou estar lá. E vou estar na *Jamaica* pra ver. Vou pra minha pátria no ano do nosso Senhor. E você pode ir pra lá também se me escutar e aprender comigo. Quer ir pra Jamaica no ano 2000?

Irie deixou sair um gritinho e correu para dar um outro abraço na avó

Hortense enxugou as lágrimas com o avental.

- Senhor Jesus Cristo, eu vivo neste século! Bem e de verdade eu vivo neste século terrível com todos os problemas e aborrecimentos. E graças ao Senhor, Deus, vou sentir o tremor nos dois extremos (SMITH, 2003, p. 396)

Now, Irie Ambrosia, witness me as I say it: I'm gwan be dere. An' I'm gwan to be in *Jamaica* to see it. I'm going home that year of our Lord. An'you can come dere too if you learn from me and listen. You wan come Jamaica in de year two thousand?

Irie let out a little scream and rushed to give her grandmother another hug.

Hortense wiped her tears with her apron. 'Lord Jesus, I live dis century! Well and truly I live dis terrible century wid all its troubles and vexations. And tanks to you, Lord, I'm gwan a feel a rumble at both ends (SMITH, 2000, p.411)

O desejo da volta à terra natal acompanha Hortense que parece adaptada ao contexto inglês para o qual se muda, sem esquecer-se da nação onde nasceu. Mesmo profundamente ligada à religião e completando o sonho de esperar o dia do juízo com sua presença na Jamaica, Hortense revela o apego étnico que carrega consigo enquanto sujeito diaspórico. O choro da personagem não se estabelece somente sobre a fé ou a distância da terra natal, mas parece surgir do encontro das emoções mais intensas da senhora Bowden, a qual, longe de uma nação sofrida, dominada e explorada, continua em seus pensamentos de modo tão intrínseco, que retoma a existência da nação original em condição de igualdade com a importância da fé para si. Além da complementação de um aspecto com outro, Hortense emociona-se ainda mais com a presença da neta, uma extensão de si mesma e de

sua etnia, mesclando sua história pessoal e familiar com a história da Jamaica. O retorno à terra natal, assim, é complementado pelo apego religioso, em ocasião de um evento esperado por ela enquanto crente nos escritos da Bíblia que segue, pela companhia interessada da neta, demonstrando constantemente apego à nação da família Bowden.

O modo de Hortense lidar com o contexto inglês, inserida nele, as memórias da terra natal afastada, passam necessariamente pela religiosidade de conversão que a distancia de influências africanas, a abertura a elementos que a oferecem satisfação pessoal, bem como o apego ao Caribe estão também presentes. Característico dos sujeitos diaspóricos que usualmente guardam consigo lembranças da cultura original para manter mais próximas as raízes jamaicanas, nesse caso, a companhia da neta Irie interessada na história familiar das Bowden acompanha Hortense em sua conduta, que se divide entre características étnicas e aceitação de moldes ingleses. A linguagem é ainda carregada de aspectos que lembram a artificialidade da língua inglesa e os traços linguísticos de indivíduos imigrantes também remetem à condição diaspórica de Hortense, o que se repetirá em Clara.

Em completa oposição à mãe, Clara recusa a conversão que Hortense tenta forçar na filha, abandonando em definitivo a religiosidade. Em busca de maior liberdade individual, Clara passa viver sem a presença da fé, o que, porém, ainda não constitui um fato que lhe traz somente conforto, pois Clara sente o deslocamento e vazio ao afastar-se da religião, até então presente em sua vida, mesmo que como limitadora de suas ações individuais. Ao decidir distanciar-se da crença, Clara conseqüentemente aparta-se dos pais, desligando-se por completo dos parâmetros jamaicanos, ficando deles apenas as lembranças que ainda traz como imigrante.

Ao optar pelo afastamento da família e ao recorrer às opções oferecidas pelo contexto inglês, como maior abertura à conduta individualista quando comparado ao senso comunitário que Clara poderia buscar com o convívio com os pais, o distanciamento em relação aos traços jamaicanos e influências africanas também se enfraquecem, em especial por conta da presença em território 'branco'. A linguagem característica de sujeitos diaspóricos, mais flexível no que diz respeito à estrutura sintática perfeita ou pronúncia clara e padrão, mantém-se com mais características de indivíduo imigrante na versão em

inglês do romance, mas permite que o leitor note que a linguagem ainda remete ambas, Clara e Hortense, à condição de sujeitos diaspóricos.

Mais uma vez distanciando-se da única fonte de ligação com a terra natal, Clara finalmente adota com mais ênfase os modelos de comportamento ingleses. Ao casar-se com Archie, Clara equilibra lembranças do Caribe com a nova forma de vida na Inglaterra. Setores visíveis como a linguagem e vestimentas, além dos característicos traços físicos continuam a fazer parte de Clara, mas a ambivalência característica de sua personagem aparece no contraponto com outros setores, como em relação à vida matrimonial e sexualidade.

Os deslumbrantes aspectos físicos de Clara Bowden permitem-na equilibrar melhor a satisfação individual com a abertura para a sexualidade que, provavelmente poderia usufruir, tanto no contexto inglês como na Jamaica. As liberdades conquistadas pelas mulheres que, no presente, conseguiram aumentar seu grau de independência com respeito a relacionamentos, não fariam de Clara uma vítima de repúdio ou exclusão social, porém tanto o apego à conduta moral que a religião e que Hortense exigem da moça não condizem com a sexualidade aflorada em Clara, a qual usufrui de sua sensualidade, tanto para a própria satisfação, quanto para encantar os homens como Ryan e Archie.

Intensamente por conta do afastamento da família, Clara consegue fazer uso de seus atributos de maneira a se aproximar do comportamento mais livre da Inglaterra, o que não a distancia exatamente dos padrões culturais da Jamaica. Em se tratando de uma jamaicana que migra para o ocidente, Clara passa para a fase adulta mergulhada em um contexto de ampla liberdade sexual, no momento em que começa o relacionamento com Ryan, que a decepciona com sua conversão no instante em que ela inicia seu processo de liberdade, afastando-se da mãe e buscando sua maior liberdade na fase adulta. Ao perceber que será tolhida também por um namorado que muda completamente sua personalidade, afastando-se por completo dos atributos que se interessara, Clara interrompe o convívio com ambos em busca de sua realização libertária.

Ao conhecer Archie, sua decisão muda novamente, baseada também na maior liberdade sexual. A atração de Archie leva Clara a aceitar o matrimônio por conta da nova

vida oferecida a ela, com a liberdade e proteção de um marido maduro, mas sem grandes expectativas relacionadas à intimidade:

Não era um cavaleiro cândido, portanto, Archibald Jones. Nenhum objetivo, nenhuma esperança, nenhuma ambição. Um homem cujos maiores prazeres eram o café da manhã inglês e o faça-você-mesmo. Um homem enfadonho. Um homem *velho*. E no entanto... bondoso. E *bondoso* talvez não significasse muito, *bondoso* talvez não alegrasse a vida, mas era alguma coisa (SMITH, 2003, p. 57) (grifo da autora)

No white knight, then, this Archibald Jones. No aims, no hopes, no ambitions. A man whose greatest pleasures were English breakfast and DIY. A dull man. An *old* man. And yet... good. He was *good* man. And *good* might not amount to much, good might not light up a life, but it is something (SMITH, 2000, p. 48)

Clara, então, opta pela adequação ao casamento que lhe oferece segurança ao invés da paixão que a ligara ao namorado anterior. Ao aceitar um posicionamento de esposa dedicada para um homem igualmente dedicado a ela. Dessa forma, ela afasta de si os prazeres que a libertaram e levaram a uma condição mais adulta e independente. Finalmente, a jovem esposa percebe-se mergulhada em meio ao contexto inglês, na medida em que seu marido é um representante da personalidade dos indivíduos da Inglaterra, o que a aproxima ainda mais das influências ‘brancas’ não muito próximas de sua realidade antes de deixar a mãe. A partir de então, Clara mantém poucas características étnicas, como a aparência física e alguns traços de vestuário. No entanto, sua personalidade parece adequar-se cada vez mais aos moldes com os quais agora tem mais contato, ou seja, o modelo ocidental. A assimilação dos parâmetros ‘brancos’ cria uma ambivalência característica da personagem que vive dois momentos, com contato direto com as duas nações e em fase de transição entre adolescência e vida adulta, contribuindo para moldá-la em sua versão como mulher, esposa e mãe mergulhada e influenciada pela Inglaterra.

Outro fator que demonstra certa gradação entre Hortense e Clara, posteriormente será revisitado em Irie, são os relacionamentos sociais entre indivíduos de etnias diferentes. A resistência de Hortense em conviver e especialmente em aceitar o casamento entre

culturas se dilui na figura de Clara, a qual não mais demonstra rejeição, mas sim acolhe e convive muito bem com ingleses, como o marido, com os muçulmanos, representados pelos Iqbal. Se por conta da história de colonização e domínio da Inglaterra sobre a nação original, Clara poderia sentir e expressar repulsa com relação a interações sociais com ingleses, e mesmo diante da exclusão que sente no ambiente escolar, onde sob o véu da inadequação por se tratar de uma moça muito alta, magra e com dentes grandes, subentende-se o fato de ser ela um sujeito diaspórico, imigrante, exógeno, estranho, a reação de Clara às hostilidades eurocêntricas são de passividade, primeiramente, e depois de adequação. Adequação esta, que a permite desfrutar de maior interação social e mesmo conseguir ser admirada, pelo exotismo, mas admirada em sua beleza agora madura, fazendo parte do contexto como esposa e mãe, quando se assemelha ao ambiente no qual se insere.

Da mesma forma que Clara interage harmoniosamente com o contexto inglês, suas relações com outras culturas que a circundam também são amistosas. No contraponto entre resgatar e manter aspectos que ligam as personagens à cultura original jamaicana, Hortense ainda é mais fiel às tradições, pois tem o desejo de voltar à terra natal, mesmo adaptada à Inglaterra e assumindo algumas posturas caracterizadamente brancas, o que não acontece com Clara, a qual nem mesmo aceita que a filha Irie conheça a Jamaica, como deseja. Então, exatamente em Irie é que se encontra um grande equilíbrio entre as influências jamaicanas familiares e a natureza inglesa de uma descendente nascida na Inglaterra.

A mais formalmente educada dentre as três gerações, mesmo com a mãe Clara, que busca educação formal depois de casada, Irie remete a exata figura da geração hifenizada, agregando em si as características inglesas da nação onde nasceu e os traços da etnia de origem. Vivendo em meio a uma enorme diversidade cultural, tipicamente contemporânea em sua cidade natal, a terceira geração das Bowden não se contenta somente com a convivência com etnias diversas, mas busca o retorno às raízes jamaicanas, com o intuito de compreender a história particular da família e histórica do Caribe, somente se satisfazendo quando consegue conhecer as origens de onde veio, marcando a influência cultural incontestável, sofrida pelo indivíduo que rejeita assimilar-se por completo.

Se a duplicidade de influências é traço característico da segunda geração diaspórica representada por Irie Jones, a mesma também agrega em si alguns traços que a assemelham

à mãe e avó ou distanciam-na delas. Um desses comportamentos diz respeito a não conversão religiosa de Hortense. Mantendo uma postura ateísta ao longo de toda a narrativa, uma vez que nem mesmo o contato com religião Irie tinha em sua rotina, pois a mãe sempre evitara tal influência, embora em companhia da avó, Irie não se abre às crenças da avó. Com um grau de educação formal maior, Irie parece ter mais determinação em função de ser intelectualmente mais educada. Fator esse que promove maior compreensão das diferenças, ao mesmo tempo em que, convivendo com a diversidade étnica desde sempre, consegue habituar-se às pluralidades com maior facilidade.

No entanto, tal habilidade em lidar com pluralidade étnica não impede que Irie sofra conflitos pessoais por conta de sua figura de descendente. Um dos mais profundos aspectos em que esse conflito está presente é a visão da autoimagem de mulher, carregando consigo o estigma da diferença e do não pertencimento aos padrões.

O fato de ser apaixonada por Millat, o qual nunca a correspondeu, leva Irie a perceber-se inadequada aos padrões de beleza ocidentais. Figuras femininas alvas, loiras, altas e magras representantes do padrão de atração física no ocidente não correspondem à beleza de Irie Jones, que retoma traços africanos e até mesmo familiares, como Hortense esclarece. A constituição física mais pesada, indicativa de corpo delineado em formas mais densas e a cor da pele, juntamente com os cabelos cacheados e escuros constituem uma beleza típica e cultural que Irie, por ser rejeitada pelo homem a quem ama, prefere rejeitar e tenta adaptar-se aos padrões simplesmente na intenção de atrair Millat:

De vez em quando, a mãe preocupada a encurralava no vestíbulo antes que escapulisse pela porta, implicava com seu colete esmerado e perguntava: “O que acontece com você? O que, em nome de Deus, está vestindo? Como consegue respirar? Irie, minha querida, você é vistosa, você tem o físico de uma autêntica Bowden... não percebe que é vistosa?”.

Mas Irie não sabia que era vistosa. Havia a Inglaterra, um espelho gigantesco, e havia Irie, sem reflexo. Uma estranha numa terra mais estranha (SMITH, 2003, p. 260)

Occasionally her worried mother cornered at her in the hallway before she slunk out of the door, picked at her elaborate corsetry, asked, ‘What’s up with you? What in the Lord’s name are you wearing? How can you breathe? Irie, my love,

you're fine – you're just built like an honest-to-God Bowden – don't you know you're fine?'

But Irie didn't know she was fine. There was England, a gigantic mirror, and there was Irie, without reflection. A stranger in a stranger land (SMITH, 2000, 266)

O grande exemplo dos aspectos que Irie abandona da própria identidade étnica, identificando-a como membro de uma comunidade, de uma família com história própria e riqueza inferiorizada pelos padrões ocidentais. Na busca por perder peso e alisar o cabelo, o que simbolicamente tem mais força do que o problema com a silhueta, Irie esquece que seus traços lhe conferem a identidade em um grande grupo procurando a aceitação no contexto que a rejeita, especialmente na figura de Millat, que a interessa diretamente. Ao negar suas características físicas, as repreensões da mãe Clara e de outros que defendem os traços étnicos dos quais Irie quer afastar-se afetam a jovem, a qual continua em conflito consigo mesma, até perceber que a maturidade oferece a própria aceitação, antes obscura. Na tentativa de refletir adequadamente os padrões ingleses, Irie faz sofrer seu corpo, reprimido dentro de parâmetros que não são naturalmente seus, por motivos focados em outros, como Millat e a opinião alheia, sofrendo consequências sérias como perder os cabelos por conta de produtos químicos, além de marcar com grande rasura a identidade étnica tão intrínseca a si.

A maturidade, porém, vem mostrar a Irie que o caminho de volta às origens é a maneira encontrada para a aceitação de si mesma, bem como novas possibilidades amorosas. Quando assume os cabelos encaracolados, a presença de Joshua Chalfen, sempre companheiro, mostra como a atração física independe de padrões prerrequisitados. Ao assumir o namoro com o inglês, poucas palavras demonstram um destino otimista para Irie ao encontrar o equilíbrio dos traços que perpetuará da cultura familiar, antes rejeitada e agora aceita e valorizada, bem como a manutenção da ligação com a Inglaterra, representada pelo namorado inglês.

A maturidade que permite a Irie conduzir sua vida, de maneira individualizada dentro de suas particularidades étnicas, votará a se espelhar na relação com a filha e o deslocamento para a Jamaica com Hortense e Joshua. A decisão de abandonar a Inglaterra,

em busca das raízes familiares no Caribe, mostra que Irie continua a balancear suas particularidades jamaicanas e inglesas, e que, finalmente, o retorno às raízes étnicas é essencial para a satisfação pessoal e definição de sua identidade. Mais apegada às memórias que a mãe Clara, a relação de Irie com a Jamaica e com Ambrosia não é somente a de curiosidade, mas também acaba se tornando uma necessidade pessoal de autoconhecimento.

Então, no momento em que Irie deixa o contexto ocidental, abre mão de uma ligação mais profunda com o país onde nasceu, mas o fato de levar Joshua junto, ela se mantém ligada a sua natureza inglesa, perpetuando sua história ocidental. Todavia, Joshua representa uma postura tão libertadora quanto à decisão de Irie Jones, pois não faz da moça uma simples companheira, sem o posicionamento submisso da mesma. Tão importante quanto às particularidades inglesas, Irie retoma na Jamaica as raízes que a levaram até ali, na busca pela identificação que não conseguia apenas como inglesa ou descendente, ao lado da avó, representando outro canal que agora liga Irie às raízes familiares jamaicanas.

Por fim, o apego às memórias étnicas faz-se tão importante para a descendente que firma-se como a maneira de reconhecer-se diante do mundo e para si mesma. Nota-se que as ligações fortes da avó com a terra natal, não se repetiram com a mesma intensidade em Clara, a qual assume mais condutas ocidentais, mas o apego étnico volta na Irie adulta que só se completa, na personalidade, quando contata e vive a Jamaica por si. E que além de manter os canais que a ligam a ambas as suas nacionalidades, Irie leva consigo a filha da qual nunca soube com exatidão quem é o pai, simbolizando a miscigenação incontestável de ‘raças’ com o passar do tempo.

3.2.3 – Conclusões sobre a família Bowden

Tendo em vista as características que delineiam a presença das mulheres Bowden na Inglaterra, bem como os momentos pelos quais cada geração passa no contexto racial branco, percebe-se que o profundo reflexo de uma história de dominação na Jamaica ainda

se espelha na atual conjuntura da Inglaterra multicultural. Se os resquícios do comportamento colonizador do contexto hegemônico que inferioriza etnias exógenas ainda são mantidos, por vezes de maneira mais velada, como afirma Gilroy (2001), o preconceito continua a afetar as relações sociais, mesmo que de modo menos explícito.

Gilroy (2001) ainda busca contribuir para a maior independência e valorização dos sujeitos diaspóricos, com base no olhar valorativo de igualdade das culturas que também compõe o cenário social eurocêntrico e que são injustamente marcadas sob o estigma da diferenciação e desvalorização comparadas à cultura local ‘branca’. Diante da segregação valorativa entre etnias presentes em um mesmo espaço, Gilroy (2001) adianta a necessidade de tornar o ‘negro’ agente diante do eurocentrismo que impede sua posição mais ativa e independente. A isso se complementa o comportamento integracionista das culturas dos ‘negros britânicos’ que poderiam, ainda, manter traços étnicos em si, diante de um ambiente no qual se encontram inseridos no momento.

Em relação às mulheres Bowden, percebe-se que a postura de Hortense é mais submissa, de certa maneira, por conta da manutenção da religiosidade resultante da instrução que a mãe Ambrosia recebera ainda na Jamaica. Mesmo sentindo a falta da terra natal, com profunda vontade de voltar um dia à Jamaica, em um momento especial e esperado por muitos anos, Hortense submete-se à religião de maneira fundamentalista que a reporta à instrução colonial recebida pela mãe no passado. A perpetuação da instrução, posteriormente a migração para a Inglaterra, a distancia de seus traços étnicos jamaicanos dos quais ela revela ser ainda ligada, pois volta ao Caribe.

Quanto à segunda geração, Clara Bowden consegue representar os primeiros passos em direção a maior autonomia e liberdade religiosa que embasam a liberdade em outros campos da vida social. Ao afastar-se da mãe e do namorado, rejeitando as amarras às quais estava submetida, Clara adianta o posicionamento mais independente e ativo de uma descendente, que tira proveito do olhar objetificador dos ‘brancos’ sobre sua sensualidade exótica para alcançar a estabilidade do casamento que buscava, ainda que de maneira inconsciente. Distanciando-se definitivamente da família jamaicana e da religiosidade, porém, Clara opta por ligar-se em um relacionamento com Archie. Este fato a torna ambivalente, sob essa perspectiva, ou seja, ela afasta-se de uma limitação religiosa reportada à colonização, unindo-se a um indivíduo que, da mesma forma, reporta à

colonização por ser ele integrante de uma nação que ocupou a posição dominadora da nação dela.

No entanto, Clara consegue um patamar mais independente no que diz respeito ao relacionamento de si mesma com o contexto ‘branco’, ao usufruir da estabilidade que o marido oferece, buscando a educação formal após o nascimento da filha. Além de procurar mais independência, enquanto mulher, em meio a um contexto patriarcal, as relações com indivíduos de outras culturas levam Clara a conseguir maior identificação com o ambiente que, por um lado, mantém posturas preconceituosas com imigrantes e, por outro viés, oferece maior liberdade de conduta individual que a permite desencadear ações de elevação de seu patamar enquanto sujeito feminino e diaspórico.

Ao conseguir adaptar-se melhor ao contexto inglês, mesmo sofrendo com comportamentos segregadores que a inferiorizam, Clara instaura uma ambivalência característica de um sujeito fragmentado que ainda é alvo de ações preconceituosas, mas que também consegue usufruir de alguns aspectos do meio. Essa capacidade de maior identificação é perceptível em uma representante da geração diaspórica em oposição à mãe, é mais jovem e mais impulsiva, mais aberta a influências sociais, mesmo sendo elas tanto negativas quanto positivas. A maior capacidade de identificação como indivíduo integrante do ambiente em que está, lembra o pensamento de Hall (2000) ao afirmar que a identidade varia de acordo com a maneira como o indivíduo é interpelado e reconhecido, tornando-a passível de ser conseguida ou perdida. Durante esse trajeto, mesmo afastando alguns aspectos de sua etnia, Clara consegue manter sua figura de indivíduo exógeno, lembrando sempre sua descendência de forma inegável, mesmo que em seus aspectos físicos.

Se a construção da identidade passa necessariamente pelo espelhamento social do indivíduo, Fanon (apud Bhabha, 1998) já antecipava a participação que a imagem resulta de um construto, ou seja, que a imagem do sujeito diaspórico é definida, também, a partir dos outros indivíduos, podendo vir a se fragmentar pela inserção em um contexto que não o original.

A construção da imagem, a partir do outro, demonstra o início do conflito da terceira mulher da família Bowden, a hifenizada Irie Bowden-Jones. Ao se perceber inadaptada ao ambiente inglês, por conta de não pertencer aos padrões de beleza física

ditados na Inglaterra, os desafios de Irie ficam entre sua constituição física e o desejo de pertencimento. Nascida já na Inglaterra, Irie carrega não apenas a descendência como fator excludente, mas também a inadequação aos parâmetros de beleza física dominante.

Partindo-se do isolamento social que Irie Jones sofre, sua maturidade feminina e étnica é alcançada de uma terceira forma como reação à inospitalidade e inadequação ao contexto hegemônico. Com um grau de instrução formal maior do que a mãe e a avó, Irie repete o passo de Clara, fazendo com que as condições de objetificação do meio tornem-se seu impulso para extrair dele vantagens, tais como: buscar suas raízes étnicas com o objetivo de completar sua identidade de segunda geração diaspórica. O contato com outros que não aceitam a assimilação que Irie almeja, tentando aproximar-se dos padrões que almeja para encantar Millat, desperta na moça a necessidade de não somente assumir, mas também valorizar sua própria identidade característica, o que leva a buscar suas origens étnicas como complemento para sua curiosa satisfação pessoal.

Na condição de filha de um inglês com uma jamaicana, Irie é consciente de sua miscigenação e reforça sua hibridização ao escolher a avó e o namorado Joshua, ao final de um enredo trilhado por entre variadas misturas e convivências ‘inter-raciais’. Não somente representando a aceitação das misturas étnicas que compõe sua identidade pessoal, Irie estende uma ideia contrária à pureza de raças com a filha. Ao escolher pela não identificação do pai biológico, a filha de Irie simboliza a mistura máxima de culturas, com a presença do inglês Joshua ao seu lado. Da mesma maneira que a miscigenação cultural é representada ao fim do enredo, a posição da mulher sujeito, independente e mais distante da força patriarcal é exemplificada por uma mãe, agora Irie, que se decide pelo afastamento de amores insatisfatórios, optando pelo companheirismo de Joshua sem obrigações oficiais.

O tom otimista da narrativa acaba conferido com o desfecho de Irie Jones e sua capacidade de negociar as culturas componentes de sua identidade, bem como o símbolo de miscigenação ‘racial’ estendido à sua filha. Em uma geração mais aberta à variedade e que, no ambiente em questão, convive mais harmoniosamente com a pluralidade, mesmo em choque com comportamentos ainda preconceituosos, ser capaz de identificar como necessário, o reconhecimento valorativo das muitas culturas e perceber como inegável a participação delas em graus e indivíduos distintos, além da influência social na construção

da identidade e a reação a comportamentos eurocêntricos e patriarcais, tornando-se o aspecto primordial da saga das mulheres Bowden.

3.3- A família Chalfen, da Inglaterra

No meio dos imigrantes caribenhos e bangladeshianos que convivem em um ambiente marcado pela hostilidade, a família Chalfen destaca-se como símbolo de toda a herança do período imperial, mantenedora do patamar de superioridade construída por conta da dominação das colônias. Ao se relacionarem com os imigrantes das famílias Iqbal e Bowden, os Chalfens conseguem manter relações amigáveis que se distanciam, entretanto, das condições de igualdade no que se refere à valorização étnica entre imigrantes e ingleses.

O contato inicial na narrativa acontece no ambiente escolar, onde a segunda geração das famílias diaspóricas convive com alunos ingleses em um contexto multiétnico, basicamente constituído por adolescentes. Joshua Chalfen interessa-se por Irie Bowden-Jones, mesmo percebendo a paixão dela pelo rebelde Millat, o que aproxima os três por conta do desvio de conduta dentro da escola. Sob o incentivo educacional que leva Millat e Irie a estudarem na casa dos Chalfens, o contato com a família inglesa se intensifica e aprofunda.

A mãe Joyce instantaneamente revela o efeito que os aspectos físicos de Millat, baseados no exotismo da figura de jovem rebelde e imigrante, exercem sobre os ‘brancos’, enquanto o pai Marcus Chalfen revela o olhar de objetificação à Irie. Joshua, incomodado com a atenção dos pais, é o que mais consegue manter um relacionamento igualitário com os colegas, mesmo com o explícito ciúmes que tem de Millat.

Com as influências dos Chalfens, Irie passa a se interessar mais pela educação formal, ao sentir o ambiente que promove as atividades escolares, ao mesmo tempo em que revelam os resultados de independência que, possivelmente podem ser alcançados por meio da educação. Millat, ao contrário dela, continua afastando-se da própria família e

usufruindo explicitamente da atenção oferecida pelos Chalfens, sem respeitar ou agradecer a ajuda dos ingleses por conta da sensação de distanciamento que percebe com a superioridade ‘branca’. Maior afastamento acontece com relação a Joshua, que passa a reagir à conduta da própria família. Enquanto o pai Marcus preocupa-se com o sucesso do grande experimento do Camundongo do Futuro e a mãe Joyce busca resolver problemas sociais e de identidade do descendente bangladeshiano à revelia da própria mãe Alsana, Joshua sente-se abandonado, inclusive sem que Irie corresponda à sua paixão, pois a moça começa a trabalhar para Marcus, secretariando sua pesquisa. Por conta de tal abandono, Joshua percebe a chance de demonstrar sua insatisfação diante dos pais, ligando-se a um grupo de rebeldes que lutam pelos direitos dos animais. Ao mesmo tempo, Millat também se afasta dos Chalfen tornando-se fundamentalista, desejando da mesma maneira atacar Marcus por conta da manipulação científica projetada em sua pesquisa. Irie, entretanto, deixa os pais e decide morar com a avó, mas não interrompe relações com Marcus, a quem continua a auxiliar. Por fim, ao engravidar de um dos irmãos bangladeshianos e decidir ir para o Caribe, Joshua acompanha Irie e acaba se tornando uma influência à filha da amada.

O percurso da família Chalfen em si acaba, por ser traçado de maneira mais superficial, quando comparado às famílias dos imigrantes. A focalização nos sujeitos diaspóricos faz com que a presença dos ‘brancos’ aconteça, de certa forma, em função das outras famílias, mas representando de modo característico o posicionamento eurocêntrico que, na contemporaneidade, acaba por parecer mais velado, mas de preconceito presente em relação a outras culturas.

3.3.1- A identidade cultural e as tensões da família Chalfen

A caracterização cultural da família Chalfen, ‘branca’ e contemporânea inserida em um espaço que, marcado pela variedade étnica com imigrantes e descendentes de antigas colônias inglesas, configura não somente a situação particular de um núcleo familiar, mas, por extensão, retrata a caracterização do contexto que agrega a variedade étnica sob um

discurso acolhedor que, em profundidade, demonstra valores de base conflitantes com a postura declarada em atitudes sociais.

Sexualidade e vida matrimonial

A visão acerca do casamento e da sexualidade que os Chalfens manifestam em seus comportamentos se distancia da conduta tanto dos Iqbal quanto das Bowden, revelando a afinidade declarada entre marido e mulher, Joyce e Marcus Chalfen. A atração física e o contato são mantidos depois de anos de casamento e quatro filhos, ilustrando a afinidade entre o casal:

- Sou um escravo dessa mulher – disse, agarrando-a na cintura, como um jogador recolhendo as fichas em círculo com os braços. – Mas, se eu não fosse, ela fugiria com qualquer rapaz bonito que entrasse de repente aqui em casa. Eu não gostaria de ser vítima do darwinismo essa semana.

Esse abraço, tão explícito quanto um abraço pode ser, foi dado de frente, aparentemente para que Millat o apreciasse. Os enormes olhos azul-leitosos de Joyce não desgrudavam dele (SMITH, 2003, p. 310)

‘I’m a slave to this woman,’ he said, grabbing her around the waist, like a gambler collecting his chips in circled arms. ‘But if I wasn’t, she might run off with any pretty young man rolled into the house. I don’t fancy falling victim to Darwinism this week.’

This hug, explicit as a hug can be, was directed front-ways-on, seemingly for the appreciation of Millat. Joyce’s big milky-blue eyes were on him all the time (SMITH, 2000, p. 318)

O contato físico mantido entre o marido e a esposa indica tanto a afinidade mantida com base na sexualidade, bem como um relacionamento pautado no ciúmes de Marcus. A demonstração do interesse que Joyce pode despertar, não apenas no esposo, mas em outro homem, talvez mais jovem, revela que a esposa ainda exerce atração física não somente no marido, mas também em outros homens, uma vez que é dotada de atributos capazes de atraí-los. Ao revelar a dedicação à mulher e o ciúmes que ela ainda provoca, Marcus

explicita que a esposa atraente é bela e está nos parâmetros que interessam outros homens, ao contrário do descaso que outros maridos como Samad e, posteriormente Archie, por fim demonstram com as próprias esposas.

Se Marcus Chalfen consegue demonstrar o amor e a atração que sente pela esposa, sentimentos tais que perduram desde quando Joyce o conquistara, chegando ao casamento, ao mesmo tempo é claro que a sexualidade é um fator determinante do relacionamento estável e contribui para a confiança entre o casal. Os constantes elogios que Marcus explicita para Joyce, o ciúmes declarado, sem limitações e objetificação da mulher admirada por ele em outros atributos, como o fomento à educação formal e laços familiares com quatro filhos resultantes de uma vida sexual ativa entre o casal, configuram a harmonia cultivada pelo casal inglês, fortalecendo laços íntimos que não se rompem com o passar do tempo, tampouco com a admiração demonstrada por outros aspectos físicos como o exotismo de Millat e Irie.

Da mesma forma que Marcus revela seu apego à esposa, Joyce mostra que a vida matrimonial harmoniosa é talvez sua maior conquista, ao afirmar que “Quinze anos depois, Joyce ainda desafiava qualquer um, a lhe apontar um casamento mais feliz que o dela” (SMITH, 2003, p. 305). O sucesso profissional e intelectual que o marido obtivera e a ambição por tornar-se um nome reconhecido mundialmente, sustentam o interesse de Joyce pela estabilidade que lhe é garantida, como esposa e como mãe. A admiração e a harmonia que se estabelecem entre o casal, então, geram a felicidade entre os Chalfens que Joyce, em especial, declara como incomum, especial, superior. Principalmente diante da visão de vida matrimonial que os Chalfens revelam em relação aos adolescentes e suas famílias, compartilhando o mesmo sucesso no próprio núcleo familiar.

Se a sexualidade entre o casal é saudável a ponto de não apenas ser declarada entre marido e mulher, mas também diante dos filhos, o efeito sobre Joshua, o filho mais velho, é que a naturalidade de uma relação sexual saudável, pode estruturar a vida familiar como mais um fator de harmonia entre casal e família. Constantes demonstrações de afeto entre os pais e abertura para a discussão de assuntos que, para o adolescente, torna-se constrangedor diante dos amigos, reforçam os laços entre os Chalfens de maneira diferente, da forma encarada nas famílias dos Iqbal e dos Jones. A abertura ao convívio com outras culturas acontece em relação à família Chalfen, pois os laços entre si são fortes, enquanto

casal, mais do que com o filho mais velho Joshua, que posteriormente afasta-se dos pais para seguir com Irie.

Diante das iniciais recusas de Irie em responder à atração de Joshua, o jovem acaba atraindo-se pela beleza e engajamento da amiga Joely. Defronte de uma bela jovem, Joshua liga-se com mais intensidade aos rebeldes que se opõe às pesquisas de Marcus, mas Joshua une-se ao grupo pela satisfação da proximidade com outra moça que o atrai. Finalmente cedendo à primeira paixão, o relacionamento de Irie e Joshua não necessita ser oficial ou com filhos, estruturando a sexualidade e a visão de matrimônio em Joshua de maneira libertária, distante da objetificação feminina e sem intuito de abuso e subjugação que anteriormente as ascendentes de Irie sofreram. Tendo visto, ao longo do relacionamento amoroso dos pais, uma relação saudável entre o casal, Joshua demonstra um afeto genuíno e admirador por Irie, sem a necessidade do status e reconhecimento do sucesso familiar que os pais declaravam publicamente.

Herança genética, raça, cultura

Necessariamente ligado à descendência garantida pelos filhos, a carga genética tem um fator primordial na visão da família Chalfen que muito destaca características hereditárias diferentes. Tanto em relação às características julgadas positivas como com os traços negativos de um indivíduo, a carga genética é vista como definidora de comportamento, tanto quanto a influência histórica e cultural parecem fazer parte do molde da personalidade humana.

No conceito da família Chalfen, o encontro entre os genes, do pai Marcus e da mãe Joyce, resultou em quatro filhos belos e intelectualmente acima da média. Mais enfaticamente, a mãe explicita as qualidades agregadas nos filhos de um casal, em que os traços positivos conseguiram se encontrar, complementando as qualidades nos filhos:

Para um Chalfen, verdade era verdade. E Gênio era gênio. *Marcus criava seres.* E Joyce era sua mulher, diligente na criação de versões menores de Marcus [...] Joshua era um aluno brilhante em matemática, Benjamin queria ser geneticista como o pai, a paixão de Jack era a psiquiatria e Oscar era capaz de dar o xeque-

mate ao rei do pai em quinze lances [...] Eram crianças não só inteligentes como também felizes, cujo desenvolvimento de modo algum fora imposto (SMITH, 2003, p. 304-5)

Truth was truth to a Chalfen. And Genius was a genius. *Marcus created beings.* And Joyce was his wife, industrious in creating smaller versions of Marcus [...] Joshua was a star maths pupil, Benjamin wanted to be a geneticist just like his father, Jack's passion was psychiatry, and Oscar could checkmate his father's king in fifteen moves [...] And not only were they bright children, they were happy, not hot-housed in any way (SMITH, 2000, p. 312-3)

A quase perfeição dos filhos Chalfen atribuída à herança genética, ou seja, às qualidades advindas dos pais, ambos estudiosos de sucesso e que lidam com a combinação genética, não poderia ser diferente em se tratando de representantes da 'raça branca' e seu patamar de elevação sobre as culturas exógenas que os rodeiam. Ao reforçar os traços qualitativos dos filhos, Joyce e Marcus, por extensão, reiteram a superioridade dos ingleses brancos com a manutenção dos traços distintivos dos próprios filhos, os perpetuadores da britanicidade que se destacam não apenas entre o contexto inglês, mas especialmente diante das diferentes etnias que os cercam na convivência social. Fato este revelado com as declarações que os pais Chalfen esforçam-se em reiterar, ao longo de todo o tempo em que o contato com os Iqbal e as Bowden relembra a diferença étnica entre eles baseada em valores pessoais.

Ao declarar o pré-julgamento das visões de culturas como a bangladeshiana e caribenha em relação à educação e harmonia familiar, bem como monogamia e genealogia, os Chalfens demonstram como sua concepção de raça delimita qualidades sociais e culturais como as destacadas nos filhos. Todavia, mesmo diante de reações durante a narrativa como a crítica ao tédio da supervalorização dos Chalfen, uma postura interessante é admitida por Joyce, especialmente. Em sua condição de cientista botânica e ao estudar a polinização de plantas, a inglesa declara que a mestiçagem étnica resulta em dados interessantes:

O fato é que a polinização por cruzamento produz uma prole mais variada e capacitada para enfrentar um ambiente alterado. Diz-se que a polinização por cruzamento tende também a produzir mais sementes e de melhor qualidade. Se meu filhinho de um ano de idade puder servir de exemplo (uma polinização por cruzamento entre uma feminista horticultura católica não-praticante e um intelectual judeu!) então decerto dou testemunho da verdade disso (SMITH, 2003, p. 302)

The fact is, cross-pollination produces more varied offspring that are better able to cope with a changed environment. It is said that cross-pollinating plants also tend to produce more and better-quality seeds. If my one-year-old son is anything to go by (a cross-pollination between a lapsed-Catholic horticulturalist feminist, and an intellectual Jew!) then I can certainly vouch for the truth of this (SMITH, 2000, p. 309-10)

Sempre reforçando os aspectos particulares de uma família exemplar, Joyce revela sua abertura ao pensamento de mistura genética como positiva para a evolução das espécies. Mesmo na comparação com vegetais, a certeza de mistura ‘racial’ partindo do princípio que as ‘raças’ humanas necessariamente são todas mestiças, portanto, passíveis de evolução, é tida como um princípio positivo da mestiçagem. O filho mais novo é o exato retrato de tal evolução, que mesmo Joyce admite como benéfica. E a mistura se repetirá em outros filhos e suas convivências com os descendentes Millat e Irie, que nunca foi repudiado pelos Chalfens, mesmo com as constantes demonstrações de inferiorização cultural ao serem comparados aos ingleses.

Ao aceitar o fato da evolução das espécies com base na mistura genética, bem como a mistura entre seres humanos, que levam a uma inevitável evolução humana propagada pelas relações sociais, os Chalfen impressionam pela contradição de ainda perpetuarem a relação entre etnias de maneira desigual, desvalorizando, em especial, as culturas exógenas, ao mesmo tempo em que se encantam pelo exotismo delas. Ao declarar a atração sexual que os traços de Irie e Millat têm o poder de exercer sobre eles, compreendendo a viabilidade de relações entre si, os Chalfens, ao mesmo tempo, na tentativa de burlar o preconceito velando suas concepções sob um discurso de convivialidade, revelam posturas relacionadas à variedade étnica que perpetuam a hegemonia ‘branca’ sobre a diferença de cultura, talvez de maneira mais intensa do que baseado em traços biológicos ‘raciais’. Sobremaneira, a constante inferiorização da condição exógena não se limita à convivência

entre os indivíduos, pois as duras críticas acabam direcionadas, também, às relações sociais culturais de cada etnia, como o apego religioso muçulmano e a instabilidade matrimonial, aos olhos e no discurso ‘brancos’.

Se a miscigenação entre genes e ‘raças’ é um dos aspectos definidores das características biológicas determinantes até mesmo do comportamento social, para Joshua Chalfen ainda jovem, as pesquisas do pai passam a ser vistas como manipuladoras, o discurso da mãe como veladamente preconceituoso. Percebendo a forma como se distanciam o comportamento real e o discurso de interatividade ‘racial’ dos pais, Joshua acaba distanciando-se da família por conta da hegemonia ‘branca’ que eleva constantemente a condição dos pais ingleses, enquanto tal elevação tem por base a inferiorização das etnias presentes, ao mesmo tempo em que a manipulação científica objetifica em animais na tentativa de afirmação da superioridade intelectual humana, especialmente do pai, reconhecida ao custo da exploração injusta de outro ser humano. Tal conduta leva a um novo posicionamento específico da visão dos pais Chalfen.

Pensamento científico

A intelectualidade e a formação educacional tornam-se um viés definidor da caracterização da família Chalfen em todos os seus membros. Sempre dispostos ao apego à intelectualidade, o modo com que os estudos formais se apresentam na família inglesa passando necessariamente pela ciência. Diante de um pai geneticista e uma mãe botânica, não somente o conhecimento científico importa, mas a manipulação e os resultados a serem obtidos por meio do conhecimento capacitam os Chalfens a definirem novos parâmetros importantes para o reconhecimento de seu sucesso.

Distantes de religiosidade ou mesmo de trato social, a caracterização dos Chalfen com base na ciência parece suprir outros campos da vida pessoal e social, na medida em que é responsável pelo sucesso dos membros da família, destacando-se entre outros indivíduos pela habilidade de pensamento sistematizado sobre os campos específicos de estudo. A forma estanque de pensar o mundo cientificamente, então, por vezes distancia os Chalfens de uma realidade social ou das diferentes abordagens humanas com relação ao mundo em que se inserem:

[...] processos pelos quais Marcus manipulava ovos, regulava a expressão excessiva ou insuficiente de um gene, implantando instruções e imperativos na linhagem germinante a serem percebidos nas características físicas. Criava camundongos cujos corpos faziam exatamente o que Marcus lhe mandava fazer. E sempre tendo em mente a humanidade – uma cura para o câncer, para a paralisia cerebral infantil, para o mal de Parkinson -, sempre com a firme crença na *perfectibilidade* de toda a forma viva, na possibilidade de torná-la mais eficiente, mais lógica (pois para Marcus doença nada mais era do que a má lógica por parte do genoma, assim como o capitalismo nada mais era do que a má lógica por parte do animal social), mais eficaz, mais *chalfenista* no modo em que se seguia adiante. Ele manifestava desprezo tanto pelos maníacos defensores dos direitos dos animais [...] quanto por hippies, por pessoas que se instalavam em árvores para impedir que elas fossem derrubadas ou por qualquer um que não entendesse o simples fato de que a evolução social e a científica eram irmãs de armas. Era o jeito de ser dos Chalfen, transmitido de pais para filhos ao longo de gerações; eles tinham uma inabilidade congênita de ter ou não paciência com pessoas enfadonhas (SMITH, 2003, p. 304)

[...] all processes by which Marcus manipulated ova, regulated the over or under expression of a gene, planting instructions and imperatives in the germ line to be realized in physical characteristics. Creating mice whose very bodies did exactly what Marcus told them. And always with humanity in mind – a cure for cancer, cerebral palsy, Parkinson’s – always with the firm belief in the *perfectibility* of all life, in the possibility of making it more efficient, more logical (for illness was, to Marcus, nothing more than bad logic on the part of the genome, just as capitalism was nothing more than bad logic on the part of the social animal), more effective, more *Chalfenist* in the way it proceeded. He expressed contempt equally towards the animal-rights maniacs [...] or the hippies or the tree people or anyone who failed to grasp the simple fact that social and scientific progress were brothers-in-arms. It was the Chalfen way, handed down the family for generations; they had a congenital inability to suffer fools gladly or otherwise (SMITH, 2000, p. 312)

Se para os Chalfen a evolução científica comanda mesmo os relacionamentos sociais, percebe-se o afastamento da família em si dos indivíduos que não compactuam com o pensamento objetivo da ciência. No entanto, não somente o fato de buscar a manipulação genética com fins específicos, determinados pelo cientista, é o foco de Marcus. Intranquila pensar em seus objetivos somente como benefícios sinceros à humanidade, pois se a hegemonia ‘branca’ ainda está presente no discurso e em posicionamentos do cientista, perante as etnias exógenas que se relacionam com sua família, o preconceito velado diante dos descendentes Irie e Millat pode levar a refletir sobre o desejo de realização dos desígnios de um pesquisador, em sua busca pelo controle dos

comportamentos humanos, por meio do poder que seu trabalho lhe oferece, dentro de seus limites.

Ainda, a incapacidade de convivência e entendimento dos indivíduos, que lutam contra comportamentos como os de Marcus, sofrem com a intolerância dele e da esposa, que não aceitam os pontos-de-vista e as realidades diferentes das suas. Assim, a recusa na percepção os protestos de indivíduos que não aceitam as pesquisas de Marcus levam à lembrança da tolerância dos Chalfen diante das famílias Iqbal e Bowden. Tolerância esta que leva à convivência com as diferentes etnias, interação com elas, mas ainda não pressupõe a valorização e tratamento igualitário com relação às mesmas. Mesmo por conta da instrução aos jovens, na tentativa de moldar-lhes o comportamento e prover bons exemplos, dos quais são privados em suas próprias famílias, pelo olhar dos ingleses.

Todavia, a rebeldia de Joshua, ao distanciar-se do apego familiar, buscando mais igualdade entre indivíduos de culturas diferentes e posicionamentos sociais alternativos, é um fato resultante da insatisfação do jovem. Ao perceber que o controle almejado por meio da ciência, de Marcus, e o comportamento da mãe, Joyce, em relação à Irie e Millat, levam o filho mais velho a afastar-se do desconforto sentido por conviver com a postura eurocêntrica da família. Procurando atacar a realidade fortemente mantida por Marcus, bem como atingido pelo descaso da mãe, Joshua encontra o acolhimento de um grupo rebelde, a beleza encantadora de uma garota que participa do grupo, enquanto força para rejeitar a condição de superioridade inglesa da família.

Assim, ao assumir um posicionamento contrário aos Chalfens, Joshua consegue libertar-se das amarras que o influenciariam se tornar mais um inglês incompreensivo aos reais valores de outras visões e culturas. Distanciando-se, também, do pensamento científico que guia o comportamento da família, Joshua consegue criar laços sociais mais firmes, primeiramente junto ao próprio grupo e posteriormente junto a Irie, a qual reconhece seu esforço pautado na valorização humana não encontrada nos pais de Joshua. Com laços sociais mais firmes, o jovem consegue alcançar uma posição mais libertária e que o satisfaz distante da família e dos parâmetros alimentado por eles, o que o leva a uma relação mais saudável e verdadeira com a variedade de posturas, diante da sociedade e entre culturas diferentes das suas, marcando novamente a capacidade da segunda geração em conviver e reconhecer, de maneira mais aberta, a pluralidade de culturas. Diferente do

irmão mais novo, Oscar, que revela os posicionamentos reais de Joyce e Marcus, por extensão, a hostilidade do contexto hegemônico ‘branco’ diante da variedade, Joshua consegue provar que é possível, a convivência e relacionamento valorativo da diferença em se tratando da segunda geração.

Convivência multicultural

O fato de culturas não-inglesas estarem presentes na realidade da família Chalfen, não impede que tais indivíduos recebam um tratamento diferente daquele concedido aos reais membros da família. Acolher Irie e Millat, os representantes das culturas exógenas, pressupõe um tratamento igualitário idealizado pela escola, que os dirige a um ‘bom exemplo’ de estrutura e ambiente familiar. A receptividade dos Chalfens, ainda, a princípio, difere do que é revelado por detrás do discurso acolhedor, do início ou até mesmo explicitado ao longo da interação entre todos.

Ao partir de uma posição da qual Marcus e Joyce pretendem receber os amigos de Joshua para orientação educacional, percebe-se que a instrução formal é lembrada na contemporaneidade assim como a colonização argumentava ser a mesma um dos motivos para a dominação dos colonizados. As declarações, como as de Hortense Bowden sobre o subterfúgio de usar a educação, enquanto uma forma de controle de indivíduos (SMITH, 2003, p. 395) mostram como o exemplo que os Chalfens oferecem aos jovens descendentes de muçulmano e caribenha volta-se para o eurocentrismo que inferioriza Irie e Millat.

O olhar para a incapacidade intelectual dos imigrantes, ao menos quando comparada às habilidades da família Chalfen, não se limita às culturas exógenas. Por conta do julgamento da superioridade familiar, os Chalfens afastaram-se até mesmo de amigos ingleses. Porém, no que diz respeito às etnias que momentaneamente convivem em sua casa, por intermédio de Joshua, a inferiorização cultural é ainda mais aparente:

- Muito bem – disse Joyce [...] - vocês todos vão estudar juntos! Quero dizer, você e Irie são muito bem-vindos. Eu disse para o diretor da escola, ou melhor, o Marcus disse, que não há necessidade alguma de isso parecer um castigo [...] e

o diretor da escola nos explicou que o ambiente doméstico em que vocês vivem não é propriamente... bem... tenho certeza de que, para vocês, será mais fácil estudar aqui [...] é tão óbvio que vocês dois são brilhantes... qualquer um percebe isso, só de olhar nos olhos de vocês [...]

- O diretor da escola sabe o quanto eu detesto ver um potencial desperdiçado... por isso mandou vocês pra *nós*.

- E porque ele sabe que todos os Chalfen são mil vezes mais inteligentes que ele! – disse Jack, saltando como uma celebridade no palco [...] Até o Oscar é! [...]

- O Oscar tem um QI de cento e setenta e oito – sussurrou Joyce. – É um tanto assustador, mesmo para mim, que sou mãe dele (SMITH, 2003, p. 314-5)

‘So,’ said Joyce [...] ‘you’re all going to be studying together! Well, you and Irie are really welcome. I was saying to your headmaster, wasn’t I, Marcus, that this really shouldn’t feel like punishment [...] and your headmaster explained to us how your own home environment aren’t exactly... well... I’m sure you’ll find it easier to work here [...] it’s so obvious that you’re both bright – anyone can tell that just by looking at your eyes [...]

‘Your headmaster knows how much I hate to see potential wasted – that’s why he sent you to *us*.’

‘And because he knows most of the Chalfens are four hundred times smarter than him!’ said Jack, doing a star jump [...] Even Oscar is.’

‘Oscar’s got an IQ of 178,’ whispered Joyce. ‘It’s a bit daunting, even when you’re his mum.’ (SMITH, 2000, p. 323)

O primeiro instante, quando os pais Chalfen parecem receber de maneira sincera e amigável os descendentes que se envolveram em problemas na escola, junto a Joshua pode ser claramente descrito como um momento de interação igualitária entre os envolvidos. A compreensão relacionada à atitude dos jovens é intensificada pela promoção dos estudos, fato este interrompido surpreendentemente pela incompleta crítica de Joyce ao ambiente familiar exógeno de onde se originam Millat e Irie. Ao interromper o pensamento e buscar o foco na vantagem do próprio lar, Joyce revela de modo velado o que o filho Jack virá, mais adiante, explicitar.

Procurando reiterar seu cuidado e a iminente ajuda que oferece aos descendentes, que julga sem estímulo para desenvolver a intelectualidade nata, Joyce tem seu discurso superficial contrariado pela real postura da superioridade intelectual dos Chalfen, diante de

todos os outros indivíduos, superioridade esta, que os permite assumir uma posição de instruir e controlar, por meio da vantagem intelectual, os imigrantes em sua inferioridade. Finalmente, ao comentar a capacidade do filho mais novo, percebe-se o velar do verdadeiro posicionamento da família inglesa diante dos visitantes, ou seja, ao assumir que o filho mais jovem é assustadoramente inteligente, de acordo com dados científicos, Joyce explicita que sua família realmente ocupa um lugar de destaque e muito acima da condição dos outros, neste caso, dos problemáticos amigos do filho, que não é comparado aos descendentes por conta de sua congênita inteligência.

Outra forma de comprovar a superioridade velada da inteligência dos Chalfen com o subterfúgio da ajuda em estimular a educação é a postura de Marcus com relação à Irie. A admiração de Irie por seus traços físicos exóticos é um detalhe agregado ao convite de Marcus para que a jovem trabalhe para ele, organizando seu escritório. Todavia, a disposição em ajudar a moça, por parte de Marcus, leva ao interesse dela nos estudos e em seu progresso intelectual, acabando por aproximar o inglês e a descendente:

-Vai subir? [...] Estou com as fotos que você queria ver.

Irie sorriu para Marcus em agradecimento. Parecia que era Marcus quem a notava. Era Marcus quem a ajudara naqueles quatro meses em que seu cérebro mudara de algo pastoso para algo sólido e definido [...] Ela considerava um grande sacrifício por parte de um homem ocupado, mas, mais recentemente, perguntava a si mesma se não haveria nisso algum divertimento. Como, talvez, observar um cego tatear os contornos de um novo objeto. Ou um rato de laboratório descobrir um labirinto. De qualquer forma, em troca da atenção dele, Irie começara a ter um interesse, no início estratégico, depois autêntico, no Camundongo do Futuro (SMITH, 2003, p. 325-6)

‘Are you coming upstairs?’ asked Marcus [...] ‘I’ve got those pictures you wanted to see.’

Irie gave Marcus a thankful smile. It was Marcus who seemed to keep an eye out for her. It was Marcus who had helped her these four months as her brain changed from something mushy to something defined [...] She had thought of this as a great sacrifice on the part of a busy man, but more recently she wondered if there was not some enjoyment in it. Like watching a blind man feeling out the contours of a new object, maybe. Or a laboratory rat making sense of a maze. Either way, in exchange for his attention, Irie had begun to take an interest, first strategic and now genuine, in his Future Mouse (SMITH, 2000, p. 335)

Ao perceber que o cientista estimula o interesse pela intelectualidade de Irie, uma relação mais estreita se firma entre ambos. Enquanto ele tem a chance de guiar a moça à educação formal, despertando ainda mais o interesse dela por meio da genealogia da família Chalfen, ao mesmo tempo ele alimenta seu próprio ego de promover alguém menos instruído, confirmando o seu intelecto superior como mentor. Entretanto, Irie não aceita essa posição de modo cego, pois reflete e não explicita a sensação de que a relação entre elas passa pela observação do comportamento da moça como uma experiência científica. Irie sente-se manipulada por Marcus, situação esta que remete ao controle colonizador do passado. No entanto, sua reação diante de Marcus surpreende, pois a moça busca vantagem para si, dissimulando sua condição, em princípio. Depois de uma inicial reação vantajosa, Irie começa a realmente se adaptar e interessar pelas pesquisas de Marcus, transformando-se no interesse inicial de corresponder e tirar certo proveito da atenção que o cientista lhe concedia.

Percebe-se, assim, que a desigualdade intelectual sentida pela descendente não é imaginada, mas sim tem certa base na história hegemônica que subjugou outras etnias, deixando suas marcas até o presente. Diante de lembranças de domínio eurocêntrico, intelectual, neste caso, a reação da descendente é adaptar-se e procurar vantagens por meio do disfarce, da submissão dissimulada que posteriormente se torna interesse verdadeiro. Porém, a submissão cega e a incapacidade de percepção da superioridade ‘branca’ imposta são atacadas pela observação silenciosa da moça.

Não apenas o tratamento conferido à Irie simboliza o juízo de valor que os Chalfens fazem dos indivíduos de culturas diferentes da inglesa. Joyce, ao citar os resultados de uma experiência que realizara em uma escola (SMITH, 2003, p. 316), critica a cultura jamaicana refletida no descaso de um pai com o filho, que retratou a maneira como fazia ideia do cuidado com crianças. Ao citar tal episódio, com tal carga de preconceito, lembrando-o e relacionando-o à cultura de um povo em geral e não como um caso específico, Joyce não somente demonstra sua predisposição em inferiorizar outra cultura, mas ainda assume um lugar elevado, enfatizando as qualidades da cultura ‘branca’ inglesa,

tanto no cuidado da família quanto dos mais civilizados socialmente se comparados aos jamaicanos.

As relações familiares e a história das etnias exógenas também são alvo de ataque de Marcus, o qual não reconhece o valor das diferenças, limitando-se a declarar um estanque juízo de valor em relação a elas que degradam sua condição diferente da inglesa, pois em se tratando dos descendentes e de suas ascendências:

[...] Todos nós viemos de muito tempo atrás. Só que os Chalfens sempre anotaram as coisas [...] Isso ajuda, se a gente quer ser lembrado.

- Acho que a minha família está mais para a tradição oral – retrucou Irie, encolhendo os ombros. – Mas, cara, sobre isso você tem de perguntar para o Millat. Ele é descendente de...

- Um grande revolucionário. Ouvi dizer. Se eu fosse você, não levaria essa história muito a sério. Naquela família, é uma porção de verdade para três porções de ficção, imagino (SMITH, 2003, p. 329)

[...] We all go back as far as each other. It's just that the Chalfens have always written things down,' [...] 'It helps if you want to be remembered.'

'I guess my family is more of an oral tradition,' said Irie with a shrug. 'But, man, you should ask Millat about his. He's the descendant of –

'A great revolutionary. So I've heard. I wouldn't take any of that seriously, if I were you. One part truth to three parts fiction in that family, I fancy' (SMITH, 2000, p. 339)

As críticas do pai Chalfen relacionadas à origem e história familiar dos Iqbal não apenas se referem a uma família específica. Não acreditar na honra e importância da origem dos Iqbal como família história muçulmana é apenas uma parte do pensamento inferiorizador, revelado por Marcus em seu discurso eurocêntrico embasado na história da própria família. O empenho em desmistificar Mangal Pande, revolucionário antepassado de Millat, também é uma forma de esfacelar o valor pessoal do jovem, tanto de sua família, mas também de sua etnia.

Destacando, também, a credibilidade da linguagem escrita, Marcus recorre ao registro oficial dos fatos como comprovação de sua veracidade. Se a tradição oral, quando não mantida pela cultura e pelo povo, perde-se pelo tempo, o registro escrito, valorizado por ele como comprovação superior, uma vez que exige a habilidade da escrita, parece mais valorativo se comparado à tradição oral e às versões dos Iqbal, que o cientista parece buscar manter como de mais crédito do que linguagem da tradição oral, falada e desvalorizada pelo comentário incrédulo do cientista.

Além da insistência em desvalorizar a etnia e as especificidades culturais dos indivíduos exógenos como os Iqbal, constituindo-se numa característica dos Chalfen constantemente reiterar sua superioridade, com base na origem étnica da ‘raça branca’ como um fator de distanciamento dos imigrantes e descendentes:

Desejava o caráter inglês. O caráter chalfenês. A *pureza* dele. A ela não ocorreu que os Chalfen também eram, de certo modo, imigrantes (terceira geração, via Alemanha e Polônia, nascidos com nome Chalfenovsky) ou que necessitassem dela tanto quanto ela deles. Para Irie, os Chalfen eram mais ingleses do que os ingleses. Quando pôs os pés na casa dos Chalfen, Irie [...] Atravessava fronteiras, entrando furtivamente na Inglaterra; parecia um ato terrível amotinado, usando o uniforme ou a pele de outra pessoa (SMITH, 2003, p. 319)

She wanted their Englishness. Their Chalfishness. The *purity* of it. It didn't occur to her that the Chalfens were, after a fashion, immigrants too (third generation, by way of Germany and Poland, née Chalfenovsky), or that they might be as needy of her as she was of them. To Irie, the Chalfens were more English than the English. When Irie stepped over the threshold of the Chalfen house [...] She was crossing borders, sneaking into England; it felt like some terribly mutinous act, wearing somebody else's uniform or somebody else's skin (SMITH, 2000, p. 328)

O caráter inglês e a pureza dos Chalfren, visualizados por, indiscutivelmente construídos pela superioridade reiterada da ‘raça branca’, exerce o efeito que o eurocentrismo objetivava em detrimento de um posicionamento inferiorizado das etnias exógenas, consideradas ‘miscigenadas’. Pela visão de Irie, a ‘pureza dos Chalfren e, conseqüentemente, dos ingleses ‘brancos’ representados por eles se pauta na não-mistura de ‘raças’, garantindo a superioridade ‘branca’ pura. Tal fato é, ao mesmo tempo, desmistificado pelo narrador que revela a descendência alemã e polonesa dos Chalfren,

demonstrando que a respectiva pureza étnica é, de fato, uma construção do discurso de posicionamento elevado.

O desejo pela ‘pureza’ conseqüentemente pela adaptação da jovem ao ambiente, fazendo negar seu caráter híbrido que só será aceito mais adiante, quando Irie amadurece e percebe que a ‘pureza racial’, é um construto. E a superioridade dos Chalfens, a qual se pautava na exata inferioridade dela, enquanto descendente, torna-se posteriormente o mito que Irie consegue desvendar, tornando-a sujeito enquanto a posição dos Chalfens que reiteram sua posição de superioridade social com relação aos exógenos.

Esses episódios fazem com que a conduta dos pais Chalfen diante das etnias diaspóricas, dividindo espaço social na Inglaterra contemporânea não consigam atingir um patamar igualitário no que se refere à participação social e valorização cultural da mesma forma que a cultura do contexto, ou seja, a margem social de onde os indivíduos diaspóricos surgem continua sendo o espaço mais ocupado por eles, embora ainda sejam marcados como inferiores intelectualmente e em sua participação histórica. Posicionamento este, alterado pela segunda geração dos Chalfen em seu filho mais velho, Joshua.

Demonstrando maior capacidade de reconhecer a variedade cultural que o rodeia e ainda perceber o valor e a força de cada uma delas, revelados com os comportamentos de Joshua diante de Millat e Iriebem como seu afastamento da própria família, retratando com mais ênfase a capacidade de negociar seus aspectos ingleses com as influências étnicas exógenas com as quais convive.

3.3.2 – Negociações culturais da família Chalfen

Sendo a convivência entre os ingleses Chalfen marcada pela presença dos sujeitos diaspóricos de segunda geração dos Iqbal e das Bowden, a troca de experiências e posicionamento diante da sociedade é inevitável. Percebe-se, todavia, que a aceitação das influências culturais exógenas não é uma realidade para os Chalfens, os quais resistem em

relação às interferências em si tanto quanto com a valorização das características de cada cultura em si.

Se com respeito ao pai Marcus, os parâmetros de comportamento não são alterados por conta do contato com outras culturas, a negociação cultural limita-se à convivialidade superficial. Isso requer do cientista que a condição inferior dos descendentes e de suas famílias continue sendo alvo das críticas e de tratamento que mantenham a diversidade étnica em um patamar inferior, como destacar os traços físicos sexualizados de Irie e Millat, sem promover a intelectualidade ou quaisquer outras habilidades que não sejam reportadas à objetificação dos descendentes por conta do exotismo.

Com Irie trabalhando para si, Marcus aumenta o convívio com a descendente, no entanto não consegue desenvolver a valorização da cultura da moça diante da hegemonia de sua condição inglesa. Sem interessar-se por história e realidade diferentes, Marcus Chalfen convive com a ajuda mecânica da caribenha, vendo-a como uma provável relação do filho, por conta de seus atrativos físicos, mas não acredita em seu potencial intelectual. Por conta disso, instruir Irie torna-se uma ação vantajosa, por conta do trabalho mecânico da moça em organizar a pesquisa do pai Chalfen, enquanto o contato com um ambiente que promove os estudos torna-se uma maneira de o inglês manter seu posicionamento superior de modelo a ser seguido.

Além do ideal de formação científica que Marcus representa por ser admirado por Irie, o controle sobre a moça como a um experimento passa da ação científica para resultados de comportamento social. A partir de impressões da própria Irie, percebe-se que o controle de Marcus em relação ao procedimento dela não é somente intelectual, mas estuda, ainda, suas respostas sociais aos estímulos produzidos pelo mesmo, relacionados à educação formal da jovem. Portanto, em uma situação onde Irie recebe os estímulos desenvolvedores de sua instrução, percebendo seu patamar inferiorizado, enquanto Marcus promove o fomento ao interesse nos estudos, a troca de experiências e negociações culturais ficando estanques, partindo do ponto em que nenhum dos personagens acrescenta ou reconhece novos valores ou conduta no outro. Em especial para Marcus, a busca é exatamente manter e fortificar a posição mais elevada em referência à pupila, a qual continua num contexto ínfimo, enquanto mulher e descendente de uma cultura exógena.

A esposa Joyce Chalfen, da mesma forma que o marido, também acaba por sustentar um discurso no qual sua posição parece promover a interação social, mas que na realidade, é desmascarado em sua base real de preconceito velado. Com mais ênfase do que o marido, Joyce constantemente esforça-se por disfarçar sua posição superior diante dos jovens imigrantes e suas famílias, entretanto está em constante contradição por enfatizar mais declaradamente a necessidade em instruir e influenciar o comportamento de Millat, em especial.

Sem desenvolver um verdadeiro reconhecimento da diversidade cultural com a qual está lidando, Joyce não retém para si nenhum tipo de fato a respeito da variedade de outras culturas quando comparadas à inglesa. Buscando adentrar prontamente na vida do jovem Millat, Joyce assume a mesma posição de seu marido, a de superioridade e controle sobre o descendente, querendo sempre ter as rédeas sobre seu comportamento. Até o limite de buscar na família Iqbal uma intromissão diretamente com os pais do jovem, excedendo os limites da inconveniência sob o pretexto de ajudar com os problemas familiares.

Uma reflexão sobre as declarações de Joyce, em relação ao comportamento de famílias de outras culturas, deixa clara a posição da inglesa de inferiorizar e não reconhecer as diferentes abordagens de cada etnia, bem como as concepções de cada família correlacionadas aos filhos. Se Joyce não se importa em perceber a maneira como cada família lida com o contexto no qual estão inseridos, se a herança histórica não pesa no olhar de uma inglesa, diante da interação social de descendentes no país eurocêntrico, o reconhecimento das diferenças parece limitado para que negociações e real abertura multiétnica aconteçam.

Diferente dos resultados dos pais com as relações entre culturas, Joshua Chalfen notadamente revela um comportamento mais integracionista. No sentido de perceber o modo de agir de cada etnia, reconhecer as diferenças de conduta que talvez existam por conta de uma conjuntura histórica e familiar diferente da sua, Joshua entra em conflito e consegue absorver as divergências que, ao contrário da posição dos pais, ele sofria como mais fraco.

Diante da paixão por Irie, Joshua não consegue, nos primeiros contatos com a moça, despertar seu interesse por ele. Mesmo declarando-se, Irie parece manter a barreira que a paixão por Millat a impede de perceber Joshua:

- Gosto do que fez com o cabelo.

- Está gozando da minha cara?

- Não, eu gosto de garota com cabelo curto. Gosto dessa coisa andrógina. Sério.

- Qual é o problema, hein?

- Nenhum. O mais vago conhecimento da teoria básica freudiana sugeriria que quem tem problema é você. Por que toda essa agressividade? (SMITH, 2003, p. 290)

‘I like what you’ve done with your hair.’

‘Are you taking the piss?’

‘No, I like short hair on girls. I like that androgyny thing.’

‘What is your fucking problem?’

Joshua shrugged. ‘Nothing. The vaguest acquaintance with basic Freudian theory would suggest you are the one with the problem. Where does all that aggression come from? (SMITH, 2000, p. 297-8)

Se Joshua demonstra interesse genuíno em Irie enquanto mulher, distante de objetificá-la por conta de sua natureza exótica, mas sim destacar-lhe o que lhe atrai na moça, a interação entre as etnias inglesa e caribenha estrutura-se sobre o valor e a beleza real da descendente. Sem o intuito de dominar ou mostrar-se superior a Irie, Joshua defende-se da reação de descrédito de Irie, por meio da instrução educacional da qual se utiliza para se defender, mas não para inferiorizar a moça, mas sim convencê-la da sinceridade de sua abordagem.

Com o passar do tempo e a rotina dos encontros entre Irie e Joshua, a admiração e interesse dele são cada vez mais declarados. Seu sentimento em relação à moça, mesmo revelado, não é correspondido por ela, somente enfim quando vão para a Jamaica juntos.

Em oposição à conduta dos pais, Joshua revela verdadeiro encanto por Irie em sua condição de descendente, atraindo-se por sua beleza exótica não de modo a dominá-la ou instruí-la, mas sim para realmente ficar ao seu lado por conta de seus encantos.

Ainda em relação ao reconhecimento do valor de outra cultura, Joshua aprende com Millat a importância da força de outra etnia, mesmo quando tal força o atinge em vez de despertar-lhe o interesse. Para Joshua, Millat figura um adversário forte por conta de sua rebeldia, poder de persuasão e atração com mulheres. Ao contrário do jovem inglês, o jovem muçulmano torna-se um obstáculo com Irie e na própria casa, onde desperta o interesse da mãe Joyce em detrimento da atenção ao próprio filho:

Sentia-se enfurecido. Porque Joshua não tinha contado com o poder de atratividade de Millat. Com suas qualidades magnéticas. Percebia que Irie ainda estava, no fundo, presa a ele como clipe e que mesmo a mãe parecia às vezes se concentrar apenas em Millat; toda a energia dela, que antes se voltava para a jardinagem, para os filhos, o marido aerodinamizada e atraída por esse único objeto, tal como limalha de ferro (SMITH, 2003, p. 322)

He felt pissed off. For Joshua had not bargained on the power of Millat's attractiveness. His magnet-like qualities. He saw that Irie was still, deep down, stuck on him like a paperclip and even his own mother seemed sometimes to take Millat as her only focus; all her energy for the gardening, her children, her husband, streamlined and drawn to this object like so many iron filings (SMITH, 2000, p. 331)

Aspectos ligados à interação entre as culturas, no que diz respeito a Millat e Joshua, acabam acontecendo de maneira diferente da qual este lida com Irie. Por conta da força de Millat, o qual consegue usufruir grandemente de seu exotismo e conquistar pessoas que lhe interessam, de alguma forma, Joshua fica absolutamente sem forças diante do adversário. Sem os atrativos físicos do jovem rebelde, o inglês revolta-se com a própria família que sustenta o poder de Millat, principalmente por meio da mãe Joyce. Todavia, o principal alvo familiar da revolta de Joshua acaba sendo o pai cientista e seu experimento.

Dessa forma, Joshua abandona a apatia inglesa que não lhe permite reagir aos descontentamentos causados pela desatenção familiar. Mas não abandona sua paixão por Irie, a qual continua tenta conquistar-lhe. Mas Joshua parece seguir o exemplo rebelde de Millat, traçando os caminhos da revolta diante da hipocrisia que ele mesmo declara sobre os pais, de um discurso diferente de suas reais atitudes. Joshua aprende que a ‘agressividade’ que não realizava enquanto ligado à família, lhe traria resultados não obtidos enquanto focado na educação e desenvolvendo seu intelecto, junto à família.

Depois de afastar-se dos pais, de modo mais independente e negando as características dissimuladas aprendidas com o contexto inglês, Joshua aprende com Millat uma força diferente. A de abrir-se a desafios e rebelar-se diante de circunstâncias desagradáveis. A partir do conflituoso aprendizado obtido por conta da interação com a cultura diferente da sua, Joshua atinge um patamar mais independente e fortalece sua identidade de jovem de segunda geração inserido em um contexto multicultural.

3.3.3 - Conclusões sobre a família Chalfen

Na trajetória da família Chalfen baseada nas relações sociais juntamente aos descendentes Millat e Irie e extensivas as suas famílias, percebe-se o retrato do multiculturalismo pelo olhar dos ingleses. Os representantes da ‘raça branca’, ao receberem os imigrantes em seu país, demonstram que o comportamento diante da diferença étnica não está de acordo com o discurso multicultural pregador da ideal valorização e reconhecimento de diferenças de cada cultura presente no ambiente.

O comportamento constante da família inglesa, visando à manutenção das famílias muçulmana e caribenha em patamares inferiores, tanto intelectual quanto social, ilustra as afirmações de Said (1990) de que a simples tolerância em relação à existência de outras culturas não necessariamente pressupõe a condição igualitária entre elas. Por outro lado, instaura, mais fortemente, a preeminência tolerante à presença da diferença por conta da superioridade em suportar os outros. Assim, os Chalfens perpetuam sua elevação diante

dos indivíduos diaspóricos, primeiramente por conta da transigência à presença deles, e posteriormente pelo caráter de tentativa de controle e instrução dos descendentes, reportando ao domínio colonial de outrora.

Se as tentativas de convivência entre as etnias em questão não conseguem alcançar o caráter igualitário e idealizado pelo viés integracionista, uma vez que o reconhecimento das diferenças culturais não é uma força perpetuadora das relações sociais entre elas, é perceptível que a realidade multicultural em *White Teeth* (2000) ilustra o caráter separatista inerente a si, de acordo com visões como as de Schlesinger citado por Stratton e Ang (1994). Com as desigualdades mantidas pelos Chalfens diante dos sujeitos diaspóricos de primeira e segunda gerações, o caráter distanciador das etnias que convivem entre si é comprovado, mesmo em oposição ao discurso igualitário do contexto multicultural, provando que a realidade integracionista não é uma máxima com relação a ele.

No entanto, se alguns aspectos que evidenciam a possibilidade de reconhecimento da pluralidade enquanto real influenciadora e de força suficiente para alterar comportamentos identitários, tal fato é percebido em Joshua Chalfen. O jovem consegue reconhecer, desde os primeiros contatos, bem como declarar sua postura valorativa diante das diferenças étnicas percebidas em Irie e até mesmo em Millat. Convivendo com eles, Joshua se alimenta de outros pontos-de-vista, que ampliam sua capacidade de perceber a realidade a partir de um prisma diferente do seu próprio, familiar.

Por meio da sincera paixão por Irie ou mesmo pela rivalidade com Millat, Joshua demonstra e comprova a força e a caracterização de outras culturas, certificando seus valores diferentes dos da cultura inglesa, mas que exercem efeito sobre ele como a postura integracionista lembrada em Sen (2006). Sem a possibilidade de escapar das influências que a diversidade étnica exerce sobre os indivíduos, ao mesmo tempo em que o espaço central é também ocupado pela variedade, Joshua ilustra uma geração inglesa contemporânea, mais aberta e vulnerável às influências diaspóricas, atestando o caráter otimista do romance que busca revelar e promover a pluralidade étnica, marcada pela herança histórica de dominação que, ainda no presente sente o preconceito em um ambiente hostil.

CAPÍTULO IV

RESULTADOS E CONCLUSÃO

4.1 – Um olhar sobre a trajetória percorrida

O Multiculturalismo pensado enquanto uma proposta de interação social a partir do estudo de um romance inglês, que inegavelmente o toma por um assunto essencial, importa não se perder o foco sobre o caráter de política social que embasa a convivência social de etnias variadas em um mesmo contexto que, por vezes, consegue manter relações amistosas com indivíduos de características étnicas diferentes. Problematicamente, no entanto, não somente as relações amistosas são um fato, bem como toda uma gama de conflitos em variados graus espelham a incompatibilidade de indivíduos entre si e com o ambiente hostil.

O percurso do presente trabalho buscou a identificação dos princípios da política social multicultural, bem como sua aplicação em exemplos ao redor do mundo. Tendo em vista países ocidentais considerados multiculturais, por conta da intensa presença de imigrantes e descendentes em sua população, como Austrália, França, Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, o olhar sobre o discurso do multiculturalismo e sua real existência são os objetivos norteadores à análise do retrato literário de uma política contemporânea de interação social e sua discrepância com a realidade vivida pelos indivíduos destes contextos.

Tomando-se o exemplo retratado por *White Teeth* (2000), um romance inglês, o estudo desenvolvido parte da apresentação da contemporaneidade que inspira a discussão social da pluralidade cultural. Acreditando que o simples fato dessa diversidade cultural não ser responsável pela aceitação e valorização das diferentes etnias, percebe-se que reviver heranças coloniais é tanto um fato quanto um reflexo da desigualdade que ainda assola a convivência de culturas diferentes em um mesmo país hegemônico. No entanto, o

otimismo, inicialmente permeava interpretações de uma narrativa celebrado da convivialidade entre indivíduos de etnias diferentes, passa a assumir um foco de denúncia das desigualdades entre as culturas, que mantém padrões de dominação quando comparadas às inferiorizadas em um momento histórico de eurocentrismo ainda mais declarado e violento.

Pensando na relação dialética que se instaura entre a presença individual e o contexto social refletindo sobre os efeitos de um sobre o outro, ou seja, a forma como o comportamento individual pode caracterizar o espaço ao mesmo tempo em que o ambiente consegue influenciar posicionamentos individuais, a identidade individual e cultural foi também um dos focos do segundo capítulo. Assim, se a cultura exógena é estranha ao contexto na qual está inserida, o contexto tal que eurocentricamente figura a superioridade diante dos imigrantes, as reações conflituosas, muitas vezes profundamente violentas, que rejeitam a inferioridade declarada tornam-se comuns.

Por outro lado, possíveis negociações levam os indivíduos a reagirem diferenciadamente às hostilidades hegemônicas, como fecharem comunidades em espaços restritos, com o mínimo de interação social, ou agregarem-se às normas ditadas pelo contexto ao qual passaram a fazer parte, afastando-se por completo das próprias origens. Em um balanço mais equilibrado dentre tais possibilidades, há a maneira de conviver sem o completo apego aos parâmetros sociais vigentes, enquanto traços essenciais da cultura original são mantidos, a exemplo da perpetuação da etnia, que agrega valor social através das diferenças reconhecidas devido à igual participação social.

Se os sujeitos diaspóricos finalmente têm certa configuração de comportamento, que é determinada pela presença em um ambiente hegemônico, da mesma forma sua presença acarreta efeitos nos indivíduos ‘brancos’ originais do contexto eurocêntrico. Não apenas insuflando a inferioridade exógena diante da hegemonia ‘branca’, a convivialidade entre diferentes culturas promove mais tolerância da pluralidade, diminuindo o preconceito entre ‘raças’ diferentes a partir do contato social.

A importância desses aspectos para o estudo das relações entre indivíduos culturalmente diferentes, busca certificar em sua convivência inevitável e profundamente característica nos países que recebem a diversidade cultural já como um traço social. O

modo como os respectivos aspectos são lidados num romance, faz-se primordial na contemporaneidade sob o viés dos estudos culturais que renovam olhares sobre temas e posicionamentos antes velados pela superioridade ‘branca’. Mesmo a posição que o próprio romance assume é passível de alteração, em especial quando eventos históricos de grande impacto forçam o olhar sobre uma obra e a faz ser relida com outros prismas, o que pode ser exemplificado com *White Teeth* (2000), depois dos atentados terroristas de onze de setembro de 2001.

4.2 – Resultados da pesquisa

Partindo para a obra em si, alguns aspectos relevantes em cada personagem, de cada família, ilustram a forma como Smith, descendente de caribenhos, inserido em um ambiente multicultural por excelência, constrói uma narrativa baseando-se nas visões das relações sociais, de maneira brilhante e premiada em seu primeiro romance.

Considerado um dos mais densos personagens de *White Teeth* (2000), o bangladeshiano Samad Iqbal apresenta um comportamento profundamente conflitante e a identidade fragmentada, típica de um indivíduo que não consegue atingir um grau satisfatório de negociação entre a sua cultura original e a hegemonia ‘branca’ na Inglaterra. Ao mesmo tempo em que Samad é o responsável pela opção da família Iqbal em viver na Inglaterra, a negação reiterada das características da sociedade inglesa e o ataque constante ao modo de viver dos ocidentais entram em choque com o que Samad usufrui do contexto, ou seja, as benesses sociais, embora em um nível de vida humilde, mas distante dos problemas da terra natal, da liberdade em se relacionar com uma mulher, mesmo sofrendo com seu próprio desvio de conduta.

Portanto, em Samad se observa um *grau baixíssimo de negociação* em relação às culturas que se chocam, muçulmana e ocidental. Durante o trajeto em que genuinamente liga-se ao inglês Archie por meio de uma amizade sincera e duradoura, posto existir um segredo entre si, na busca por perpetuar traços originais, o pai Iqbal percebe sua impotência

diante da realidade ocidental, além do enfraquecimento de sua própria identidade, cada vez mais rasurada. Sofre novamente ao perceber o completo fracasso de sua atitude extrema em enviar Magid, o filho mais velho, à Bengala, surtindo efeito contrário ao esperado, arruinando seus objetivos de recuperar valores e condutas de sua etnia e religião.

Ao tentar não alterar sua própria conduta, Samad esforça-se por manter sua família de acordo com os preceitos da religião islâmica, mas percebe-se impedido pela força da realidade que o rodeia. Acaba levando a cabo um relacionamento extraconjugal que profundamente o incomoda, mas cede aos próprios desejos, aproximando-se da conduta libertária ocidental que tanto critica. Tal fato o conduz a grande tensão em conseguir balancear as influências externas e seus próprios traços culturais.

Também representativo de grande conflito, o filho Millat ilustra uma segunda geração de sujeitos diaspóricos, que percorre um caminho conturbado em relação às influências sociais distantes da configuração cultural familiar. Primeiramente habituado ao contexto inglês, Millat cresce e se aproxima do fundamentalismo muçulmano deturpador da conduta ideal e pacificadora de sua religião, na tentativa de reagir às influências posteriormente julgadas nocivas à sociedade.

Tendendo a uma maior capacidade de negociação entre as culturas de origem familiar e a do contexto inglês, Millat, nascido na Inglaterra, convive mais próximo do Ocidente até que se torna um jovem adulto. O contato com o grupo fundamentalista islâmico e a necessidade de reagir às constantes hostilidades enquanto descendente o levam ao extremismo que ataca o ‘branco’ racional Marcus e sua pesquisa, simbolizando uma reação violenta não pessoalmente ao cientista, mas sim em oposição à ciência, bem como à manipulação histórica e social buscada pelo ocidente.

Todo o conjunto de atitudes rebeldes de Millat enquanto criança e adolescente, grandemente influenciado pelo comportamento inglês assumido pelo jovem, por completo nos primeiros momentos de sua trajetória, alteram-se a partir da convivência com o grupo extremista. Abandonando seu posicionamento ocidental, Millat *assume profundos parâmetros islâmicos, no entanto de forma deturpada*, incomodando os próprios pais. A instabilidade cultural do jovem, assim, marca sua nova fase, entretanto igualmente extremista e agressiva contra a conjuntura antes assimilada por ele.

Percebe-se, em Millat, a negociação cultural *não-pacífica*, ou seja, *imatura* ao lidar com influências das etnias de maneira extremada e não madura. Millat novamente age com impulsividade e cede aos preceitos islâmicos. Dessa forma, reitera a fragmentação de sua identidade individual. A incapacidade em lidar com as culturas, enquanto parte de sua existência, Millat vive em constante conflito por reagir de forma extrema tanto ao islamismo, no primeiro momento, quanto ao ocidente, mudando os aspectos de sua identidade cultural, mas não encontrando serenidade para lidar com nenhuma de suas influências culturais.

Marcando um dos pólos da grande ironia que permeia a família Iqbal, Millat encontra-se em total oposição ao irmão gêmeo Magid. Desde sempre sereno e resoluto ao assumir a identidade ocidental, Magid, mesmo enviado a Bangladesh com o objetivo de manter a cultura e religião muçulmana herdadas dos pais, volta à Inglaterra, já adulto com a *identidade cultural do ocidente* mais arraigada e representada em si.

Sempre ligado aos traços, comportamentos e posicionamento ocidental basicamente racional, Magid mantém sua convicção em portar-se como inglês, fato imutável mesmo longe do país em que nasceu. Distante de negociar as culturas entre si, Magid assume sempre sua identidade inglesa, não passando por nenhuma mudança em relação a ela. Portanto não negociando, em nenhum momento, equilibrar seus traços étnicos mantidos somente em seus aspectos físicos com as características ocidentais, absolutamente aceitas em si.

Partindo de sua resolução em assimilar a identidade ocidental, Magid não entra em conflito consigo mesmo, ou com os ambientes, inglês ou bangladeshiano, uma vez que resolutamente comporta-se somente como inglês. Sem mudar sua conduta, a racionalidade de Magid o impede de sofrer conflitos em relação à etnia familiar e o posicionamento social hostilizado pelo ambiente que escolhe.

Curiosamente a *única mulher* da família *Iqbal* consegue lidar *menos conflituosamente* com as culturas que influenciam sua identidade. A mãe Alsana, habilmente tem sucesso na negociação de suas características bangladeshianas, ao mesmo tempo em que reconhece as diferenças entre as sociedades que influenciam sua identidade pessoal.

Ao negar a submissão da figura feminina em relação ao patriarcalismo, entendendo que o ambiente ocidental é mais libertário e salutar, Alsana usufrui não somente desta vantagem, mas também das possibilidades de *maior independência*, inclusive financeira, que o ocidente lhe oferece. Altamente propensa a reconhecer as diferenças do contexto inglês, Alsana percebe o fato de seus filhos não ligarem-se tão profundamente à etnia familiar como Samad almeja. Fato este que revela como sua aceitação dos traços ocidentais é mais abrangente do que a do marido.

Por outro lado, Alsana consegue manter laços étnicos adaptados a sua realidade na Inglaterra. Sua identidade pessoal continua ligada à etnia, no entanto não lhe é necessária a afirmação, cega e extrema, de preceitos culturais e religiosos como o marido reitera. Sua forma de lidar com influências culturais distintas passa *pele viés integracionista* onde diferenças são reconhecidas, entendidas e valorizadas, fazendo com que traços étnicos distintos dos parâmetros ingleses estejam presentes ao mesmo tempo em que convivem com um ambiente hostil a eles.

Da mesma maneira com que a família Iqbal trata o assunto cultural, as mulheres da família Bowden lidam com a cultura ocidental juntamente com as influências étnicas caribenhas. De formas distintas, as três gerações demonstram maneiras variadas de equilibrar influências culturais formadoras de suas personalidades.

Hortense Bowden, por conta de seu maior devoção à religiosidade, continua muito *apegada às heranças de sua vida caribenha*, a qual se baseava na religião à qual a mãe fora convertida ainda grávida. Sendo muito avessa aos moldes ingleses de conduta libertária, Hortense continua valorizando a religião de modo fundamentalista, sem aceitar qualquer sinal de incoerência dos preceitos aos quais se submete.

O apego às características culturais espelha-se, ainda, em hábitos rotineiros como linguagem e comida, principalmente nas lembranças guardadas com fotografias e o desejo de retorno à terra natal. Isso lembra o mesmo apego de Samad Iqbal com a foto de Mangal Pande e o envio do filho à Bangladesh. Marcando características em comum dos sujeitos diaspóricos em si, o intenso apego à terra natal e a possibilidade de voltar a ela apresentam alguns aspectos que limitam a abertura dos indivíduos imigrantes as novas possibilidades culturais do ambiente para o qual se deslocam. Em Hortense, abandonar a Inglaterra e

voltar à Jamaica realiza seu sonho de preencher o vazio da distância de suas raízes, satisfazendo-a em um de seus conflitos. O mesmo resultado não ocorre em relação à espera das realizações acreditadas em função da religião, ou seja, o salvamento depois do Dia do Juízo, mas a leva à realização pessoal de retorno ao seu país de origem.

Hortense, finalmente, não revela mudanças significativas relacionada à cultura que busca rememorar enquanto caribenha. A manutenção de traços jamaicanos limita sua aceitação do comportamento inglês mantido até o fim. Sua capacidade de negociar aspectos culturais limita-se à relação que estabelece com um inglês, Ryan Topps, de mútuo auxílio e companhia, mas a recusa em miscigenar ‘raças’ é estabelecidamente uma constante, o que a leva a negar o casamento da própria filha.

De maneira mais compreensiva, o modo de lidar de Hortense com a neta Irie demonstra, que com o passar do tempo, a sua capacidade em aceitar diferenças étnicas aumenta, tornando-a mais tolerante do que com a filha Clara. Espelhando uma relação familiar que muda ao longo do tempo, a aceitação da convivência entre etnias distintas aumenta gradualmente com a chegada do envelhecimento dela.

Paralelamente a forma com que o tempo auxilia na aceitação das diferenças culturais em se tratando de Hortense, o posicionamento da próxima geração caribenha também é outro. A filha Clara Bowden possui, então, *maior capacidade de equilibrar aspectos étnicos* caribenhos, ao passo em que usufrui de algumas vantagens encontradas no contexto ocidental, permitindo a elevação de seu status de mulher e alcançando certa independência diante da sociedade.

Marcada por uma ambivalência característica, Clara afasta-se das limitações impostas pela mãe, especialmente baseadas na religiosidade extremista, libertando-se das amarras religiosas que reportam à conversão colonizadora de suas ascendentes. Afugentando-se do comportamento limitador imposto pela mãe e depois pelo namorado, Clara consegue arriscar uma relação mais estável com Archie, o qual lhe garante mais autonomia, reportando-a a uma relação desigual entre etnias.

Não por seu próprio comportamento para com a esposa, mas sim refletindo o caráter exótico de Clara, além de presenciar momentos nos quais a ‘diferença racial’ é relembrada, Archie representa a continuidade do olhar diferenciador de culturas, ou ao

menos auxilia a retratar tal fato. Todavia, *a capacidade de Clara em lidar com uma cultura e etnia* que não a sua original, mesmo diante de demonstrações de desigualdade, é maior do que a percebida com Hortense.

No entanto, não somente o casamento com um inglês marca a abertura cultural mais abrangente de Clara, mas também o relacionamento estabelecido com a família Iqbal, também imigrante, demonstra como *uma nova geração consegue lidar com mais naturalidade com a pluralidade étnica*, da mesma forma que o desapego aos laços culturais não é um fato causador de conflitos tão profundos já em Clara como na mãe Hortense.

Ainda mantendo características ligadas à aparência física, Clara não promove a manutenção ferrenha dos traços étnicos ao relacionar-se com Archie. Mais propensa a usufruir de benefícios como educação formal e estabilidade garantida pelo marido inglês, Clara tende a *assumir traços ocidentais no que tange a seu comportamento, mas não exatamente de forma a recusar sua própria etnia*. Ela consegue fazer parte de um contexto ocidental, de maneira que seu posicionamento seja aceito na sociedade da qual faz parte agora, distancianado-se não exatamente da cultura original, mas consegue libertar-se do fundamentalismo religioso limitador de suas ações pessoais.

Diante de um caráter não exatamente conflituoso, consigo mesma ou com o ambiente, Clara consegue *um patamar de negociação maior* do que sua mãe Hortense. Entretanto, a terceira geração Bowden figurada por Irie, segunda geração diaspórica e mais jovem, obtém ainda maior abertura para lidar com a dualidade de influências culturais que delineiam sua identidade.

Já nascida em um ambiente marcado pela presença da pluralidade de etnias, Irie cresce em meio à variedade étnica e distante da cultura caribenha por conta do desapego de Clara. O pouco contato com a avó Hortense é o que provavelmente a guia para a curiosidade das características jamaicanas de sua descendência, que ela percebe sempre hostilizada no ambiente inglês. Ao conviver com a família Iqbal, compreende que o contexto social nega não somente seus traços caribenhos, mas qualquer diferença étnica que distancie os descendentes do conceito de ‘pureza de raça’ construída e superior.

Ao assimilar que seus traços são notadamente rejeitados pelos padrões ocidentais, e contraditoriamente exotizados por ele, no discurso de Marcus Chalfen, Irie busca a

aceitação social no intuito de satisfação pessoal. Criticada por sua conduta de rejeição da etnia familiar, Irie percebe que sua realização pessoal passa necessariamente *por aceitar e valorizar a própria história e etnia*.

Assim, Irie consegue lidar com ingleses, bangladeshianos e jamaicanas que bem negociam ou não sua diversidade cultural, atingindo um posicionamento que passa por conflitos, embora alcance a serenidade em relação às diferenças que a rodeiam. Ela ainda desmistifica a teoria da pureza de raças e conflitos culturais com sua filha. E ao decidir viver com o parceiro inglês de volta à terra natal da família, retrata a grandiosa mudança e descobrimento de sua identidade pessoal miscigenada, mas não mais conflituosa.

Com grande sucesso ao equilibrar suas influências culturais, Irie simboliza a maior escala de negociação cultural na narrativa, *pois não somente aprende a como lidar com as diferenças como também vivencia as mesmas*. Afastando-se da Inglaterra em busca de realização pessoal, levando consigo Joshua e Hortense, em sinal de representatividade de ambas as etnias que a compõe, junto com a filha de um dos gêmeos bangladeshianos. Assim, encontra-se em sua condição miscigenada e completa seu trajeto antes conflituoso em relação às identidades culturais que a cercam.

A condição da presença de culturas exógenas no contexto social inglês influencia, também, os indivíduos locais, fazendo com que suas posturas diante da variedade étnica revelem posicionamentos que valorizem ou inferiorizem culturas imigrantes. A família Chalfen representa posicionamentos distintos relacionados a tal fato, especialmente representados pelos pais Marcus e Joyce de maneira distinta da do filho mais velho, Joshua.

A dificuldade de Marcus e Joyce Chalfen não se encontra exatamente na convivência com a pluralidade étnica, mas sim na valorização das culturas em um patamar de igualdade. Propensos à convivência com jovens das famílias Iqbal e Bowden, Marcus e Joyce Chalfen pregam sua abertura social para outras culturas, mas *reiteram*, dissimulada ou esclarecidamente, *as condições de inferioridade de cada etnia*.

Perpetuando a posição elevada da ‘raça branca’ diante dos chamados ‘negros britânicos’, ou seja, os imigrantes e descendentes, os pais ingleses demonstram um posicionamento verdadeiramente distante do discurso que sustentam. Impossibilitados de

negociar suas características inglesas com o reconhecimento valorativo dos jamaicanos e bangladeshianos, a tolerância do que se considera superior choca-se diretamente com o discurso igualitário que só se percebe em palavras.

Revelado em palavras e em ações, o preconceito velado vem à tona em agressões constantes, em especial do filho mais jovem, sempre com a tentativa de mascaramento por parte da mãe Joyce. Na tentativa de convencer que a família Chalfen é compreensiva às diferenças e convivalidade multiétnica, a herança de superioridade cultural repetidamente aparece no comportamento dos Chalfens, *marcando a impossibilidade de real negociação com as culturas exógenas.*

A constante persuasão, por meio de um discurso de reconhecimento da pluralidade, que os Chalfens são abertos à variedade cultural, o comportamento real e por vezes desacortinado no próprio discurso comprova o contrário, um cientista e uma botânica que reiteram sua superioridade, principalmente intelectual, sobre outros indivíduos exotizados em suas diferenças étnicas e de instrução necessária.

O argumento instrução, antes usado também na colonização de etnias julgadas inferiores, volta a permear as relações desiguais entre as culturas que agora estão no ambiente hegemônico em si. Assim, em relação aos pais Chalfen, *não há sucesso em negociar traços culturais*, não simplesmente porque os ingleses não reconhecem ou valorizam os exógenos e descendentes, mas também por conta do constante revelar da superioridade que ainda perpetuam.

Marcus e Joyce, portanto, continuam ligados as próprias características ocidentais sem a influência real dos indivíduos diaspóricos. A convivência pauta-se na simples tolerância, que por si já revela a posição superior do que tolera ao que é tolerado.

Sem conflitos aparentes por conta de tal postura, o filho mais velho Joshua Chalfen assume um comportamento distante dos pais ao conviver com as famílias Bowden e Iqbal, simbolizando um pólo de negociação mais real. O reconhecimento das culturas diferentes da sua, seus traços característicos e valores bangladeshianos, por meio da rivalidade com

Millat, ou caribenhos, na paixão por Irie, impedem que Joshua fique alheio às influências que os descendentes exercem sobre ele.

Com *maior abertura diante das culturas* que estão presentes em seu cotidiano, Joshua não assume a mesma postura de superioridade que os pais diante dos descendentes. Contrariamente, o respectivo jovem aceita e *reconhece o valor das mesmas*, marcando um posicionamento mais ligado ao modelo integracionista que destaca não somente a presença, bem como o valor das etnias exógenas no contexto social inglês.

Ao valorizar cada uma das culturas com as quais convive, Joshua consegue, com sucesso, manter sua identidade inglesa diante do reconhecimento da diversidade. Com *capacidade de lidar com as diferenças*, a trajetória do jovem leva-o à maior independência e liberta-o dos pontos-de-vista familiares julgados impróprios, alcançando mais satisfação pessoal ao assumir sua relação com Irie e decidir ficar com ela longe da Inglaterra.

Joshua Chalfen exemplifica, assim, *o sucesso das negociações culturais de forma que a identidade pessoal e cultural inglesa não seja alterada, mas sim enriquecida com as influências de culturas diferentes*. Aumentando sua percepção da realidade por conta da convivência com outras etnias, Joshua consegue manter seus próprios traços ocidentais ao mesmo tempo em que convive, interagindo socialmente de maneira positiva com outras culturas.

Representando o sucesso na interação social que reconhece e valoriza os traços culturais diferentes, Joshua não assume a postura conflituosa por conta de negociações culturais. Por mais que a relação com Millat seja pautada em ciúmes, é perceptível que a força do bangladeshiano baseia-se em sua rebeldia tanto quanto os traços físicos, aspectos tais absolutamente reconhecidos por Joshua, da mesma forma que os encantos de Irie.

Ao decidir afastar-se da própria família em busca de maior satisfação ao lado da descendente, Joshua finalmente atesta que as diferenças étnicas influenciam seu posicionamento diante do mundo. Abandonando a família não somente por conta do comportamento eurocêntrico diante dos outros, mas também por traços de próprios da família Chalfen diante da realidade, Joshua enriquece a si mesmo buscando sua liberdade e independência, inegavelmente influenciado pela paixão por Irie e o modelo de rebeldia de Millat.

Integrante de uma nova geração, mais jovem e que desde cedo convive com as diferenças culturais no dia a dia, Joshua representa uma postura diante da pluralidade étnica presente no ambiente hegemônico de igualdade e valorização de traços próprios na busca de aprimoramento das experiências sociais. Com o inevitável fato da presença diaspórica na contemporaneidade, os efeitos da convivência multicultural continua delineando, tanto as relações individuais como todo o contexto, abrindo-se em possibilidades diferentes de negociações culturais, quanto os efeitos produzidos pelas mesmas nos indivíduos componentes da sociedade.

4.3 – Temas futuros

Vários temas e desenvolvimentos literários poderiam ser ainda discutidos além do assunto em pauta realizado na presente dissertação. Por fim, entende-se que o caráter multicultural de países ocidentais na contemporaneidade não se limita somente às relações entre indivíduos. Muito além da interação social como membros de uma mesma sociedade, percebe-se que as relações de classes sociais permeiam as condições dos indivíduos em quaisquer das posições, como imigrantes, descendentes ou nativos do contexto hegemônico, neste caso.

White Teeth (2000) discute, então, não apenas a forma com que os indivíduos lidam entre si, ou apenas as maneiras com que o preconceito ‘racial’ é perpetuado pelo discurso e comportamento eurocêntrico, mas, em um plano profundo, toda a configuração social que relega às etnias exógenas e descendentes as posições inferiores de emprego e status social, por exemplo, que auxiliam na manutenção da distância social entre ‘brancos’ e ‘negros’ que sempre convivem, partilham e integram a realidade social.

Muitos dos conflitos e das negociações entre culturas passam, portanto, pela posição que os indivíduos de cada etnia ocupam na configuração social, não sendo apenas a cultura exógena ou não o fator responsável pelo sucesso ou insucesso das relações entre os indivíduos. Fato este, que leva à necessidade de *estudo das camadas sociais* juntamente

com as etnias, no que se refere a estudos culturais, ampliando o campo de fatores para as análises de comportamento e reação sociais.

Ainda pautados na herança de dominação colonial, percebe-se que em *White Teeth* (2000), o fator social também influi na configuração das *identidades dos indivíduos*, estendendo-se aos fatores como educação formal, fundamentalismo religioso, relações matrimoniais, violência e outros aspectos como um todo. Tais fatores, então, podem e devem, em outro momento, ser pensados por outros olhares e não apenas o étnico.

Por outro lado, percebe-se que a *visão multicultural passa por momentos distintos* quando se comparam um posicionamento de otimismo e integração, agregando as diferenças étnicas com o intuito de aproximar as culturas, da posição mais objetiva de encarar os problemas causados por efeitos negativos da convivência entre culturas. Violência extrema, agressões de variadas formas e enfraquecimento nacional por conta da diversidade estão presentes em posicionamentos contrários à convivência pacífica e positiva entre etnias variadas, causando olhares de repúdio às políticas integracionistas são representados em fatos históricos como atentados terroristas, por exemplo, uma fonte de argumentos que, muitas vezes, alavancam reações contrárias ao que se busca positivamente com a política multicultural integracionista.

Finalmente, muitos aspectos ligados ao Multiculturalismo ainda permeiam discussões mais profundas, que não podem ser descartadas em estudos mais abrangentes e interessados em análises futuras. Ao se pensar que as sociedades não são estanques em si, que fatos como a globalização e a contemporaneidade sem mais limites geográficos estão interligando países e pessoas de maneira inegável, *as relações sociais parecem estar à mercê das mudanças com parecida intensidade*.

Assim, o olhar otimista do Multiculturalismo seria ainda um ponto a ser defendido sem hesitar, ou novos acontecimentos dão o direito de novos olhares sobre políticas sociais que parecem não ter obtido o sucesso almejado? Qual é a vertente da literatura diante desse novo ambiente?

De qualquer forma, a busca pela igualdade e reconhecimento da diferença, valorizando-a sem retroceder aos parâmetros injustos e degradantes de etnias ou culturas destacam-se na era contemporânea. Preconceito e desigualdade não mais são toleráveis

depois dos avanços em variadas áreas sociais em busca de indivíduos mais seguros e independentes, agregando valor e produtividade baseados em suas experiências únicas de vida. E com constantes avanços, não ainda suficientes, com o objetivo de convivência social de mais qualidade para todos, validar as diferenças culturais continua parte importante de um percurso em busca de satisfazer as necessidades de todos.

REFERÊNCIAS

<http://www.goodreads.com/book/show/3711.White_Teeth?page=1> Acesso em 01/mar/2011.

<<http://australia.gov.au/about-australia/our-country/our-people>> Acesso em 11/mai/2011.

<<http://noticias.terra.com.br/mundo/noticias/0,,OI2485162-EI294,00-Reino+Unido+criara+prova+para+imigrantes+que+queiram+cidadania.html>> Acesso em 10/mai/2011.

<http://www.amazon.com/White-Teeth-Novel-Zadie-Smith/dp/product-description/0375703861/ref=dp_proddesc_0?ie=UTF8&n=283155&s=books&qid=1300060933&sr=1-1> Acesso em 13/mar/2011.

<http://www.canadainternational.gc.ca/brazil-bresil/about_a-propos/culture.aspx?lang=por> Acesso em 12/mai/2011.

<<http://www.contemporarywriters.com/authors/?p=auth257>> Acesso em 01/mar/2011.

<http://www.crc.nsw.gov.au/multicultural_policies_and_services_program_formally_eaps/terminology> Acesso em 06/mar/2011.

<http://www.pbs.org/wgbh/masterpiece/teeth/ei_smith_int.html> Acesso em 04/mar/2011.

<http://www.reviewsofbooks.com/autograph_man/> Acesso em 04/mar/2011.

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u508325.shtml>> Acesso em 09/mai/2011.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. *Post-Colonial Concepts: the key concepts*. London: Routledge, 2000, p.60-2.

ATTINASI, J. Academic achievement, culture and literacy. Disponível em <<http://www.eric.ed.gov/PDFS/ED387574.pdf>> Acesso em 08/mar/2011.

BHABHA, H. K. Interrogando a identidade: Frantz Fanon e a prerrogativa pós-colonial. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p.70-104.

BONNICI, T. Teoria e crítica Pós-Colonialistas. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. (Org) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p.257-286.

CEVASCO, M. E. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. (Org) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EDUEM, 2009, p.319-325.

CORREIA, Alberto. Ensopadinho cultural. 2011. Disponível em: <<http://saladacorporativa.com.br/2011/03/ensopadinho-cultural/>> Acesso em: 12/mar/2011.

FIORILLO, M. P. Conviver é preciso. Disponível em: http://veja.abril.com.br/260303/p_110.html. Acesso em 01/mar/2011.

GATES JR, L, H.L. The science of racism. Disponível em < <http://www.theroot.com/views/science-racism> > Acesso em 09/mai/2011.

GILROY, P. *O Atlântico Negro*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

GRANDE ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. São Paulo: Ed. Plural, 1995.

GROSSMAN, L. *White Teeth*. Disponível em: http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,1951793_1951946_1952893,00.html > Acesso em 04/mar/2011.

GUTERMAN, M. Multiculturalismo está em baixa na Europa. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/marcos-guterman/multiculturalismo-esta-em-baixa-na-europa>> Acesso em 09/mai/2011.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 103p.

HALL, S. A questão multicultural. In: HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 25-50.

HALL, S. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, S. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 25-50.

HEAD, D. Zadie Smith's *White Teeth*: Multiculturalism for the millennium. In: LANE, R. S. *Contemporary British Fiction*. Cambridge: Polity Press, 2003, p. 106-119.

HECKMANN, F. Multiculturalism defined seven ways. Disponível em <<http://www.thesocialcontract.com/pdf/three-four/Heckmann.pdf>> Acesso em 07/mai/2011.

HEIDEGGER, M. O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

HOUAISS, Dicionário de Língua Portuguesa. SP. 2004.

LONGMAN Contemporary English Dictionary. 3rd Ed. Clays. England, 1995.

LOWE, J. No more lonely Londoners. Disponível em <http://muse.jhu.edu/journals/small_axe/toc/smx5.1.html> Acesso em 18/fev/2011.

MODOOD, T. Multiculturalism, citizenship and national identity. Disponível em <[http://www.arabphilosophers.com/Arabic/adiscourse/aeast-west/Modernity%20and%20Multiculturalism/Multiculturalism citizenship and national identity.pdf](http://www.arabphilosophers.com/Arabic/adiscourse/aeast-west/Modernity%20and%20Multiculturalism/Multiculturalism%20citizenship%20and%20national%20identity.pdf)> Acesso em 09/mai/2011.

MORELLI, A. Romance *Dentes Brancos*: com originalidade, Zadie Smith expõe diferenças culturais. Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/192/diversao_arte/livros_dentes_brancos.htm > Acesso em 04/mar/2011.

MOSS, L. The politics of everyday hybridity. Disponível em: <http://www.wasafiri.org/pages/content/index.asp?PageID=185> > Acesso em 11/jan/2011.

PHILLIPS, C. Kingdom of the blind. Disponível em <<http://www.guardian.co.uk/books/2004/jul/17/featuresreviews.guardianreview1>> Acesso em 09/mar/2011.

ROBERTS, D. A world without race: does Black nationalism have to go too? Disponível em < <http://bostonreview.net/BR31.1/roberts.php> > Acesso em 15/05/2011.

RODRIGUES, S. Bem-vinda, Zadie Smith. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/todoprosa/posts/bem-vinda-zadie-smith/>. Acesso em 01/mar/2011.

SAID, E. W. *Orientalismo*: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 13-39.

SCHLESINGER, A. The Cult of ethnicity: good and bad. Disponível em <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,973355-1,00.html>> Acesso em 29/mar/2011.

SEN, A. The uses and abuses of multiculturalism. Disponível em <<http://pierretristam.com/Bobst/library/wf-58.htm>> Acesso em 10/mai/2011.

SIVANANDAN, A. Britain's shame: from multiculturalism to nativism. Disponível em: <<http://www.irr.org.uk/2006/may/ha000024.html>> Acesso em 11/mai/2011.

SMITH, A. *Dentes Brancos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 517p.

SMITH, Z. *White Teeth*. London: Penguin, 2001. 542p.

STRATTON, J; ANG, I. Multicultural imagined communities: cultural difference and national identity in Australia and the USA. Disponível em <<http://www.mcc.murdoch.edu.au/ReadingRoom/8.2/Stratton.html>> Acesso em 09/mai/2011.

THE NEW ENCYCLOPAEDIA Britannica. 15th edition. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1993.

WACQUANT, L. Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200006> Acesso em 31/mai/2011.

WIEVIORKA, M. Is multiculturalism the solution? Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/014198798329702>> Acesso em 07/mai/2011.